FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
NÚCLEO DE CIÊNCIAS HUMANAS
MESTRADO ACADÊMICO EM LETRAS

MARIA DA GRAÇA MARTINS

A AQUISIÇÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA POR IMIGRANTES HAITIANOS EM PORTO VELHO

Porto Velho
2013

MARIA DA GRAÇA MARTINS

A AQUISIÇÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA POR IMIGRANTES HAITIANOS EM PORTO VELHO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Rondônia, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras da linha de pesquisa de Estudos descritivos e aplicados de Línguas e Linguagens.

Orientadora: Dra. Odete Burgeile

Porto Velho

2013

FICHA CATALOGRÁFICA

BIBLIOTECA PROF. ROBERTO DUARTE PIRES

M3865a

Martins, Maria da Graça

A aquisição da língua portuguesa por imigrantes haitianos em Porto Velho / Maria da Graça Martins. Porto Velho, Rondônia, 2013.

85f.

Dissertação (Mestrado em Letras) Fundação Universidade Federal de Rondônia / UNIR.

Orientadora: Profa. Dra. Odete Burgeile

1. Aprendizagem 2. Aquisição da língua adicional 3. Segunda língua 4. Português 5. língua adicional - haitianos I. Burgeile, Odete II. Título.

CDU: 811(811.1)

Bibliotecária Responsável: Ozelina Saldanha CRB11/947

MARIA DA GRAÇA MARTINS

A AQUISIÇÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA POR IMIGRANTES HAITIANOS EM PORTO VELHO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Rondônia, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras da linha de pesquisa de Estudos descritivos e aplicados de Línguas e Linguagens.

Data de aprovação: ____/____/_____

_____

Profa. Dra. Odete Burgeile (orientadora)

_____

Profa. Dra. Marília Pimentel

_____

Profa. Dra. Neusa dos S. Tezzari

AGRADECIMENTOS

A meu pai, Moisés do Nascimento Martins, que me garantiu a integridade física, psicológica e moral que, com seu exemplo, me mostrou o que é ser honesto, persistente, humano e apaixonado por tudo o que faz e que, com suas histórias, me fez ansiar por conhecer mais essa maravilhosa língua.

A minha mãe, Maria e Fátima da Eira, que me ensinou que, para ser feliz, eu precisaria aprender a pensar por mim mesma e que estudar seria a única maneira de garantir essa possibilidade.

A minhas irmãs, Marta e Aparecida, que me acompanharam em grandes aventuras.

A meus filhos, a quem tantas vezes negligenciei por causa da paixão pelo que faço, e que sempre me deram forças para prosseguir. A Lívia, em sua eterna procura por um rumo, cigana como a mãe. E ao Daniel, ainda conjecturando o que o futuro pode vir a ser.

A meu ex-marido, Paulo Rogério José, que no caminho que escolhemos, me possibilitou sempre fazer o que fosse necessário para evoluir.

A minha querida orientadora, profa. Dra. Odete Burgeile que, com toda a paciência do mundo, soube me apressar e me deter sempre que foi necessário. Com sua inteligência e senso do detalhe, ela tornou esta dissertação possível.

Ao professor Dr. Júlio Rocha, um dos idealizadores (resultado de conversas e reuniões de longa data) deste programa de mestrado, por todo o apoio e orientação.

Aos professores do programa do Mestrado em Letras

Aos professores do Departamento de Línguas Vernáculas, profas. Dras. Socorro Beltrão, Iracema Gabler, Nair Gurgel, Neusa Tezzari, Marília Pimentel, colegas de longa data, inspiração para o trabalho sempre prazeroso.

Aos docentes do Departamento de Línguas Estrangeiras meus agradecimentos pela liberação para cursar o mestrado. (mesmo sendo aqui tem a tramitação e sem isso nada seria possível !!!).

Aos amigos do Departamento de Línguas Estrangeiras, sempre tão generosos e colaboradores, Miguel Nenevé, Carla Martins, Walter Souza, Alice Sabaini.

A minhas companheiras de longa data Cristina e Iracema, sempre juntas nas estradas da vida.

Aos colegas do curso de mestrado, especialmente à Tânia Paes, companheira dos trabalhos e discussões mais acalorados desta etapa de nossas vidas.

Quantos Haitis?

No Dia de Todos os Santos de 1755 Lisboa foi Haiti. A terra tremeu quando faltavam poucos minutos para as dez da manhã. As igrejas estavam repletas de fiéis, os sermões e as missas no auge…

...Esses são os Haitis que há que salvar. Há quem diga que a crise económica veio corrigir o rumo suicida da humanidade. Não estou muito certo disso, mas ao menos que a lição do Haiti possa aproveitar-nos a todos. Os mortos de Porto Príncipe foram fazer companhia aos mortos de Lisboa. Já não podemos fazer nada por eles. Agora, como sempre, a nossa obrigação é cuidar dos vivos.

José Saramago

RESUMO

Este trabalho nasceu do interesse pela recente leva de estrangeiros que chegam a Porto Velho sem falar português. Coube à pesquisadora empreender esforços no sentido de conhecer os haitianos de Porto Velho, Rondônia, em 2012, nos seus aspectos linguísticos, históricos e culturais, fornecendo subsídios ao estudo do processo de aquisição, aprendizagem e ensino de Língua Portuguesa como Língua Estrangeira/Língua Adicional. A partir dessa aproximação, esperava-se descrever as interferências da língua falada pelos haitianos (francês e crioulo francês do Haiti) no português, registrando alguns aspectos históricos e culturais desse grupo. Para alcançar os objetivos propostos, foi realizada uma pesquisa de cunho etnográfico utilizando as técnicas de entrevistas, rodas de conversa e observação participante, envolvendo encontros para observação e diálogos com haitianos, residentes em Porto Velho, pelo período de aproximadamente um ano, mas que não frequentaram aulas de língua portuguesa. Dos vários estudiosos abordados, usamos as questões relativas à aquisição das línguas, sejam elas a materna ou as subsequentes (CHOMSKY, 1975; KRASHEN, 1987; ELLIS, 1985); o contato entre as línguas e os fenômenos de natureza extralinguística que permeiam a convivência entre códigos linguísticos diversos e condicionam a interferência para explicar os processos estruturais identificados na fala de indivíduos bi ou plurilíngues (WEINREICH,1953); a definição de empréstimos linguísticos (CALVET, 2002; CARVALHO, 1989); o modelo para a descrição dos empréstimos no processo de adaptação e integração (BURGEILE,1989, 2009). Algumas características da interlíngua foram registradas, tais como a utilização do [r] que é realizado como [l] em *amalelo,* como o [ɹ] retroflexo (aquele r caipira) ou simplesmente não ser pronunciado. Os empréstimos linguísticos e o uso de palavras do francês ou espanhol em meio às palavras em português são muito frequentes. Essas alternâncias de código são consideradas proveitosas num determinado momento da aquisição, mas precisam ser monitoradas a fim de que não se tornem fossilizadas, ou seja, não se perpetuem no uso do português por estes falantes

Palavras-chave: Aprendizagem; Aquisição de Língua Adicional; Português como Língua Adicional; Haitianos.

ABSTRACT

This work was generated from the interest in a recent wave of foreigners arriving in Porto Velho who did not speak Portuguese. It was up to the researcher to undertake efforts in order to meet Haitians in Porto Velho, Rondônia, in 2012, addressing their linguistic, cultural and historical aspects, providing subsidies for Portuguese as an FL / AL acquisition, learning and teaching process study. Through this approach, it was expected to describe the mother tongue interference (French and Haitian Creole French) in Portuguese language by reporting the historical and cultural aspects of Haitians. To achieve the proposed objectives, a survey was conducted using ethnographic interview techniques, through conversations and participant observation, involving meetings for observation and conversations with Haitians living in Porto Velho for a period of one year, but who did not attend Portuguese language classes. The theoretical contributions of sociolinguistics were used in order to understand the linguistic phenomena detected in the research. Applied Linguistics was used to understand the issues relating to the acquisition of languages, be they native or subsequent. Weinreich (1953), Labov (1966, 1971), Calvet (2002), Carvalho (1989) Cotinguiba and Pimentel (2012), Tarallo (1987) and Burgeile (2009), Krashen (1987) among other authors supported the analysis. Some of the interlanguage characteristics were recorded, such as the use of r which can be realized as "l" in amalelo as a retroflex, or it may simply not be pronounced. The loanwords, using words from French or Spanish instead of the words in Portuguese, and the code switchings are common and considered useful at a particular time in acquisition, but they need to be monitored so that they do not become fossilized, ie they are not perpetuated in the use of Portuguese by these speakers

Keywords: Learning, Language Acquisition, Portuguese as an Additional Language, Portuguese, Haitians

SUMÁRIO

Lista de Ilustrações

APRESENTAÇÃO 4

SEÇÃO 1 IMIGRAÇÃO DOS HAITIANOS PARA PORTO VELHO 13

1.1 Condições Sociais no Haiti 13
1.2 Migração para Rondônia 19
1.3 Migração para Porto Velho 20
1.3.1 Os Trabalhadores da E.F.M.M. 22
1.3.2 Os Haitianos 24
1.3.3 Metodologia da pesquisa 27
1.3.4 Perfil dos Informantes 33
1.3.5 As línguas faladas no Haiti 37
1.3.6 A Língua Portuguesa no Brasil 39

SEÇÃO 2 LÍNGUAS EM CONTATO E BILINGUISMO 43

2.1 Atitude Linguística 47
2.2 A Interferência 50
2.3 Empréstimo Linguístico 52
2.4 Alternância de Códigos (Code switching) 59

SEÇAO 3 AQUISIÇÃO DE PORTUGUÊS COMO LÍNGUA ADICIONAL 62

3.1 Aquisição de língua materna 63
3.2 Aquisição de Língua Adicional 66
3.3 Português como Língua Adicional 72
3.3.1 O ensino de Língua portuguesa como Língua Adicional 76

SEÇÃO 4 O PORTUGUÊS DOS HAITIANOS EM PORTO VELHO: VIDA NOVA 78

4.1 Empréstimo Linguístico 78
4.1.1 Supressão de fonemas 79
4.1.2 Alterações na pronúncia de fonemas 79
4.1.3. O léxico 84
4.1.4 Empréstimo morfossintático 85
4.1.5 Empréstimo Léxico-semântico 90

CONSIDERAÇÕES FINAIS 95

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA 100

ANEXOS 106

APÊNDICES 107

Lista de Ilustrações

Figura 1 - Autorizações de Entrada no Brasil Concedidas por País de Origem. .5

Figura 2 - Rota dos Haitianos até o Brasil.....8

Figura 3 - Busca de melhores oportunidades.....9

Figura 4 - Haitianos Invadem Porto Velho.....11

Figura 5 - Spanglish.....22

Figura 6 - regras aprendidas pelos melhores alunos e as regras usadas na performance.....25

Figura 7-Tabela comparativa da proximidade entre português e outras línguas26

APRESENTAÇÃO

A língua portuguesa, idioma oficial no Brasil, convive com várias comunidades falantes de línguas trazidas de outros continentes por imigrantes que enfrentam dificuldades dos mais diversos níveis para aprender a nova língua. Os japoneses, alemães, italianos, árabes, dentre outros, chegaram em grande número às regiões sul e sudeste no início do século XX. Mais recentemente, grande fluxo de coreanos, chineses e haitianos chegam ao país por todas as fronteiras. Assim, um fenômeno social vai se configurando, o bilinguismo/multilinguismo.

A crença em um suposto monolinguismo dominante no país desconsidera comunidades linguísticas minoritárias tais como as indígenas, os imigrantes, os surdos e outras, bem como as diversas variedades que se inter-relacionam de maneira nem sempre simples ou pacífica.

O estado de Rondônia é um dos mais jovens do país, existe oficialmente apenas desde 1982. Sua capital, Porto Velho, no entanto, tem pouco mais de um século de uma história bastante tumultuada e violenta, período em que índios e imigrantes tiveram sua identidade e, por consequência, sua língua desmerecida, segregada e, por fim, destruída, como atestam Teixeira e Fonseca (1998).

O ensino de língua portuguesa para estrangeiros em Porto Velho é uma questão incipiente. Ao menos no nível teórico, pouco se tem feito nessa área e o ensino é, em geral, efetuado de maneira intuitiva. Mesmo os falantes de língua espanhola, presentes em grande número na região devido à fronteira com a Bolívia e a proximidade com outros países de tradição hispânica da América do Sul, aprendem português na prática e carecem de estudos específicos que possam beneficiá-los direta ou indiretamente.

Nesse contexto, surge mais uma súbita leva de imigrantes estrangeiros. Um terremoto acontecido no Haiti no ano de 2010 agravou os sérios problemas já existentes por lá, que motivaram pedidos de ajuda humanitária e antes mesmo do terremoto justificavam a presença do exército brasileiro no país. Aqueles que puderam, emigraram em busca de melhores condições de sobrevivência. Procuravam lugares com boas chances de emprego para que pudessem ajudar os parentes que deixavam na terra natal.

A escolha pelo Brasil não levava em conta a diferença linguística, mas apenas as condições econômicas favoráveis. Conseguir meios de subsistência num país com língua estranha provou, no entanto, ser tarefa hercúlea, já que o Brasil, especialmente nas regiões de fronteira, não estava preparado para receber tamanha leva de franco-falantes. O problema se agrava especialmente porque o francês era até bem pouco tempo, a única língua oficial do Haiti, mesmo não sendo a língua mãe da grande maioria dos moradores da ilha, que falam, em suas casas, o crioulo francês. A longa e tortuosa viagem trouxe para o oeste do Brasil viajantes provenientes de regiões diversas, muitos tendo pouca escolaridade, vários deles ex-moradores da zona rural.

O contato frequente e variado com migrantes de várias regiões do Brasil, bem como de outros países me permite falar dessas levas de "estrangeiros" de forma bastante próxima, familiar por vezes. Portanto, creio que seja necessário utilizar, neste início de trabalho, a subjetividade, usando a primeira pessoa a fim de delimitar meu interesse pelo assunto tratado. Passarei, em seguida, a utilizar a visão mais científica, em que a objetividade será demonstrada, entre outros fatores, pela retomada da terceira pessoa do discurso.

Meu interesse pelas línguas vem de casa, desde muito cedo, era confrontada pela língua de meus pais, ambos portugueses e a da escola, que, embora muito próxima, tinha características bem distintas. Pela

minha própria experiência, sabia o que é ser imigrante, estrangeiro, tendo em vista que os portugueses são considerados burros, ignorantes. Assim era tratada desde que consigo recordar. Não que isso me incomodasse, entendi mais tarde, perfeitamente o conteúdo das piadas, porque ante o mundo urbano em que meus pais se alojaram, o olhar inocente dos ex-agricultores era constantemente confrontado pela modernidade da cidade grande. Minha mãe ainda repete com frequência: "Portugueses só nascem em Portugal, burros nascem em qualquer lugar."

São Paulo era uma cidade em expansão e recebia muitos imigrantes. Meu pai, que pouco falava, comunicava-se de maneira bastante eficiente com os vizinhos libaneses, japoneses e italianos.

Creio que isso determinou minha vontade de falar línguas, estudá-las, no entanto, foi quase acidental, entre a faculdade de tradução e a de Letras, optei por aquela em cujo vestibular passei primeiro. O ensino de línguas só passou a ser uma opção a partir de 1980, quando, durante o curso de graduação, tive a oportunidade de lecionar em escolas livres de idiomas. Inglês era a linha mestra de atuação, mas numa escola na Av. Paulista, centro de negócios internacionais, tive contato com japoneses que chegavam ao país a trabalho e precisavam refinar seu domínio da língua portuguesa. A tarefa provou-se instigante, uma vez que ensinar a língua nativa a um estrangeiro demonstrou a necessidade de distanciar-me da familiaridade com o português e experimentar o desconforto de ver a língua com os olhos do outro. O olhar para o português de fora, a visão da minha própria língua através do deslumbramento do falante estrangeiro trouxe questionamentos que me intrigam ainda hoje. Um falante nativo é incapaz de entender suas próprias dificuldades com a língua, considerando que não tem outros parâmetros com os quais compará-las. O exercício do confronto explica e ilumina certos aspectos problemáticos da aprendizagem da língua materna ao ensejar o estranhamento frente à língua adicional.

Durante minha extensa carreira docente, várias outras ocasiões surgiram, proporcionando elementos para a reflexão necessária sobre o ensino de português como língua estrangeira, tanto na prática, ensinando o idioma nacional a estrangeiros falantes de inglês ou indígenas aprendizes de português e inglês em Rondônia, como na teoria, trabalhando com formação docente na Universidade Federal de Rondônia.

A partir de 2011, envolta em minhas questões de pesquisa, relacionadas à aprendizagem de português por estrangeiros, percebi a emergência desse novo público interessado em aprender nossa língua, os haitianos recém-chegados, ainda pouco fluentes na língua portuguesa.

Estes imigrantes estavam alojados no ginásio Cláudio Coutinho, de forma improvisada, mas protegidos por políticas de imigração que limitavam inclusive os contatos externos. Foi preciso pedir autorização para falar com eles. Aos poucos, eles foram se acomodando e conseguindo empregos. A professora Marília Pimentel, do Departamento de Línguas Vernáculas na Universidade Federal de Rondônia, desenvolvia um projeto, realizado conjuntamente pelos Departamentos de Letras Vernáculas e História, em que os imigrantes aprendiam português e recebiam noções de cidadania.

Visitei as aulas de português incluídas no projeto, mas percebendo a formação de um grupo de pessoas novas na minha vizinhança, resolvi deslocar o foco do estudo para esses indivíduos, uma vez que a proximidade me permitiria uma observação mais sistemática. Aos poucos, fui conhecendo pessoas que me permitiram uma abordagem etnográfica interessante. Após a primeira vizinha, fui sendo apresentada aos demais membros do seu grupo de amigos que me aceitou e permitiu que realizasse uma pesquisa etnográfica. A observação de seus hábitos, as conversas e as entrevistas informais forneceram dados para reflexão posterior.

A primeira abordagem, que pretendia investigar o ritmo de aprendizagem intermediada pela escola acabou sendo substituída por um enfoque mais simples, em que os mecanismos de aquisição da língua portuguesa em ambiente natural, sem intervenção de um método formal de ensino pareceu mais interessante. Os meus vizinhos não frequentavam a escola, uma vez que seu interesse imediato era conseguir emprego e renda para manter-se por aqui. Acredito que o relato das observações realizadas sobre o comportamento destes aprendizes intuitivos poderá fornecer um parâmetro para comparações posteriores entre o ritmo e os resultados da aprendizagem versus aquisição.

Assim, para o trabalho de campo, não houve uma seleção prévia de sujeitos de pesquisa propriamente dita. Os pesquisados foram se apresentando espontaneamente, agregando-se ao grupo em função da rede de amizade estabelecida na vizinhança após sua chegada ao Brasil, chegando ao número de 06 entrevistados. Limitamos o número por desejar centrar a análise somente naqueles que estavam no Brasil há 01 ano porque o período foi suficiente para evidenciar os fenômenos propostos nos objetivos desta pesquisa. A pesquisadora era o elemento externo, que interagia e evitava interferir nos assuntos tratados entre eles.

Logo, conheci alguns haitianos que frequentavam um pequeno bar ao lado de minha casa todos os finais de tarde. Alguns já empregados e outros ainda na procura. Havia entre eles uma rede de amizade e especialmente de solidariedade. Discutiam problemas diários e perspectivas de melhora de vida: saudades da família e muitos outros assuntos que tentei acompanhar. A fim de validar a pesquisa, eles foram avisados antecipadamente sobre o cunho da pesquisa e quando solicitado, consentiram com a publicação dos dados recolhidos durante essas conversas.

A noção de redes sociais, que a sociolinguística aproveitou da antropologia, conduziu a seleção dos sujeitos para o trabalho. À primeira informante, foram se juntando outros participantes da rede de amizades estabelecida previamente entre eles. Todos tinham deixado família no Haiti e já se insinuavam na expressão em português.

As redes sociais, antes mesmo da era da internet, eram tratadas pela Antropologia e Sociologia como meio de mapear as relações familiares durante estudos de campo. Temos exemplos de relações que incluem laços familiares, laços de amizade, contextos de trabalho, confiança, dependência. Wasserman e Faust, (1990, p. 20) as distinguem em redes fortes e fracas. Elas fornecem um mecanismo flexível de organização social e permitem pensar / analisar esta organização social são uma forma de estudar as interações e organizações sociais do dia a dia.

As conversas foram evoluindo e poucas vezes consegui fazer com que falassem sobre os motivos para virem para o Brasil. O terremoto era assunto evitado a todo custo. Só comecei a entender o motivo quando estava na manicure, quando uma das haitianas que também estava lá recebendo o tratamento da manicure era questionada por outra cliente sobre o desastre. Ela não queria falar a esse respeito e a cliente disse que não entendia porque, já que um vizinho dela falava muito sobre o assunto. A haitiana perguntou se o conversador era de Porto Príncipe e quando a cliente respondeu negativamente, ela completou. “Então, é por isso que ele fala. É porque ele não estava lá.”

Uma das premissas da pesquisa sociolinguística citada por Labov (1966) é que o entrevistado falará livremente se perguntarmos a ele sobre algum fato marcante, traumático de sua vida. A emoção causada pelo evento fará com que ele esqueça os cuidados com sua forma de expressão e sua língua será a mais natural possível. Os imigrantes que entrevistei, no entanto, evitavam falar dos acidentes naturais que os

levaram a abandonar sua terra. Quando, certo dia, consegui fazer com que a informante 1 chegasse ao assunto, ela começou, mas não conseguia se desligar da imagem que descrevia repetidas vezes:

> [...] tinha uma mulher grávida morta na frente da minha casa, ela tinha dois bebês na barriga. Sei que era dois porque quando ela ia se desmanchando dava pra ver os dois. Ninguém tirava ela de lá.

A informante não conseguia parar de falar daquilo nem mudar de assunto. Visivelmente abalada, em choque ainda, mais de um ano após o ocorrido, tivemos que encerrar a conversa por ali.

Tornou-se óbvio que seria necessário utilizar outras abordagens. Passamos a conversar, então, sobre alimentação, festas, relações familiares, trabalho, expectativas para o futuro.

Este trabalho de pesquisa justifica-se, portanto, pela atualidade do problema, abordado na prova de redação do ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio, 2012), o que demonstra sua força e abrangência. É necessário buscar meios de explicar e sanar as dificuldades na aprendizagem de português, possibilitando a esses imigrantes condições mínimas de uma vida digna. Eles têm urgência em dominar a língua portuguesa a fim de melhor comunicar-se com os brasileiros, a fim de conseguir emprego e meios de subsistência para si e para os que deixaram em seu país natal. Aprender a língua portuguesa é um imperativo imediato.

Assim, este trabalho persegue o objetivo geral de conhecer os haitianos de Porto Velho, Rondônia, em 2012, nos seus aspectos linguísticos, históricos e culturais, fornecendo subsídios ao estudo do processo de aquisição, aprendizagem e ensino de Língua Portuguesa-LP como Língua Estrangeira (doravante LE)/Língua Adicional (doravante LA).

Os objetivos específicos são: 1. Descrever as interferências da língua materna (francês e crioulo francês do Haiti) na expressão oral do português. 2. Observar os aspectos históricos e culturais dos haitianos.

Com essa finalidade, foi realizada uma pesquisa de cunho etnográfico, metodologia muito utilizada para pesquisa em sociolinguística. As técnicas de entrevistas, rodas de conversa (*circle time*) e observação participante envolveram encontros para observação e diálogos com haitianos, residentes em Porto Velho há cerca de um ano, que não frequentaram aulas de língua portuguesa. Buscou-se identificar os fenômenos de interferência das características da língua original na língua que estão aprendendo de forma intuitiva, natural, sem interferência do ensino formal. Os informantes foram escolhidos de acordo com a sua rede de amizade. A observação da dinâmica dos relacionamentos sociais demonstrou que os haitianos se visitavam regularmente, em horários específicos. Eu esperava encontrá-los reunidos, pedia autorização e participava das rodas de conversas.

A partir dessa observação, foram constatados diferentes níveis de domínio da língua portuguesa, o que levou à seleção de parte dos participantes que tinham diferentes níveis de domínio linguístico do português, mas que estavam expostos à língua portuguesa pelo mesmo período de tempo. A análise dessa heterogeneidade levou à reflexão apresentada neste trabalho.

Os aportes teóricos da sociolinguística foram utilizados a fim de compreender os fenômenos linguísticos detectados na pesquisa. A Linguística Aplicada foi utilizada para compreender as questões relativas à aquisição das línguas, sejam elas a materna ou as subsequntes. Weinreich (1953), Labov (1966, 1971), Calvet (2002), Carvalho (1989), Cotinguiba e Pimentel (2012), Tarallo (1987) e Burgeile (2009), Krashen (1987) entre outros deram suporte à análise realizada.

Na primeira seção, são tratadas as condições de vida e de sobrevivência dos que se encaminharam a Porto Velho para buscar meios de subsistência, suas principais dificuldades em relação à aprendizagem de português e a convivência com moradores da cidade. Ao final da seção está a caracterização de alguns desses imigrantes que participaram desta pesquisa, suas ideias e opiniões sobre o país que escolheram para reconstruir sua vida.

Na segunda seção estão as teorias de Uriel Weinreich (1953), precursor da sociolinguística, e sua contribuição para a compreensão do bilinguismo. O contato entre as línguas e os fenômenos de natureza extra-linguística que permeiam a convivência entre códigos linguísticos diversos e condicionam a interferência são abordados a fim de explicar os processos estruturais identificados na fala de indivíduos bi ou plurilíngues. Calvet (2002) e Carvalho (1989) também contribuem para o entendimento do fenômeno estudado, ao tratar os empréstimos linguísticos.

Há ainda uma breve revisão da literatura em que são apresentadas as correntes da linguística aplicada em que se discutem as teorias de aquisição e aprendizagem de língua materna, língua adicional e língua estrangeira, tais como as apontadas por Chomsky, Krashen e Ellis.

Finalmente, na terceira seção, encontra-se a apresentação dos resultados das entrevistas e a análise das manifestações orais dos informantes, discutindo-se em seguida, nas considerações finais, sua relevância para a compreensão da natureza dos fenômenos envolvidos na aquisição de português para estrangeiros.

Ao tratar a questão da aquisição de língua portuguesa por imigrantes haitianos, este trabalho de pesquisa aproxima a universidade da comunidade à medida que, usando o viés da inclusão social, analisa as dificuldades e sucessos do aprendiz, recém-chegado ao país. Visando a inclusão social do imigrante, busca proporcionar uma reflexão

preliminar sobre a aprendizagem de português, ferramenta básica para a qualificação desses estrangeiros e consequente obtenção de emprego e renda, garantindo condições de vida digna. Fomentando sua integração à sociedade, a universidade poderá agir ativamente em favor da comunidade portovelhense como um todo.

1. IMIGRAÇÃO DOS HAITIANOS PARA PORTO VELHO

1.1 As Condições Sociais no Haiti

O Haiti está situado na parte oeste de uma ilha que abriga também a República Dominicana. É um país convulsionado por ideais revolucionários e contradições históricas.

Em 1492, Cristóvão Colombo chegou à ilha que denominou *La Española.* A região era habitada por povos arawak e taino. Seus moradores a denominavam *Ayiti.* Como o Brasil, foi inicialmente colonizada pelos europeus que usavam a mão de obra local, escravizando os indígenas na exploração do ouro. Como atesta Matijascic (2009), no século XVI, o cultivo de cana-de-açúcar substituiu a exploração mineral. A resistência dos autóctones culminou com o suicídio coletivo e posterior massacre dos rebeldes. Para continuar a exploração, os espanhóis trouxeram da África, a partir de 1517, cerca de trinta mil homens para a lavoura de cana de açúcar. A produtividade acabou por despertar a cobiça dos franceses, que acabaram por tomar a colônia, no século XVII.

Para assegurar o domínio, Matijascic relata que a colônia era controlada com mãos de ferro e a sociedade era dividida em cinco níveis hierárquicos que mantinham no topo os “grandes brancos”, europeus proprietários das monoculturas; logo abaixo, os funcionários da administração francesa; no terceiro nível, os brancos pobres, professores e artesãos; abaixo deles, os mulatos e finalmente, na base, os escravos.

Com as revoltas subsequentes, comandados pelos mulatos, os escravos esperavam alcançar uma liberdade que não veio. Pelo contrário, com a tomada do poder, os mulatos constituíram a nova elite e mantiveram os negros em condições análogas às anteriores, gerando insatisfação e disputas frequentes, aumentando o fosso que se

estenderia até o famoso governo de François Duvalier, conhecido como Papa Doc, famoso por seu governo totalitário repleto de relatos de violência e de terror na segunda metade do século XX. .

Segundo informações da Encyclopaedia Britannica, embora o Haiti tenha sido o primeiro país a decretar a extinção da escravidão, em 1794, antes mesmo da declaração de sua independência da França, aquele não foi um processo tranquilo. A história da ex-colônia registra mais de duzentos anos de extrema violência. Após a queda de Duvalier, seu filho, conhecido como “Baby Doc”, continuou mantendo o poder graças à força empregada pelo exército de seu pai, os “tontons macoutes” (bichos papões). Após um curto espaço de tempo, o governo passou às mãos do padre salesiano Jean Bertrand Aristide.

Após um golpe de estado, o governo acabou sendo tomado pelas forças da ONU, que organizou a MINUSTAH - Missão das Nações Unidas para a Estabilização no Haiti, organização da qual o Brasil participa. Essa coalisão assumiu a intervenção sobre o governo do país em 1º de junho de 2004 e permanece até a atualidade.

Além das condições políticas adversas, o país sofre com os fenômenos da natureza. Devido a suas condições geográficas, o Haiti encontra-se numa região castigada por condições meteorológicas instáveis. Após várias tempestades trágicas no início do século XXI, no ano de 2010, um terremoto de proporções catastróficas atingiu parte do país. Na capital, densamente povoada, os efeitos foram sentidos com maior gravidade. Conforme o Jornal O Estado de São Paulo, em artigo publicado logo após a tragédia, no dia 13 de janeiro de 2010, o número de mortos poderia, naquele momento, chegar a 100 mil. Infelizmente, esse número dobrou até o final da contagem pela Cruz Vermelha. Com a queda do prédio da Embaixada do Brasil na capital Porto Príncipe, faleceram também 11 soldados brasileiros e a médica Zilda Arns, fundadora da pastoral da Criança no Brasil.

Essa situação, ainda segunda a Encyclopaedia Britannica, intensificou o processo migratório que já era constante rumo aos Estados Unidos, devido à sua proximidade e às condições econômicas atrativas. Com a deterioração dessa situação, o Brasil passou a figurar na rota de migração. Tido como um país em situação econômica estável, o país atrai os habitantes do Haiti em sua busca por condições de sobrevivência.

Ao se verem na necessidade de imigrar para o Brasil, os haitianos não levam em consideração a dificuldade de aprender uma outra língua, mesmo sendo o português uma língua etimologicamente tão próxima do francês. A necessidade de aprender a nova língua apresenta grande dificuldade àqueles que precisam dominá-la imediatamente a fim de conseguirem trabalho e, consequentemente, condições de sobrevivência.

Embora o processo de entrada no Brasil esteja em constante ascensão, o governo ainda não dispõe de dados seguros a respeito desse fluxo migratório. Por todo o país, estudos ainda insipientes tentam entender e mapeá-lo.

O quadro de autorizações de ingresso no país do Ministério do Trabalho mostra claramente o aumento dos números nos últimos anos. Em 2009 tínhamos apenas seis imigrantes registrados. Hoje o Haiti é o terceiro país de origem da maioria dos imigrantes.

O Ministério da Justiça estima que esse número tenha chegado a 10.000 até o mês de abril de 2012, mas não dispõe, obviamente, de números confiáveis, com relação aos ilegais.

AUTORIZAÇÕES CONCEDIDAS POR PAÍS DE ORIGEM
Atualizado até 31/12/2012

País	2009	2010	2011	2012
EUA	5590	7550	10049	9209
FILIPINAS	4969	6531	7784	5179
HAITI	6	15	720	4860
REINO UNIDO	3496	3809	4817	4414
ÍNDIA	2630	3237	4235	4243
ALEMANHA	1454	2904	3142	3617
CHINA	1405	2160	2602	3104
ITÁLIA	1395	2040	2406	3065
FRANÇA	1908	1653	2240	2530
JAPÃO	1237	1765	2239	2323
INDONÉSIA	1700	1819	2679	2306
PORTUGAL	708	798	1564	2247
ESPANHA	1104	1457	1833	2059
CORÉIA DO SUL	214	898	1170	1981
HOLANDA	933	1146	1226	1353
NORUEGA	1206	1926	1797	1316
MÉXICO	490	818	1045	1260
CANADÁ	899	851	1234	1249
COLÔMBIA	915	1089	1011	1035
POLÔNIA	625	889	1036	953
RÚSSIA	539	589	932	862
UCRÂNIA	265	615	646	793
ROMÊNIA	571	644	539	703
BÉLGICA	169	451	542	651
PERU	524	664	653	639
CROÁCIA	270	409	580	626
GRÉCIA	410	464	407	556
SUÉCIA	273	451	472	540
VENEZUELA	374	562	773	538
DINAMARCA	343	459	634	536
OUTROS	6292	7343	9517	8275
Total	**42914**	**56006**	**70524**	**73022**

Figura 1 - Autorizações de Entrada no Brasil Concedidas por País de Origem
Fonte: Ministério do Trabalho. Gabinete do Ministro – GM. Coordenação Geral de Imigração – CGIg (2012)

O Jornal Eletrônico G1 Rondônia, em matéria publicada o dia 12 de outubero de 2012, destaca a presença desses imigrantes:

> Cerca de 1,2 mil haitianos vive atualmente em Rondônia, segundo levantamento feito em outubro pela Secretaria Estadual de Assistência Social do estado. A maioria mora em Porto Velho, onde estão 563 imigrantes. E a cidade foi o local de nascimento de 35 crianças de pais haitianos nos últimos 19 meses. Segundo o governo, mais 16 bebês estão a caminho.
> Uma dessas crianças é o filho de Guirlaine Petiote, de 27 anos, que está grávida de quatro meses. Guirlaine sonha que o filho seja jogador de futebol. "Futebol paga bem no Brasil e haitiano gosta de jogador brasileiro. Meu filho vai crescer e entrar na escolinha de futebol e ser jogador profissional", torce Guirlaine.

O comentário da entrevistada demonstra ainda a imagem que os haitianos fazem do Brasil. A ideia de imigrar com certeza levava em conta a ideia de encontrar uma nova identidade. De legar aos filhos uma condição de vida semelhante àquela idealizada também pelos brasileiros. Hall (2000, p. 39) apresenta essa aspiração:

> "A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é 'preenchida' a partir de nosso exterior, pelas formas pelas quais imaginamos ser vistos por outros".

A imagem projetada no espelho do outro pode muitas vezes levar à crença de que o reflexo do objeto é o objeto em si. Essa passa a ser, então, uma perspectiva válida para quaisquer das projeções, estando o espelho em quaisquer dos lados focalizados. Julgamos o outro a partir da imagem que projetamos. O haitiano que se desloca para o Brasil vê o brasileiro e é visto por ele a partir de sua própria representação do mundo. O haitiano vê a representação deste país, não o Brasil propriamente dito, também não é o indivíduo brasileiro ou seu meio político-social que aparece na expectativa de mundo ideal em que há trabalho e dinheiro para todos.

O cenário brasileiro descrito nos jornais certamente não é a única representação deste país, assim como também não o é o indivíduo brasileiro ou seu meio político-social. A imagem projetada pelo espelho

será a mesma, estando o reflexo daquele que olha em quaisquer dos lados focalizados.

Os haitianos entrevistados viam o Brasil, quando ainda estavam no Haiti, através dos relatos dos soldados e da imagem estereotipada do futebol, praia e biquini, tão amplamente disseminadas pelo mundo a fora. A representação vai, aos poucos, dando lugar ao real.

Encontram dificuldades no campo linguístico e alguns demoram bastante a conseguir empregos que lhes permitam uma condição de vida decente. O fato de que há vários deles pensando em criar famílias por aqui atesta a esperança de dias melhores.

O Brasil e especialmente Rondônia, no entanto, ainda tratam os imigrantes de forma genérica, sem prestar atenção a esse novo imigrante. Em entrevista concedida em janeiro de 2012 ao Instituto Humanitas Unisinos, Rosita Milesi, Diretora na Instituto Migrações e Direitos Humanos, afirma que o Brasil precisa despertar para a necessidade de investir em uma nova política migratória,

> diante da crescente preocupação com deslocamentos humanos motivados por diversas causas e razões - mudanças climáticas, crise ecológica e situações provocadas em função de grandes projetos desenvolvimentistas, tráfico de pessoas, tráfico de migrantes, e outras. O cenário futuro da América Latina é de fato de aumento nos fluxos migratórios (MILESI, 2012).

Marina Silva, ex-senadora pelo estado do Acre e ex-ministra do Meio Ambiente, em sua página na internet (SILVA, 2010) também alerta para esse novo tipo de imigrante, o ambiental, figura ilustrativa de sua preocupação, que ela tem difundido incessantemente em sua campanha pela consciência ecológica:

> Os imigrantes haitianos, aliás, se enquadram em um tipo de refugiado que tende a se tornar cada vez mais comum: o que foge de catástrofes da natureza. Eles, de um grande terremoto que potencializou a miséria. E muitos outros, de enchentes e

> secas, em meio às mudanças climáticas, que também têm nos atingido e transformado milhares de brasileiros em refugiados dentro do próprio país.

O mapa do Conselho Nacional de Imigração, elaborado pela PUC de Minas Gerais, registra a rota trilhada pelos haitianos em sua viagem rumo ao Brasil. Eles precisam deslocar-se até a República Dominicana, de lá embarcam em avião até o Panamá e do Panamá seguem para o Peru de navio; por terra seguem até a Bolívia, e entram no Brasil por Tabatinga, no Amazonas, ou por Brasileia, ou ainda por Assis Brasil, ambos os municípios localizados no estado do Acre. Uma longa viagem que costuma contar com a "ajuda" de coiotes, guias incumbidos de conduzi-los na travessia da Bolívia para o Brasil, que cobram, além do valor acertado anteriormente, valores altíssimos por cada item que disponibilizam, tais como transporte e pouso. Alguns dos sujeitos desta pesquisa relatam sérios abusos e inclusive casos de expropriação de seus bens por esses atravessadores.

1. 2 Migração para Rondônia

Existem poucos registros históricos de migração para a região onde hoje se situa Rondônia antes de sua emancipação política. Há relatos de chegadas e partidas, mas poucos documentos registram a permanência dos visitantes. No final XIX, trabalhadores de várias nacionalidades se deslocaram para a área onde seria construída a Estrada de Ferro Madeira Mamoré, mas somente na segunda metade do século XX, a expansão populacional começa a avançar sobre a Amazônia.

Durante as décadas de 1960 e 1970, o Brasil vivia um clima de euforia, de crescimento econômico. Era o tempo do milagre brasileiro, o período inicial da expansão e abertura da fronteira norte e colonização de Rondônia. No período que se iniciou no final da década de 1970 e se arrastou pelas décadas seguintes, constatou-se que o “milagre” não aconteceu e as crises econômicas se acentuaram. Dessa forma, ao milagre se seguiu a “década perdida”, tendo em vista a alta recessão e inflação que se impôs sobre a economia nacional, frustrando qualquer perspectiva de permanência do governo militar que se havia instalado a partir de 1964.

Pode-se dizer que a crise econômica nacional e internacional intensificou o fenômeno socioeconômico das migrações, as quais, incentivadas pelo governo militar, foram direcionadas, dentre outros espaços, para a Amazônia. Melhor dizendo, esse contexto explica a abertura da Amazônia para a massa populacional excluída do processo de industrialização, do acesso a terra e a empregos. E, em face da iminência de crises sociais nas regiões com crescente modernização do processo de industrialização, tanto urbano como agropecuário, principalmente no sul-sudeste, o governo militar optou pela ocupação dos vazios populacionais no extremo oeste em que se localiza a Amazônia, ocupando, simultaneamente, o cerrado do Centro-oeste. Foi necessário, contudo, para efetuar esse processo, criar, nos trabalhadores desempregados e nos sem-terra, a expectativa de que essas regiões seriam soluções definitivas para o desemprego e para a falta de terra. Acenou-se com o mito do eldorado que incluía a cidade de Rolim de Moura, amplamente planejada e sonhada pelo governo militar. A estrutura urbana demonstra claramente esse desejo de grandeza. A avenida 25 de Agosto, por exemplo, que corta a cidade, é uma reprodução perfeita da Av. Jorge Teixeira, na capital do estado que, na época, era denominada Pres. Kennedy. (CARNEIRO, 2008, p. 92)

Para ocupar a região norte, foram desenvolvidas políticas de incentivo e publicidade mostrando não o “inferno verde”, o “chão que nunca se seca”, como descreve Márcio Souza (1985) no livro Mad Maria, mas um novo Eldorado, não só para a exploração de minérios – como Serra Pelada - mas também pela distribuição de terras, anunciadas como férteis, e pela extração de madeira abundante e de primeira qualidade.

E quem foi o homem que se fixou na Amazônia nesse período? Não foram os representantes das classes dominantes, nem os donos de indústria ou grandes proprietários de terras. Foram grupos de sem terra do Sul-Sudeste “aptos para migrar”. Integravam esses grupos aqueles trabalhadores desempregados com o fim dos cafezais ou o começo da mecanização agrícola. Levas de migrantes do sul do país se instalaram no estado e fizeram dele um produtor de café, soja e cacau.

A importância do estado estava, no entanto, na rodovia que conduz a produção de soja do estado do Mato Grosso ao Amazonas, através da BR 364 e da Hidrovia do Rio Madeira. No século XXI, no entanto, a capital, Porto Velho, recebe toda a atenção dos migrantes, por receber as obras de duas usinas hidrelétricas que proverão grande parte da energia de que o país precisa, como atestam Cotinguiba e Pimentel (2012, p. 1).

1.3 Migração para Porto Velho

Porto Velho é hoje uma cidade moderna, repleta de obras de engenharia inacabadas, impulsionadas pelo crescimento econômico acelerado do país que prescinde de novas e eficientes fontes de energia. Há duplicação de pistas, pontes, viadutos, o mercado imobiliário cresce a olhos vistos. Localizada no extremo sul da floresta amazônica, mescla

características de modernidade e tradição, embora em muito pouco lembre suas origens inusitadas. Historicamente agitada por ciclos econômicos irregulares, a cidade mescla ecologia e crescimento econômico, que disputam o espaço palmo a palmo. descrevem a situação da cidade:

> Em 2000, Rondônia contava com 1.379.787 e em 2010 esse número passou para 1.535.625, enquanto a capital passou de 334.661 para 410.520 no mesmo período, 2010. O crescimento populacional tem relação direta com o ciclo econômico das usinas; por outro lado, as políticas públicas concernentes à segurança pública, saneamento básico, saúde, trânsito, moradia, infraestrutura e políticas sociais e culturais, não acompanharam o mesmo ritmo, tornando Porto Velho uma cidade com grandes problemas nessas áreas.

Consta que o surgimento do povoado que hoje é capital do estado de Rondônia é obra de desbravadores que buscavam maneiras de escoar a produção de borracha da Amazônia e da Bolívia. A história é pródiga em fatos desastrosos causados pelas tentativas de construção da estrada de ferro Madeira Mamoré, que seria a responsável pelo transporte da borracha da Amazônia para o mundo. Tais desastres, causados, em sua maioria, pela força desconhecida e sub-valorizada da biodiversidade amazônica, dificultaram tremendamente sua edificação, mas, quando a obra finalmente foi dada por concluída, não havia mais borracha a transportar. A ferrovia acabou conhecida como “a estrada do nada para lugar nenhum” ou “ a ferrovia da morte” .

Havia, naquela trajetória, uma grande interferência dos interesses econômicos internacionais. Empresas estrangeiras foram contratadas para a execução do projeto. Primeiro uma inglesa e, posteriormente, devido ao fracasso da primeira, foi contratada outra empresa, desta vez, norte-americana.

Para trabalhar na obra, os empregadores, nos dois casos anglófonos, preferiram trazer os funcionários de colônias com as quais compartilhassem a língua.

1.3.1 Os Trabalhadores da E.F.M.M.

A fim de executar o trabalho duro de desbravamento da floresta e de assentamento dos trilhos, foram trazidos para a região funcionários de várias nacionalidades, dentre eles os que nos interessam diretamente, os assim chamados Barbadianos, termo genérico aplicado a todos os trabalhadores que vieram da região do Caribe. Tinham em comum os hábitos adquiridos com a colonização inglesa.

Consideravam-se súditos da rainha, na Babel instaurada no canteiro de obras, falavam inglês e eram protestantes. Acreditavam-se superiores aos demais trabalhadores da Madeira Mamoré por compartilhar os hábitos dos seus colonizadores; o chá das cinco é um exemplo.

Stuart Hall (2009, p. 31), ao discutir identidade e hibridização menciona ter encontrado lá, em Barbados, de maneira mais marcante do que na própria Inglaterra, uma atitude conservadora em relação aos costumes britânicos:

> Em Barbados, como esperado, senti maior aproximação com a Inglaterra e sua disciplina social implícita— como certa vez ocorreu, incidentalmente, mas não mais, na Jamaica. Contudo, os hábitos, costumes e a etiqueta social específicos de Barbados são claramente uma tradução, através da escravidão africana, daquela cultura do engenho, íntima e de pequena escala, que reconfigurou a paisagem barbadiana.

A identificação com o colonizador é evidente, gera a ilusão de uma aproximação que remete à modernidade e a uma superioridade econômica desejada, mas não alcançada.

A inserção nesse mundo moderno glamourizado força ao abandono da cultura original que se vai, mas deixa sua marca. É, para Bhabha (1994, p. 84) uma maneira de garantir a perpetuação dos costumes tradicionais numa roupagem nova, desprovida do ranço do selvagem, vestida de originalidade. A hibridização, a mistura do novo com o velho permite um certo conforto, pois se aproxima do modelo desejado.

Esse sujeito híbrido, duplamente diaspórico, permaneceu e sobreviveu, em meio à floresta amazônica, após a ruína da obra da Madeira-Mamoré. Muitos dos trabalhadores caribenhos ficaram na região pelos motivos mais variados; por não terem condições financeiras de retornar ao país natal, por terem trazido a família, ou por terem estabelecido novos laços familiares por ali.

Ao analisar as histórias de aprendizagem de língua portuguesa, narradas por seus descendentes, a questão multilíngue se evidencia, iluminando as dificuldades relatadas pelos mesmos em seu processo de ambientação na Amazônia.

Num estudo detalhado sobre a ambientação dos barbadianos, Lima (2006, p. 25-26) demonstra que a população local também os discriminava:

> Assim, negros daqui e de alhures foram colocados frente a frente, diante do comprometido cálculo da mistura dos “tipos” humanos, que poderia culminar com a pretendida civilização no Norte. Um pensado em função do outro, um diante do outro. Pensados por correspondência com os pretos escravos, depois com os negros das primeiras décadas do século XX, feio era o retrato dos barbadianos, negros piores do que os negros daqui. Eram negros “fora do lugar”. Por que inseridos no rol de imigrantes “indesejáveis”, por serem “raça inferior”, expressa em suas feições retintas, mas também por seus comportamentos, supostamente cheios de “ódios de raça”, como mencionado por Moraes. Eram estranhos, não eram daqui. Precisavam ser

> decifrados, e o foram, através de práticas racistas, ora veladas, ora escancaradas,(...)

Tornar-se brasileiro, amazônico, foi um processo árduo que passou necessariamente pela escola e deixou entre os descendentes marcas importantes.

Ao atingirem a idade da escolarização, as crianças nascidas e criadas em meio unilíngue, que falavam apenas inglês em casa e em sua comunidade, chegaram à escola que num primeiro momento representava problemas de comunicação, uma vez que as crianças deveriam comunicar-se apenas em português, língua que teriam que aprender, ao contrário dos falantes nativos, em suas versões oral e escrita ao mesmo tempo. A professora considerava falta de vontade de colaborar o que era apenas falta de entendimento da organização do ambiente escolar. Em várias conversas sobre a aprendizagem de português, a pesquisadora ouviu durante o relato de uma das pessoas consultadas que na infância ela costumava chegar em casa reclamando para a mãe: "The lady is crazy" (a professora é louca). Ela não entendia as tarefas mais simples Suas memórias de aprendizagem do português são amargas, embora felizmente não tenham prejudicado seu desenvolvimento posterior.

1.3.2 Os Haitianos

Cotinguiba e Pimentel (2012, p. 3) fornecem os números relativos ao fluxo migratório haitiano na região: "desde fevereiro de 2011, com a chegada do primeiro grupo, já passaram por Porto Velho mais de 1600 haitianos, destes ainda vivem aqui cerca de 1200, o restante migrou para outros estados brasileiros."

Os participantes desta pesquisa são indivíduos jovens, sustentados, no primeiro momento de sua empreitada, por parentes que apostam em sua capacidade de arrecadar dinheiro e devolver o investimento realizado. Trilharam um longo caminho, viajando do Haiti para a República Dominicana, de lá, rumaram de avião ou barco para a Guatemala e de lá, através do Peru, Bolívia e Acre, chegaram a Rondônia.

Todos têm algumas histórias tristes e outras divertidas para contar. São confiantes de que o Brasil lhes garantirá melhores condições de vida, mas ambicionam voltar ao seu país de origem.

Durante a realização da pesquisa, houve mais um grande desastre natural, o furacão Sandy, em outubro de 2012, que a Encyclopaedia Britannica noticia informando que dois terços das plantações e estradas foram destruídas, além da morte de dezenas de haitianos nas inundações, enxurradas e deslizamentos de terra. Os informantes demonstram preocupação com os familiares nas últimas entrevistas realizadas. Nem mesmo a epidemia de cólera, que movimentou a comunidade internacional por causa da suspeita de contágio por funcionários da ONU, noticiada pelo Le Monde Diplomatique Brasil, foi tão desastrosa quanto o furacão, que eles chamam de ciclone Sandy.

O mapa abaixo demonstra a rota seguida na viagem em busca de trabalho, bem como os esforços do governo brasileiro em busca de organizar a entrada desses imigrantes

Figura 2 - Rota dos Haitianos até o Brasil
fonte: http://wp.clicrbs.com.br/chapeco/tag/sc/page/30/

O Ministério da justiça informa que, somente até abril de 2012, regularizou a situação de 6.000 dos 10.000 haitianos que entraram o país

em condição ilegal. Essa regularização garante a eles assistência de saúde e carteira de trabalho. O Ministério da Saúde busca garantir imunização contra doenças.

A rota traçada nesse primeiro mapa mostra apenas a primeira fase do processo migratório, o mapa seguinte registra o caminho até Rondônia e mostra que alguns se encaminharam para o sudeste do país. Muitos deles não encontram o que procuravam e continuam sua busca de melhores oportunidades.

Figura 3 - Busca de melhores oportunidades
fonte: http://racismoambiental.net.br/2012/01/39475/

1.3.3 Metodologia da Pesquisa

Tendo em vista todo o trabalho de pesquisa a ser realizado, a abordagem etnográfica mostrou-se mais adequada, pois a situação em

estudo requeria uma metodologia que levasse em conta os significados atribuídos pelos próprios sujeitos ao seu contexto, a sua cultura.

Segundo Moreira (2002, p. 52), a observação participante é conceituada como sendo "uma estratégia de campo que combina ao mesmo tempo a participação ativa com os sujeitos, a observação intensiva em ambientes naturais, entrevistas abertas informais e análise documental". O interesse principal do pesquisador que opta por essa abordagem é interagir com os informantes, compartilhar suas rotinas, preocupações e experiências de vida, colocando-se no lugar dos sujeitos observados, tentando entendê-lo. Ainda segundo Moreira, o principal produto dessa observação participante é o que se conhece por relato etnográfico, entendido como "relatos detalhados do que acontece no dia-a-dia das vidas dos sujeitos e é derivado das notas de campo tomadas pelo pesquisador" (MOREIRA, 2002, p.52).

A preocupação maior da etnografia é, portanto, obter uma descrição densa e completa do determinado evento social, conseguir uma descrição criteriosa e detalhada do comportamento dos sujeitos, considerando os olhares, os gestos, o tom da voz, as pausas, as interações, enfim, tudo que seja significante para a compreensão do mundo social que está sendo investigado. Para Matos (2001), a descrição mais completa possível depende da qualidade da observação, da sensibilidade em relação ao outro, do conhecimento sobre o contexto estudado, da inteligência e da imaginação científica do etnógrafo, por isso ele deve se preparar para executar sua tarefa, que, em primeiro lugar, é um trabalho científico que requer habilidades e competências de pesquisador, que, de fato, é, inclusive, para definir o que deve e o que não de ser escrito sobre o evento, sobre as pessoas, sobre a comunidade pesquisada.

Uma investigação etnográfica permite, então, um entrosamento entre o pesquisador e o grupo pesquisado através de uma relação de

confiança, construtiva de aproximação gradativa. O relatório etnográfico deve buscar descrever, segundo aspectos mais relevantes para o grupo participante da pesquisa, os lugares, as pessoas, as situações vivenciadas e observadas, as atitudes das pessoas no cotidiano, suas falas, narrativas coletadas através de diversos instrumentos utilizados pelo pesquisador, considerando sempre os aspectos éticos na pesquisa É prudente, por conseguinte, ressaltar, nas escritas finais que compreendem este encaminhamento conclusivo, a importância da sensibilidade, da inteligência científica e da curiosidade do pesquisador na realização de uma pesquisa etnográfica. É seu olhar atento e sensível que fará com que a observação e o registro revelem o outro da forma como este quer ser revelado, interpretado, compreendido, narrado.

Nessa técnica de pesquisa qualitativa, os investigadores imergem no mundo dos sujeitos observados, tentando entender o comportamento real dos informantes, suas próprias situações e como constroem a realidade em que atuam.

Uma vez que a pesquisa etnográfica se utiliza de técnicas voltadas para descrição densa do contexto estudado,o valor da etnografia como método da pesquisa social está no fato de que existe uma variedade de modelos culturais que tem grande significado na compreensão dos processos sociais. Desta forma, a etnografia, como também outras pesquisas qualitativas, buscam a inserção no contexto natural para acessar as experiências, os comportamentos, as interações e os documentos para assim compreender a dinâmica do grupo estudado. Sua principal característica é enfocar o comportamento social no cenário, confiando em dados qualitativos, em que as observações e interpretações são feitas no contexto da totalidade das interações humanas. Os resultados da pesquisa são interpretados com referência ao grupo ou cenário, conforme as interações no contexto social e cultural e a partir do olhar dos sujeitos participantes da pesquisa.

Para delinear a pesquisa, neste caso foi empregada a observação participante como técnica principal, o diário de campo, as conversas e entrevistas como recursos auxiliares. A pesquisadora, no contexto da observação participante, pode atuar como observadora privilegiado do grupo, participando o mínimo necessário das atividades do grupo, tentando ver e ouvir atentamente, registrando o mais fielmente possível todas as informações pertinentes. Foi necessário exercitar o julgamento rápido para decidir o que era válido registrar ou não. Embora a observação e a tomada de apontamentos tenham sido feitos à medida que o comportamento acontecia, a pesquisadora também usou informantes que entrevistava sistematicamente.

Como afirma Mattos (2001), "a observação deve ser compreendida como um ato de perceber as atividades e inter-relações das pessoas do cenário de campo pela ativação dos cinco sentidos do pesquisador", o que exigiu registro objetivo e uma busca de padrões que foram identificados nas vivências da cultura cotidiana do grupo de barbadianos participante da pesquisa. Deste modo, a observação participante não pode ser vista como um ato isolado, mas como um processo gradual que envolvia inicialmente a seleção do local a ser pesquisado para que se viabilizasse o livre acesso à comunidade. O local selecionado estava localizado nas adjacências da residência da própria pesquisadora, o que facilitava a observação da dinâmica das relações sociais dos entrevistados;

A proximidade facilitava também a interação, pois, para estar presente aos momentos mais importantes, a pesquisadora esperava que os informantes se reunissem e se aproximava pedindo licença para participar das conversas e festividades, fazendo anotações de forma estruturada ou em formato de narrativas. Mediante a compreensão da observação como um propósito científico, a pesquisadora, ao realizar a observação, precisava ter sempre em mente sua intenção de pesquisa,

seu objeto, o problema, as questões norteadoras e quais as técnicas de coletas dados caberiam melhor a cada evento. ainda assim, houve momentos em que o som da conversa ou da música interferia na gravação das entrevistas. A pesquisadora evitou sempre tratar os pesquisados separadamente, a fim de evitar qualquer tipo de sensação de privilégio ou favorecimento. É bem verdade que, na pesquisa etnográfica, o pesquisador não tem controle de tudo, posto que ele depende, também, da "boa vontade" da comunidade, mesmo assim, buscou-se manter o foco da pesquisa evitando esquecer o papel de observadora e manter a objetividade como pesquisadora.

Assim, a pesquisadora buscou imergir no mundo dos sujeitos observados, tentando entender o comportamento real dos informantes, suas próprias situações e a forma como constroem a realidade em que atuam. Para atestar a validade da observação, também foram realizadas narrativas autobiográficas, entrevistas e conversas informais,

A hipótese/pressuposto que guiou esta pesquisa era que havia uma série de elementos distintos entre o português e o francês que interferiam gerando dificultariam a aprendizagem. Determinar até que ponto estas diferenças afetam a aquisição de português como LA seria um trabalho demasiado extenso, uma vez que demandaria mais tempo e pesquisadores envolvidos com a questão, assim, a intenção é fornecer uma visão preliminar que venha a motivar futuros trabalhos na área.

Garcez, (2002, p. 292), ao discutir a Aprendizagem de Língua adicional, que ele denomina ASL, distingue os falantes nativos (FN) dos falantes não nativos (FNN):

> Parece razoável concluir que , para a ASL, vem a ser uma não questão o fato de que FN ou FNN é somente uma identidade dentre uma multiplicidade de identidades sociais muitas das quais podem ser relevantes simultaneamente, sendo que todas elas são móveis (pai, homem, amigo, do lugar, convidado,

> oponente, marido, colega, professor, parceiro de equipe, íntimo, conhecido, estranho, irmçao, filho, especialista, calouro, falante nativo, neófito, contador de piada, falante, pessoa que ligou, ouvinte por acaso, *ad infinitum*). Para o pesquisador em ASL, somente uma identidade importa de verdade, e ela importa da mesma maneira e em igual medida por todo o tempo enquanto durar o encontro que está sendo estudado.

A pesquisadora deve, então, determinar o papel do seu informante na comunidade em que se insere. Os homens e mulheres abordados na pesquisa encontram-se ainda na qualidade de estrangeiros ligados a sua própria estratificação social. Os papéis ainda repeitam a hierarquia social haitiana. Homens são os primeiros a falar e dominam os diálogos. As mulheres cuidam da alimentação, arrumação do ambiente e aos homens cabe apenas observar essa rotina e divertir-se com ela. Nos diálogos surgem convicções como a de que as mulheres exageram na necessidade de carregar excesso de objetos nas malas quando viajam para o Brasil. Os homens, segundo eles mesmos, são mais práticos e carregam somente uma carteira com seus documentos.

Este trabalho baseou-se em Burgeile (1989, 2009, p. 258-9) para a descrição dos empréstimos e iniciou-se com a explicação dos fenômenos fonéticos ocorridos no processo de adaptação e integração dos mesmos ao vocabulário do português falado pelo grupo em foco. Portanto, para a descrição da amostra, foi feita uma descrição da substituição léxica, da variação fonética e uma descrição semântica e pragmática quando foi necessária para esclarecimentos.

Exemplos do material gravado foram citados para mostrar os diferentes informantes usando um mesmo item e os diferentes ambientes do respectivo fenômeno. Estas ilustrações foram reproduzidas de acordo com Marchuschi (1986, p. 9) que explica que a transcrição deve ser baseada na ortografia portuguesa que segue o padrão da escrita, mas considera a produção real. Nos casos em que foi necessário distinguir ou

elucidar questões de cunho fonológico, o Alfabeto Fonético Internacional foi empregado.

Para cada item lexical estudado, acrescentamos uma definição, uma explicação literal ou uma equivalência em francês e em português e, em alguns casos, em espanhol. Esclarecimentos adicionais foram colocados em certos casos. O item lexical estudado vem em forma de itálico para mostrar sua forma e função na ilustração. As informações com os dados dos informantes que aparecem entre parênteses após o exemplo são: número do informante (I1), Um quadro é apresentado onde se informa o sexo(masc/feminimo), idade(24), ocupação no Haiti e a atual função exercida no Brasil..

A observação e a descrição da aprendizagem de língua portuguesa como língua adicional permitiu abordar os casos de imigrantes que aprendem a língua de forma intuitiva, ou seja, pareceu que investigar o processo de aquisição da língua sem a mediação da escola formal seria mais interessante neste momento, pois possibilitaria entender os processos de interferência das características da primeira língua no português sua Língua Adicional (LA). Tal conhecimento pode, em um momento futuro, proporcionar elementos para reflexão sobre o processo de ensino/aprendizagem para estes e outros falantes de português como Língua Adicional.

Assim, vários haitianos foram observados na interação social com seu grupo, cerca de 15 na maior parte do tempo. O número de participantes era oscilante, e os participantes também variavam. Apenas 6 mostraram domínio suficiente da língua portuguesa para que fosse possível avaliar seu nível de aquisição. Várias conversas e entrevistas foram realizadas, porém, ao entrevistá-los, chegou-se à conclusão de que o tempo de permanência em Porto Velho seria o critério que nortearia a seleção dos entrevistados para a obtenção dos dados que permitiram descrever de forma clara e objetiva as características de sua

aprendizagem da língua portuguesa. Intensificaram-se assim a tomada de dados através de conversas e entrevistas daqueles que haviam chegado ao Brasil um ano antes da pesquisa.

Dessas entrevistas e da observação das conversas entre eles, bem como das interações com o grande grupo, surgem alguns fenômenos que foram registrados e que são apresentados a seguir.

Para garantir seu anonimato, o nome de cada um dos informantes foi omitido, de modo que aparecem após os fenômenos identificados por números I1, I2, I3, I4, I5 e I6. A caracterização sócio-econômico-cultural dos mesmos, fornecida em seguida, apresenta os colaboradores que são pessoas com idade variando entre 24 a 42 anos. Os seis entrevistados são 04 homens e 02 mulheres que em seu país natal exerciam profissões variadas que aqui foram substituídas, no caso dos homens, pelo trabalho na construção civil. Das mulheres, uma trabalha em casa, cuidando de 5 homens de sua relação familiar, seu marido, dois cunhados, um primo e um amigo, além de exercer função remunerada em uma empresa de limpeza e a segunda trabalha numa lanchonete no shopping center como cozinheira.

Todos nasceram e cresceram no Haiti, embora dois tenham migrado para a República Dominicana antes de decidirem se mudar para o Brasil. Embora as condições de vida lhes pareça favorável, todos esperam voltar ao seu país de origem assim que suas condições econômicas forem mais propícias. Uma das mulheres, grávida, já pensa em estabelecer residência permanente no Brasil.

1.3.4 Perfil dos Informantes:

A informante 1 (I1) é mulher, casada com um brasileiro, tem 24 anos de idade, um filho que deixou no Haiti e está grávida do segundo.

Evangélica. Frequentou apenas o ensino fundamental. Embora tenha nascido na zona rural, vivia na capital quando resolveu emigrar.

A informante 2 (I2) é mulher, tem 36 anos, é casada, não tem filhos, ensino fundamental e morava na zona rural. Evangélica. Está ansiosa para ir para São Paulo em busca de melhores oportunidades.

O informante 3 (I3) é homem, casado, 31 anos de idade, tem 4 filhos no Haiti e trabalha na Odebrecht. Trabalhava em um hotel em Porto Príncipe, mas um emprego em hotel aqui não lhe pagaria o suficiente para sustentar os filhos. É originalmente de uma região próxima à divisa com a República Dominicana. Sua fala demonstra grande interferência do espanhol.

O informante 4 (I4) é homem, tem 42 anos, é solteiro, procura namorada e trabalha na construção civil. Morava em Porto Príncipe e tem apenas o nível primário de educação.

O informante 5 (I5) é homem, casado, sem filhos, originário da zona rural, migrou para o Brasil com a esposa e 2 irmãos.

O informante 6 (I6) é homem, noivo, tem 26 anos, era agricultor.

Informante	sexo	idade	Profissão no Haiti	Emprego atual
I 1	feminino	24	doméstica	cozinheira
I 2	feminino	36	Dona de casa	limpeza
I 3	masculino	31	Recepcionista de hotel	armador
I 4	masculino	42	Chofer de caminhão	Operador de máquina
I 5	masculino	36	agricultor	Serviços gerais
I 6	masculino	26	agricultor	cozinheira

Durante as conversas, foram tratados muitos assuntos, geralmente relacionados à música, religião, alimentação, trabalho, perspectivas de futuro. Assuntos resumidos a seguir, registrados a partir das observações da pesquisadora.

A importância que dão à religião é muito grande e, embora declarem ser evangélicos, as igrejas que frequentam não os satisfazem completamente. Ainda procuram uma que seja mais próxima de suas origens, embora ao ser questionados, não tenham informado exatamente o que constituiria essa semelhança.

A música é sempre muito animada. A pesquisadora percebia elementos africanos que, no Brasil, remetem à umbanda e ao candomblé, os "pontos" (cantigas de orixás), mas eles excluem essa possibilidade completamente. Afirmaram não conhecer a forma de culto a que a pesquisadora se referia. Há também ritmos lentos e melancólicos, mas esses são tocados em menor número. O clima é na maioria das vezes alegre e divertido.

A alimentação é bastante substancial, embora prefiram uma dieta vegetariana, isso não se deve à convicção e sim à carência de animais em sua terra natal. Viviam no Haiti basicamente da agricultura e dela tiravam sua dieta. Os itens animais favoritos são os miúdos. A Abóbora e a beterraba constam dos itens mais apreciados, além, claro, do feijão de corda e do arroz. Uma das entrevistadas, a informante 1, casada com um brasileiro, diz "meu marido não gosta do cheiro da cabeça de vaca" que ela adora consumir e que ele se retira sempre que ela os cozinha. Ela reclama ainda que logo que chegou ao Brasil, os feirantes davam a ela a cabeça de graça, mas que agora cobram 10 reais por cada uma.

Os demais, têm problemas com a alimentação. O informante 4 (i4), inclusive, afirma que deixou de frequentar o curso de português que tinha iniciado, pois mora com um grupo de rapazes que justifica ter abandonado as aulas de português, segundo ele porque: "As beses quando tem fome não vai porque la comida ta muito difícil. A comida não chega la hola. Chega la nove hola com a comida as vese chega a la doze hola. As vese que jega que só num da pa todo. As bese eu não acho comida".

As relações de trabalho são tratadas por eles como difíceis, uma vez que seu domínio insuficiente da língua configura um grande obstáculo na realização das tarefas. As relações de amizade, no entanto, são tidas como fáceis e proveitosas. Preferem andar aos pares, acreditam que seja mais seguro. É bastante comum encontrá-los em duplas pelas ruas da cidade.

A i1, que é alta, magra e bonita, reclama que atrai muitos olhares e acredita que isso se deva a sua cabeleira da qual cuida com muito carinho. Diz que "haitiano muito diferente, chama muito atenção".

As perspectivas de futuro são incertas, eles pensam em voltar para o Haiti. O informante 4 deixou 4 filhos lá e pretende voltar para viverem todos juntos. Não soube informar se volta a viver com a esposa, pois diz que o Brasil oferece muita tentação. A i1, no entanto, casou-se com um parceiro que encontrou aqui e já esta grávida de um brasileirinho(a), mas pensa muito em voltar para trazer um filho de 4 anos que deixou lá.

Os informantes i2 e i4 pensam em mudar-se para a região sudeste do país, pois foram informados de que haveriam condições melhores de vida e trabalho por lá.

Um deles, o i6, voltará ao Haiti em julho. É o mais novo do grupo e deixou noiva lá, deve ir ao Haiti para casar-se em julho, mas volta ao Brasil sozinho dois meses depois, para trabalhar e juntar dinheiro até que tenha condições de regressar de vez ao seu país natal e viver com a futura esposa.

Todos têm muito apreço por seu país e sonham com melhores condições de vida lá. Um deles demonstra claramente seu grande apreço por sua pátria e sua gente: "porque na majolia é pouco haitiano que fala português. Porque algunas, haitianos são nacionalidades muito inteligente, porque entendem o blasilelo. E não tem, não tem, la majolia não fala. Um pouco que fala. Só 15 por ciento que fala."

O informante 4 é muito bem falante e se expressa com alegria, sempre tratando de maneira positiva todas as dificuldades que encontra.

Todos os informantes que colaboraram na pesquisa têm idades variando entre 24 a 42 anos. Os cerca de 15 haitianos residentes em Porto Velho foram observados durante o período de janeiro a novembro de 2012. Apenas seis foram entrevistados, sendo que 04 são homens e 02 são mulheres, com pouca escolaridade, mas todos sabem ler e escrever, todos têm origem rural, embora quatro morassem na capital, Porto Príncipe, na época em que resolveram vir para o Brasil.

No Haiti, 4 residiam na zona urbana e exerciam diversas profissões, um era chofer de caminhão, outro recepcionista de hotel, as mulheres eram domésticas, trabalhando em sua própria casa e em casa de família. Os outros dois viviam e trabalhavam na zona rural. Chegando ao Brasil, no entanto, os homens se sujeitaram ao trabalho na construção civil, pois afirmam que é um setor da economia que remunera melhor seus trabalhadores e permite que eles sobrevivam e ainda disponham de recursos suficientes para que enviem para suas famílias no Haiti. As mulheres continuam no serviço doméstico que realizam além das atividades remuneradas que exercem fora de casa.Uma delas trabalha com limpeza e a outra numa lanchonete como cozinheira.

Todos nasceram e cresceram no Haiti, embora dois tenham migrado para a República Dominicana antes de decidirem se mudar para o Brasil, daí a influência demonstrada em sua fala da língua espanhola. Mesmo declarando que as condições de vida aqui lhes sejam favoráveis, todos esperam voltar ao seu país de origem assim que suas condições econômicas sejam mais propícias.

A notícia abaixo foi publicada n o jornal eletrônico gente de opinião. A reportagem na íntegra se encontra nos anexos.

HAITIANOS INVADEM PORTO VELHO E JÁ AQUECEM O SETOR DA CONSTRUÇÃO CIVIL

Por Cláudio Paiva

Em 2010, após o terremoto de 7º na escala Richter, milhares de haitianos começaram a deixar o país em busca de melhor qualidade de vida. Em 2011, o Brasil recebeu mais de 5 mil e hoje já são mais de 10 mil, segundo a Comissão da Pastoral da Terra (CPT) de Rondônia. As rotas de entrada são as fronteiras entre o Peru e o estado do Acre e também nas divisas de Brasil, Peru e Colômbia, na cidade de Tabatinga, no estado do Amazonas. De Tabatinga os haitianos seguem de barco para Manaus, numa viagem de cinco dias pela bacia amazônica. No Acre, a entrada é pelo município de Assis Brasil, de onde seguem para Brasiléia e daí partem para Rio Branco e Porto Velho.

A viagem dos haitianos começa por terra, de ônibus até o país vizinho, a República Dominicana depois partem para o Panamá de barco ou avião. Do Panamá vão para o Equador, mais uma vez de barco ou avião e de lá a viagem é por terra nas arriscadas estradas até a capital peruana, Lima. No Peru, o fluxo migratório se divide em dois principais caminhos: a tríplice fronteira entre Brasil, Peru e Colômbia, em Tabatinga ou para a divisa com o Acre.

A Amazônia brasileira é a fronteira de entrada dos imigrantes haitianos que estão nos estados do Amazonas, Acre e Rondônia. Em Porto Velho, estima-se que cerca de 500 haitianos residem na cidade, a maioria encontra-se empregada e quase todos têm documentos legais do governo brasileiro, como carteira de trabalho, CPF, visto provisório ou permanente, carteira de vacinação ou estão registrados, aguardando a liberação documental.

De acordo com a Pastoral de Migrantes de Porto Velho, a Capital rondoniense é um dos principais destinos dos haitianos que vêm ao Brasil em busca de melhores condições de vida. Saint-Louris Fresnel e Amos Dareus chegaram em março de 2011, com o primeiro grupo de haitianos. No começo, só falavam creole, o idioma oficial do Haiti. Por conta disso, a adaptação no trabalho foi complicada. Atualmente, ambos são tradutores dos trabalhadores haitianos que desenvolvem suas atividades nas obras das usinas hidrelétricas de Santo Antônio e Jirau, no rio Madeira. Segundo a Secretaria de Ação Social, cerca de dois mil haitianos estão em Rondônia e a maioria está sendo contratada para trabalhar na construção civil, além de bares, restaurantes e limpeza urbana, nos chamados empregos de imigrantes nos países de capitalismo mais

Figura 4 - Haitianos Invadem Porto Velho
FONTE: http://www.gentedeopiniao.com.br/lerConteudo.php?news=94183

1.3.5 As línguas faladas no Haiti

O sistema colonial deixou suas marcas indeléveis em toda a cultura haitiana, como nos demais países do assim chamado “novo mundo”. Além dos costumes, verificamos por lá a presença de duas

línguas oficiais, o francês e o crioulo haitiano (*kreyòl ayisyen*), também conhecido como *créole*. Segundo o documento da Cooperação Tripartite Brasil-Cuba-Haiti [1], é o idioma falado por quase toda a população (8,5 milhões).

O documento produzido por esse consórcio Brasil-Cuba-Haiti e denominado "Crioulo Haitiano" foi publicado em 2010, e que encontra-se disponível na internet[2]; dele constam as seguintes informações:

> A outra língua oficial do Haiti é o francês, idioma no qual o crioulo do Haiti se baseia, sendo que 90% do seu vocabulário vem dessa língua. Outros idiomas também influenciaram o crioulo haitiano, dentre os quais o taino (nativo da ilha), algumas línguas do oeste da África (wolof, fon, ewé), o português e o espanhol.

Segundo Mark Sebba, (2002) professor de sociolinguística e línguas em contato da Universidade de Lancaster,

> (...) a maioria dos crioulos caribenhos tem uma história similar, Os europeus trocavam mercadorias por escravos por toda a costa africana por centenas de anos. Um pidgin da língua europeia (por exemplo, o inglês) era falado por ambos os lados da transação. Os escravos eram divididos em grupos sem uma língua comum (há muitas centenas de línguas na África ocidental e os escravos eram capturados por toda a região). Esta era uma estratégia deliberada para evitar rebeliões. Os escravos aprendiam o pidgin a fim de comunicar-se uns com os outros (e com seus donos, embora isto fosse provavelmente menos importante). Depois de um tempo, os escravos tinham crianças que cresciam num ambiente falante de pidgin e o aprendiam como primeira língua. Aí o pidgin tornava-se um crioulo.

1A Cooperação Tripartite Brasil-Cuba-Haiti foi criada por meio do *Memorando de Entendimento Brasil, Cuba e Haiti,* firmado em 27 de março de 2010, com o objetivo de fortalecer o sistema de saúde e de vigilância epidemiológica no Haiti. O acordo foi assinado na capital haitiana, Porto Príncipe, entre os Ministérios da Saúde dos três países, em um contexto de reconstrução do Haiti, depois do devastador terremoto de 12 de janeiro de 2010. http://www.cooptripartite.icict.fiocruz.br/dialogos-com-o-haiti/o-haiti/crioulo-haitiano

2http://www.cooptripartite.icict.fiocruz.br/dialogos-com-o-haiti/o-haiti/crioulo-haitiano

Embora historicamente tenha havido vários esforços no sentido de reconhecê-lo como língua oficial, o crioulo haitiano tornou-se língua oficial ao lado do francês, apenas na constituição de 1987.

Em entrevista ao site *Potomitan*, que promove as culturas e línguas crioulas, em outubro de 2000, o linguista haitiano Emmanuel W. Védrine (2010) manifesta-se a respeito da política linguística no Haiti da seguinte forma:

> O tipo de educação que recebemos no Haiti nos faz desenvolver mais amor pelo francês e sua literatura ao invés de desenvolver nosso amor por nossa própria língua e literatura. [...]
> Uma vez que no Haiti, eles dizem que (o crioulo) é um dialeto [não no sentido que os linguistas dão à palavra] mas eles o veem não como uma língua completamente desenvolvida, um língua que não deveria ser utilizada em público ou em alguns contextos sociais.

Em seu trabalho recente sobre a imigração haitiana em Porto Velho, Cotinguiba e Pimentel (2011, p. 3) afirmam que:

> Os haitianos residentes em Porto Velho mantêm como língua de comunicação no interior do grupo apenas o crioulo haitiano que, aliás, é a língua de 95% da população no Haiti (RODRIGUES, 2008), sendo o francês representante dos demais 5% e uma língua de elite, um *status*, um signo do poder econômico e social.

O francês é, portanto, a língua da escola. Os que a frequentam passam a dominá-la, o que lhes garantirá, ao menos em tese, condições de ascensão social e os diferenciará dos analfabetos. Essa situação se repetirá no Brasil onde são agora discriminados por nem ao menos dominarem a língua oficial. Sem falar português, a escola fica ainda mais distante.

1.3.6 A Língua Portuguesa no Brasil

Quando se olha o mapa do Brasil, é difícil entender como um país tão grande conseguiu manter tamanha unidade linguística em seus 500 e alguns anos de existência como nação. Sua história é recheada de

eventos traumáticos que moldaram essa unidade. Ao contrário do senso comum, o brasileiro não é manso e pacífico, nem aceita tudo com tranquilidade. Houve vários períodos de inquietação e revolta nos quais a supremacia portuguesa e sua língua estiveram ameaçadas.

A unidade da língua portuguesa é um mito contestado por Marcos Bagno (2004), que afirma existirem hoje muitas variantes da língua portuguesa faladas no Brasil. Existe aquela utilizada por uma minoria detentora do poder econômico, eleita como a variedade padrão, embora a maioria dos brasileiros comunique-se utilizando uma série de variedades menos prestigiadas. Por serem estigmatizadas, o uso dessas variedades contribui para manter os cidadãos em posição periférica na sociedade. O acesso aos serviços e até mesmo à escola e sua língua altamente ritualizada é muito mais restrito para aqueles que não dominam a variedade chamada "padrão".

Em outro livro, A Língua de Eulália (2003, p. 23), Marcos Bagno discute a arbitrariedade da imposição e perpetuação dessa regra elitizada e excludente.

> No processo de constituição, de cristalização da norma-padrão como o que deve ser "a" língua, ela é analisada pelos gramáticos, que escrevem livros para descrever as regras de funcionamento dela, livros que servem ao mesmo tempo para prescrever essas regras, isto é, impor essas regras como as únicas aceitáveis para o uso "correto" da língua. Os dicionaristas também se debruçam sobre a norma padrão e tentam definir os significados precisos para as palavras que compõem esse padrão. A Academia de Letras estabelece a ortografia oficial, a maneira única de escrever, que é imposta por decreto-lei governamental.

Geraldi (2003, p. 43), também discute o resultado dessa desapropriação:

> (...) Fatos históricos (econômicos e políticos) determinaram a "eleição de uma forma como a língua portuguesa. As demais formas de falar, que não correspondem à forma "eleita", são

> todas postas num mesmo saco e qualificadas como “errôneas”, deselegantes, “inadequadas para a ocasião”, etc.

Os fatores históricos mencionados por Geraldi remontam a um tempo em que o domínio português compreendia, na época da colonização do Brasil, grande parte do mundo conhecido. Como lembra Perini (2004, p. 105):

> (...) em 1480, o português era a língua de um pequeno país na periferia da Europa, que dava os primeiros passos na exploração da costa ocidental da África. Cem anos depois, em 1580, o português era uma língua mundial – a primeira língua da história a ter núcleos de fala em todos os continentes.

Decisivos para o sucesso desse processo de domínio foram os esforços empreendidos pelos Jesuítas, ordem religiosa criada para salvaguardar os interesses da igreja católica, numa época em que a Europa enfrentava a reforma protestante. Eles eram enviados à colônia onde se esperava que domesticassem os selvagens. Sua intenção era, basicamente, difundir a língua portuguesa, considerada por eles mais moderna, veículo da civilização. Para tanto, entenderam ser mais fácil aprender a língua dos “selvagens” a fim de convencê-los de sua supremacia.

Com essa finalidade, José de Anchieta escreveu “Artes de Gramática da Língua Mais Usada na Costa do Brasil”, impressa em 1595 em Coimbra, Portugal. Essa cartilha descreveu e sistematizou, no papel, o tupi, uma língua "nova", até então apenas oral. Durante dois séculos, foi a língua mais falada no país em todos os níveis, como corrobora Carlos Eduardo Theobaldo (2008):

> (...) foi fator de educação geral e uniforme, e pelo seu raio de ação atingiu até o norte e a Amazônia, o sul até Desterro, o avanço português e a expansão geográfica do país constituíram um dos elementos de integração e unidade nacional. Ela exerceu, através do ensino nos colégios de padres, uma função unificadora, dissolvente das diferenciações regionais, e nesse

> aspecto, não foi ameaçada, senão pelos progressos da língua Tupi como língua geral, ensinada também nos colégios e pela concentração dos índios em aldeamentos, governados pelos padres.

Seu uso somente seria substituído efetivamente no século XVIII, graças à Reforma pombalina, assim chamada por conta do decreto do Marquês de Pombal, que ordenou a expulsão dos Jesuítas do Brasil e instituiu definitivamente a língua portuguesa como obrigatória em todos os espaços públicos. No entanto, somente a chegada da corte real portuguesa ao país, cerca de cinquenta anos depois, proporcionou um rápido processo de modernização e urbanização, garantindo o cumprimento da lei.

Desde então, a unidade linguística nacional tem sido discutida, testada, mas nunca realmente ameaçada. Houve períodos de revolta e tentativas de cisão, mas nenhum desses movimentos logrou êxito. Mesmo com tamanha diversidade étnica, cultural e linguística, o português mantém a todos unidos pela língua.

Um território tão extenso compromete, no entanto, a uniformidade. A distância geográfica, bem como a variedade de influências impostas à língua portuguesa. Essas influências são herança das diversas línguas indígenas existentes pelo país afora, das contribuições africanas, italianas, japonesas, alemãs e tantas outras, que fizeram com que a língua fosse se alterando, ajustando-se às características, inicialmente do substrato e mais tarde de todas as outras influências que garantiram ao português do Brasil a malemolência e musicalidade que nos caracterizam. Como exemplo dessa diversidade temos aquele sotaque italiano que atinge o “r” no Paraná, transformando-o em sons idênticos nas palavras carinho e carrinho. Em Santa Catarina, o “r” passou a ser pronunciado vibrante como no exercício de dicção “O rato roeu a roupa do rei de Roma”.

A expansão das populações desses estados sulistas para o oeste na segunda metade do século XX propiciou a difusão das suas variedades linguísticas características, que passaram a dominar novos espaços, nomeados em homenagem à origem dos imigrantes. Temos em Rondônia uma profusão de municípios denominados por substantivos compostos com o elemento “do Oeste”: Alta Floresta d’Oeste, Colorado do Oeste, Espigão d’Oeste, Itapuã do Oeste, Machadinho d’Oeste, Nova Brasilândia d’Oeste, Novo Horizonte do Oeste, Ouro Preto do Oeste, Pimenteiras do Oeste, Santa Luzia d’Oeste, São Felipe d’Oeste, além de outros tantos acidentes geográficos que relembram, na toponímia, a origem de seus habitantes.

2. LÍNGUAS EM CONTATO E BILINGUISMO

Holmes (1992, p. 13) define a língua como o modo de distinção de um grupo. É através dela que suas normas culturais e valores são transmitidos. A identidade, o orgulho e a cultura desse grupo se manifestam através e na língua.

Uriel Weinreich (1953) acredita que um estudo dos contatos linguísticos deve levar em consideração não apenas os fatos linguísticos internos, mas também as descrições das comunidades em que duas ou mais línguas são faladas. É preciso levar em conta fatores culturais e afetivos como o apego à língua materna, que representa a sua cultura como um todo, o status da língua adicional, enfim, o envolvimento emocional do aprendiz com a língua adicional.

As diferentes etnias presentes por todo o processo de colonização do Brasil legaram aos atuais habitantes usos e costumes variados. Diversidade facilmente perceptível na culinária, na música, na dança e até no modo de relacionar-se com os outros. Por exemplo, os brasileiros frequentemente tocam os seus interlocutores, mas os japoneses evitam contato físico. Com a convivência, após o choque inicial, abrandam-se os

estranhamentos, mas a expressão cultural acompanha o emigrante em qualquer situação. Causa nostalgia e afeta a sensação de pertencimento ao novo ambiente, marcando significativamente sua aprendizagem da língua local.

Em seu livro Languages in Contact (1953), Weinreich demonstra que, dentre os resultados do contato linguístico, a interferência é condicionada em grande parte por variáveis socioculturais incluindo a extensão e o grau do bilinguismo, a força do contato, distribuição geográfica e demográfica, fatores sociais como raça, religião e idade, uso em funções sociais diferentes, como educação, governo, meios de comunicação e literatura, além de fatores políticos e ideológicos, incluindo os de prestígio e de lealdade à língua.

Tratando a questão do encontro de culturas, o autor (1953, p. 92) ressalta que esse contato produz a difusão de elementos tanto materiais quanto não materiais. Segundo ele, "o lado não material da cultura é particularmente significativo para explicar não apenas o empréstimo de vocabulário abstrato, mas também os princípios de seleção e rejeição do vocabulário." Um termo transferido de uma língua a outra carrega consigo um conjunto de crenças e valores constituintes da identidade do falante.

Em um de seus poemas, o poeta inglês John Donne, afirma que "Nenhum homem é uma ilha inteira em si mesma; cada homem é um pedaço do continente, uma parte do todo"[3]. Assim, cada indivíduo é constituinte de um todo com o qual compartilha características socialmente adquiridas. Sua cultura o identifica, ao mesmo tempo em que o integra.

Num novo ambiente, suas características originais podem ser consideradas indesejáveis, o que faz com que procure disfarçá-las, mas

3No original: No man is an island entire of itself; every man is a piece of the continent, a part of the main; (tradução nossa) trecho do poema MEDITATION XVII, no livro *Devotions upon Emergent Occasions*, 1985, p. 38.

dificilmente ele consegue abandoná-las completamente. É de fundamental importância que aprenda o mais rapidamente possível a lidar com as diferenças culturais para, assim, sentir-se confortável o suficiente para alcançar o objetivo que o trouxe ao Brasil. A linguagem proporciona a interação; a aprendizagem da língua adicional se dá também pelo conhecimento e pela compreensão dos aspectos culturais direta ou indiretamente relacionados a essa língua.

Duas línguas são, para Weinreich (1953, p. 1), consideradas em contato quando forem usadas alternadamente pela mesma pessoa. Bilinguismo, portanto, é a prática de uso de duas línguas alternadamente.

> Diferença entre as línguas, contato linguístico e bilinguismo serão tratados aqui independentemente de sua gradação, podem ser línguas, dialetos de uma mesma língua ou variedades de um mesmo dialeto. Quanto maior a diferença entre os sistemas, quanto mais numerosas forem a formas e padrões mutuamente excludentes, maior será a dificuldade de aprendizagem e a área potencial de interferência.

Há, pelo mundo, muitos povos que usam mais de uma língua e há grupos minoritários que falam línguas diferentes da língua nacional ou oficial. Para Bloomfield (1933), um bilíngue deveria possuir "controle quase nativo de duas ou mais línguas". Para Weinreich (1953), no entanto, a definição está mais ligada ao uso que à competência linguística.

Labov (2008) define bilinguismo opondo-o a um suposto monolinguismo, citando Chomsky (1963, p. 3) "um falante-ouvinte ideal, numa comunidade de fala completamente homogênea, que conhece sua língua perfeitamente." E comenta que essa é uma situação impossível. Ninguém conhece sua língua completamente, nem é possível pensar numa comunidade de fala homogênea.

De fato, o bilinguismo ou, como tem sido também denominado, o multilinguismo é cada vez mais comum e a nossa tomada de consciência

sobre o fato de que a habilidade de usar duas ou mais línguas além de nossa língua materna parece ser a regra, e não a exceção, se deve, entre outros fatores, à aceleração recente de um processo de globalização cultural e econômica, que aproxima culturas e línguas com uma rapidez e facilidade nunca vistas antes. Segundo o pesquisador François Grosjean (1982, p. 208), o bilinguismo está presente em todos os países, classes sociais e grupos etários, sendo um fenômeno antigo na história da comunicação verbal entre os seres humanos: é pouco provável que os diferentes grupos linguísticos tenham se mantido isolados.

Desde os primórdios os diferentes grupos humanos se comunicam e superam as barreiras linguísticas de forma a completarem as relações comerciais, políticas, sociais, etc.

Além disso, dentro de uma mesma comunidade linguística, há variedades relacionadas à classe social, origem e ao tempo em que os falantes se situam. O homem transita entre ambientes nos quais é solicitado a usar uma variedade mais ou menos formal de sua língua materna, mesmo que não as domine todas com o mesmo grau de proficiência, é considerado bilíngue ou até mesmo multilíngue.

Haugen (1953, p. 7) trata o bilinguismo como “o ponto em que um falante pode, primeiro, produzir enunciados significativos completos na outra língua”. Para Grosjean (1982, p. 69): “é o uso de duas (ou mais) línguas no dia a dia de alguém, sem saber duas ou mais línguas igualmente bem e otimamente.”

Esse estado de igualdade de condições entre duas línguas só seria alcançado plenamente por crianças que sejam expostas às duas na primeira infância, pois, segundo Chomsky, a Língua 2 é aprendida como a Língua 1 mesmo quando a criança não é exposta a ela desde o nascimento. Com os adultos, a situação é diferente, eles parecem ser mais apegados aos velhos hábitos, além do que, têm menos acesso à gramática universal.

Além da idade, como comenta Weinreich (1953, p. 72-81), para o maior nível de proficiência na língua adicional contribuem a atitude do aprendiz com relação à nova língua, seu envolvimento emocional com ela, o *status* que a nova língua tem para o falante, dentre outros fatores. Ainda assim, o autor afirma que "o envolvimento emocional de um falante com sua língua mãe raramente é transferido completamente para outra (WEINREICH, 1953, p.76)." Isso pode provocar uma série de dificuldades na aprendizagem e causar problemas que no longo prazo serão fossilizados, impedindo a evolução no domínio da língua adicional.

Weinreich (1953, p. 03) mostra a importância das perspectivas psicológica e sócio-cultural para explicar o surgimento da interferência e do empréstimo lexical no contato linguístico. É preciso, segundo ele, investigar os pontos em que um determinado vocabulário é inadequado no ambiente cultural em que o contato ocorre. Vários elementos extralinguísticos são importantes para compreender um determinado fenômeno de interferência: sua difusão, persistência, e evanescência; diferenças estruturais das línguas ou até das suas inadequações.

Os fatores não estruturais envolvidos no estudo do fenômeno devem englobar (1953, p. 3-4):

> a. Facilidade de expressão verbal do falante e sua habilidade de manter as duas línguas separadamente;
> b. Proficiência relativa em ambas as línguas;
> c. Especialização no uso de cada língua pelos tópicos e interlocutores;
> d. Modo de aprender cada língua;
> e. Atitudes com elação a cada língua, idiossincráticas ou estereotípicas. [...] Ao tratar grupos, pode ser necessário determinar o papel do grupo como um todo. Levando em conta:
> f. Tamanho do grupo bilíngue e sua homogeneidade ou diferenciação, subgrupos, fatores demográficos, relações politicas;
> g. Prevalência de falantes bilíngues com determinadas características de comportamento linguístico nos vários subgrupos;
> h. Atitudes estereotipadas com relação a cada língua (prestígio);
> i. Atitudes com relação à cultura de cada comunidade linguística;
> j. Atitude com relação ao bilinguismo em si;

k. Tolerância ou intolerância em relação à mistura das línguas e das incorreções linguísticas em cada língua;
l. Relação entre o grupo bilíngue e as comunidades das duas línguas das quais é um segmento marginal.

Todos esses fatores devem ser levados em conta na tentativa de compreender os fenômenos de interferência, alternância de código (*code switching*) e do empréstimo linguístico. Trataremos, no entanto, de forma mais extensiva, apenas a questão da atitude linguística, uma vez que nos parece ser o item mais significativo para a análise realizada nos dados recolhidos. Trataremos, portanto, na seção 3, dessa classificação ao descrever os fenômenos encontrados.

2.1 Atitude Linguística

Um falante vê sua própria língua como um elemento definidor de sua identidade. Ele se constitui como sujeito através dela, enxerga sua história na e pela língua, o idioma de seus ancestrais. Sua pátria é sua língua, já dizia Caetano.

Saindo de seu mundo, confronta-se com o rótulo incômodo de estrangeiro". Rajagopalan afirma que

> Da mesma forma que a língua é conceituada em termos de tudo ou nada, os falantes dessas mesmas línguas também são classificados em termos categóricos, isto é, como nativos ou, se não, obrigatoriamente não nativos em relação a qualquer língua específica (a qual, por sua vez, passa a ser ou “materna” ou, se não, forçosamente “ estrangeira” com respeito a cada um daqueles falantes), não permitindo, dessa forma, qualquer possibilidade de categorias mistas. (2009, p. 27).

Não há meio estrangeiro, um pouco forasteiro. Ou se é nativo ou não. Para a sociolinguística, o uso da língua pelo indivíduo é inerente ao meio em que está envolvido ou à natureza da sociedade na qual a língua é falada. A língua pertence ao domínio individual e ao domínio social. O indivíduo se insere na sociedade ao adaptar-se ao contexto linguístico, passando a expressar-se da forma aceita pelo grupo. A língua é a própria

expressão da identidade de quem dela faz uso. As escolhas linguísticas são processos inconscientes que o falante realiza e associados às múltiplas dimensões constitutivas da identidade social e aos múltiplos papéis sociais que o usuário assume na comunidade de fala. O que determina a escolha de uma ou outra variedade é a situação concreta de comunicação. Logo, quem se envolve nesse meio, seja ele de diversas nações, está redefinindo sua própria identidade.

O processo de construção da identidade linguística se dá, de maneira evidente, através da convivência no grupo em que o indivíduo se faz presente, constituindo-se nas relações cotidianas.

Holmes (1992, p. 16) menciona três níveis de atitudes com relação a um grupo étnico ou social. O primeiro é aquele das atitudes com relação a um grupo étnico ou social em si. O segundo nível é o das atitudes com relação à língua do grupo e o terceiro é a atitude com os falantes individuais daquela língua,

Para Holmes (1992, p. 345), as pessoas, em geral, desenvolvem atitudes a partir da visão que têm dos indivíduos que falam aquela língua e os conteúdos e funções com os quais esses falantes estão associados. Numa sociedade, grupos étnicos ou sociais têm certas atitudes com relação uns aos outros que estão diretamente relacionados às diferenças de posições. Isto afeta as instituições culturais ou padrões que caracterizam estes grupos, tais como sua língua, sua música, etc. e que acabam aplicados a cada membro do grupo. A autora ainda sugere que a inteligibilidade também é afetada, de forma que as pessoas acham mais fácil entender línguas e dialetos com os quais se identificam, que são falados por pessoas das quais elas gostam ou admiram. Ela atesta que, na maioria dos casos, essas pessoas são mais motivadas e, consequentemente, mais bem sucedidas na aprendizagem de uma língua adicional quando têm sentimentos positivos com relação aos falantes da língua.

No caso estudado aqui, essa questão é tratada por Cotinguiba e Pimentel (2012, p. 5):

> No âmbito do trabalho chamamos atenção sobre o que aqui denominamos via de duas mãos, ou seja, em relação aos haitianos e aos brasileiros. No setor empresarial há dois discursos, o primeiro, que chamaremos de positivo, encara e descreve os haitianos como “excelentes pessoas”, “honestas”, “não faltam ao trabalho”, “educados e humildes”; o segundo, negativo, os vê como “moles para o trabalho”, “somem sem dá satisfação”, “recorrem demais à Justiça do Trabalho”, “trocam de emprego de uma hora para outra”. Para os haitianos há dois discursos predominantes, o de que existem oportunidades de trabalho e o de exploração no trabalho.

Os jornais pelo Brasil todo noticiam a preocupação causada pela entrada desses trabalhadores e discutem as possibilidades e o futuro deles. Um deles, o Click RBS, de Chapecó, Santa Catarina, relata a desilusão que muitos desses imigrantes enfrentam:

,

> Há um ano acompanhando os haitianos na cidade, Borges está acostumado a que os caribenhos lhe enumerem as razões da imigração: admiração pelo futebol, simpatia pelos brasileiros que participam da missão de paz das Nações Unidas no Haiti, confiança de que o crescimento econômico e a proximidade da Copa do Mundo e das Olimpíadas lhes garantirá uma vaga de trabalho. Uma decepção, porém, já foi detectada no sonho brasileiro: os salários são consideravelmente menores do que os R$ 1,5 mil ou R$ 2 mil que esperavam receber.

Esse fato foi constatado nas manifestações orais registradas durante a observação e nas entrevistas realizadas para esta pesquisa, os haitianos vieram para o Brasil em busca de oportunidades e encontraram uma situação previsível; todo estrangeiro é visto com desconfiança e, muitas vezes, tratado com indiferença; assim, enfrenta condições variáveis que influenciam de maneira significativa a maneira como veem o povo e a língua do Brasil.

A informante 2 diz que português é muito difícil, se queixa que quando precisa pedir algo a alguém, mesmo que seja na lanchonete, não é bem atendida, pois não consegue se fazer entender: "esse aqui não

tem paciência", diz ela. Afirma ainda que para se comunicar com sua patroa, é preciso escrever no computador para que a sua empregadora use o tradutor. As ordens são recebidas da mesma forma, digitadas em português e traduzidas para o francês.

O informante 3 é mais claro com relação a sua própria sensação: "Eu gosto muito de Brasil. De Brasil eu gosto muito, não tem, problemas". Mas, na sequência, ele acrescenta: "qualquer pessoa quando ela mora em su país é melhor pla ele, porque como em, Haiti tem muito terremoto, tem muita dificuldade muito ciclona, aqui é melhor pa nós viver".

A vontade de voltar é sempre muito clara, mas eles vão se habituando e adaptando-se ao novo ambiente, como evidencia a declaração do informante 3: "eu quele estudar, pa isclever como basilelo, pa falar como basilelo."

2.2 A Interferência

Para Weinreich (1953, p. 14-28), os desvios da norma de quaisquer das línguas que ocorre no discurso de bilíngues são resultado de sua familiaridade com mais de uma língua, de sua familiaridade com ambas, ou seja, como resultado de contato linguístico: o fenômeno da interferência. Esse termo implica em rearranjo de padrões que resultam da introdução de elementos estrangeiros nos domínios mais estruturados da linguagem, tais como o detalhamento do sistema fonêmico, grande parte da morfologia e da sintaxe e algumas áreas do vocabulário relativas à amizade, às cores, ao tempo, etc.

No entanto, para determinar a extensão desses efeitos do contato linguístico, é necessário determinar quais são os tipos de contato que induzem à mudança. Teorias de várias áreas são utilizadas, tais como a Sociolinguística, a Linguística Histórica, a Linguística Aplicada, a Etnolinguística.

Suzanne Romaine (1989, p. 50), ao tratar das comunidades de fala, comenta que “a interferência é um dos fenômenos do bilinguismo mais comumente descritos e acaloradamente debatidos.” Apresenta a dificuldade maior que é o fato de que a interferência deve ser discutida no nível do indivíduo, além de ser discutida no nível da comunidade, pois “é um produto do uso bilíngue individual de mais de uma língua na interação diária e pode ser esporádica e idiossincrática.”

Para ela (1989, p. 51),

> A transferência positiva acontece quando conhecimento prévio facilita a aprendizagem de material novo, enquanto a transferência negativa se aplica aos casos em que a aprendizagem anterior interfere com ou tem determinado efeito na aprendizagem de uma nova habilidade.

Sempre que um bilíngue transfere características de sua língua nativa para aquela que está aprendendo, esse fenômeno, resultado das línguas em contato, é denominado interferência. A interferência entre duas línguas é, portanto, aquele conjunto de desvios da norma da língua alvo influenciados pelo conhecimento da língua materna. Weinreich (1953, p. 2)

> A palavra interferência designa um remanejamento de estruturas resultante da introdução de elementos estrangeiros nos campos mais fortemente estruturados da língua, como o conjunto do sistema fonológico, uma grande parte da morfologia e da sintaxe e algumas áreas do vocabulário(parentesco, cor, tempo, etc.)”

Weinreich (1953, p. 1) mostra que o contato de uma língua com outra propicia alterações no interior das línguas que coexistem. Os falantes, dependendo de sua familiaridade com ambas, poderão lançar mão de seu repertório da língua em que são mais fluentes, a fim de se expressarem naquela em que possuem menor domínio linguístico. Sua maior familiaridade com uma do que com outra determinará modificações

fônicas, morfológicas e gramaticais, a fim de preencher lacunas ou simplesmente, tornar mais confortável a produção de sons cujas diferenças muitas vezes nem são percebidas.

O autor afirma ainda que, na verdade, usa o termo para se referir a qualquer diferença que possa existir entre a fala do monolíngue e do bilíngue. Diz ainda que, no entanto, ele não deveria ser usado para a simples transferência ou empréstimo de um elemento de uma língua para outra, mas apenas aos casos em que há um rearranjo de padrões.

Para ele, quanto maior for a diferença entre dois sistemas, isto é, à medida em que sejam mais numerosas as formas e padrões mutuamente exclusivos de cada um, maior será o problema da aprendizagem e as partes nas quais possivelmente se produzirão interferências.

A interferência será mais ou menos marcante de acordo com os fatores externos à língua já tratados anteriormente, tais como a atitude linguística, determinada pelo prestígio que o falante dedica à língua que aprende, sua predisposição com relação à cultura do outro. A maneira como o falante avalia sua própria aprendizagem, bem como o comportamento do grupo a que pertence podem influenciar drasticamente essa fase de aprendizagem.

2.3 Empréstimo Linguístico

O léxico de uma língua viva, tal como a portuguesa, é um conjunto a berto e
dinâmico, que evolui de acordo com as necessidades comunicativas dos seus falantes. Por isso, conforme sua necessidade.

Carlos Alberto Faraco(2005, p. 14):

> [...] as línguas estão em movimento, mas nunca perdem seu caráter sistêmico e nunca deixam os falantes na mão.Em outras palavras,

> as línguas mudam, mas continuam organizadas e oferecendo a seus falantes os recursos necessários para a circulação dos significados. Os falantes normalmente não têm consciência de que sua língua está mudando. Parece que, como falantes, construímos uma imagem da nossa língua que repousa antes na sensação de permanência do que na sensação de mudança.

Os neologismos, estrangeirismos ou empréstimos fazem parte da constituição do léxico de nossa língua. O léxico, ou seja, o conjunto de palavras que a língua possui é um repertório em constante modificação através do tempo. Enquanto novas palavras são incorporadas, outras deixam de ser usadas, tornando-se arcaicas e desaparecendo.

Nosso léxico, em suma, constituiu-se e continua a se constituir através de palavras importadas, chamadas empréstimos ou estrangeirismos, e de palavras criadas na própria língua. As palavras recentemente importadas ou criadas denominam-se neologismos. Um neologismo pode incorporar-se definitivamente ao léxico ou desaparecer, de acordo com as determinações dos falantes da língua. Quem se lembra da fita cassete ou do videotape?

O léxico é um componente das línguas que tem por função produzir, armazenar, processar e transmitir signos que os falantes usam como matéria-prima na elaboração de raciocínios e na construção de enunciados.

A história do léxico português, basicamente de origem latina, reflete a história da língua portuguesa e os contatos de seus falantes com as mais diversificadas realidades linguísticas; a população conquistada absorve a língua dos dominadores. Além desse núcleo, é imensa a participação de empréstimos a outras línguas (empréstimos culturais). Foram os termos populares provenientes do latim vulgar que formataram o léxico português, quer na sua estrutura fonológica quer na estrutura morfológica.

Todas as línguas são capazes de expressar as necessidades de seu falante. Caso haja novas ocorrências, ela lançará mão de mecanismos

para nomear o novo. Não há diferença qualitativa entre os idiomas do mundo – ou seja, não há idiomas gramaticalmente mais primitivos ou mais desenvolvidos.

Teoricamente, uma língua com pouca tradição escrita (como as línguas indígenas brasileiras) pode ser empregada para falar sobre qualquer assunto. Na prática, contudo, não é possível, de uma hora para outra, expressar tais conteúdos, simplesmente porque não haveria vocabulário próprio para esses conteúdos. Conforme frisa Bearzoti Filho (2004), é perfeitamente possível desenvolver esse vocabulário especifico, seja por meio de empréstimos de outras línguas, seja por meio de criação de novos termos na língua em questão.

Como afirma Margarida Basilio (1989, p. 5):

> As palavras são elementos de que dispomos permanentemente para formar enunciados. Quase sempre fazemos uso automático das palavras, sem parar muito para pensar nelas. E não nos damos conta de que muitas vezes estas unidades com que formamos enunciados não estavam disponíveis para uso e foram formadas por nós mesmos, exatamente na hora em que a necessidade apareceu. Do mesmo modo, quando estamos lendo um artigo no jornal, um livro, etc., em geral não percebemos que algumas palavras do texto não faziam parte do nosso vocabulário anteriormente à leitura.

E assim, sem mesmo perceber, formamos nossa linguagem e a aperfeiçoamos a cada dia sem que se perceba a ampliação dos itens lexicais e a importância deles no meio em que vivemos. Como frisa Nely Carvalho (2009, p. 35), é aí que age a sociolinguística, procurando examinar as relações que se instituem entre as estruturas sociais e o funcionamento do código linguístico a fim de localizar a fonte dessa evolução.

Atualmente, o vocabulário muda com uma velocidade maior do que jamais visto na história. Os meios de comunicação garantem experiências jamais imaginadas nem pelos ficcionistas mais ousados. As relações

humanas tornam-se cada vez mais virtuais e o conceito de ambiente, de sociedade se expande incessantemente. Criam-se assim novas vontades e necessidades. Com elas, ganham força de forma quase imperceptível os empréstimos linguísticos. Isso transforma o léxico, enriquecendo-o e faz com que termos provenientes de língua estrangeira se adaptem a nossa língua que está em constante transformação.

É importante que se diferencie estrangeirismo e empréstimo. Grosso modo, o primeiro se caracteriza a partir da incorporação de uma palavra estrangeira ao vocabulário de uma língua, mantendo sua grafia e pronúncia, já, no segundo caso, trata-se da incorporação de uma palavra ao nosso léxico que, ainda que mantenha a pronúncia (ou algo bem próximo do original), sofre alterações para assumir a escrita da língua em que acaba de se inserir.

Nelly Carvalho(2009, P. 48) ilustra esse fenômeno:

> Outras definições ampliam o conceito de empréstimo, termo cuja divulgação deve-se a Bloomfield(1961). O empréstimo é uma tentativa de reproduzir em uma língua os padrões linguísticos já existentes em outras e uma consequência do contato entre as línguas.
> A língua que cede o termo é considerada a língua fonte, e a que o recebe, língua receptora. O traço cedido é o modelo de empréstimo que poderá ou não sofrer adaptações segundo os padrões da língua receptora.).

A autora explica que o empréstimo é o resultado dos contatos que o indivíduo vivencia diariamente. Tais contatos influenciam a língua em vários níveis, o fonológico, lexical e semântico. Esse fenômeno, comum a todas as línguas, já que os contatos entre diferentes povos e suas culturas remonta aos primórdios da humanidade, acelerou-se de forma impressionante com a globalização.

A adoção de palavras estrangeiras para denominar o novo sempre foi bastante criticada e debatida na Europa e no Brasil. Houve tentativas de restringir a disseminação do processo, tido como opressor e nefasto para o

português. Desde o século XIX, com o advento da independência política, até uma época bem recente, essas tentativas de proteger uma língua brasileira têm sido frustradas. Aldo Rebelo, por exemplo, ferrenho defensor da pureza da língua, crê que ela deva ser protegida dos avanços colonizadores de outras línguas, representantes de um poder externo economicamente superior. O político chegou a propor lei que impossibilitaria a adoção imediata de termos estrangeiros na língua portuguesa.

Acabamos acatando uma reforma ortográfica que nem mesmo Portugal aceitou, a fim de unificar e fortalecer a língua que nos une. A proibição dos estrangeirismos, no entanto, ficou engavetada, ante a óbvia constatação de que as línguas só têm a ganhar com a adoção de mecanismos que a tornem mais ágil e moderna.

Os contatos entre culturas fornecem oportunidades de ampliação de conhecimentos gerais e consequentemente, fazem com que os conhecimentos linguísticos evoluam. Há, na língua portuguesa, grande número de estrangeirismos, alvos de várias críticas, mas que são, em sua maioria, aceitos como parte integrante da língua desde sempre. Nem todo mundo imagina que pizza, macarrão, almofada ou tricô sejam termos estrangeiros. Com certeza, no entanto, a maioria da população sabe que o *Black Friday* vem de outras terras, junto com o conceito que a palavra denomina.

Quando um contato entre línguas acontece por qualquer motivo, os empréstimos lexicais são o resultado imediato dessa interação linguística. Não é necessário que haja grande intensidade ou duração do contato. Pode haver a necessidade de um novo vocábulo para designar qualquer novidade dentro da cultura que o está tomando emprestado ou por uma mera questão de atualização de alguma ideia ou conceito. Antigamente as mulheres usavam “corpetes” ou “collants”,-termos provenientes do francês; hoje, com o crescimento da influência da cultura

inglesa e norte-americana e, consequentemente, da sua língua sobre o português, usa-se “body”.

Nely Carvalho (1989, p. 24) explica a ocorrência desse tipo de evolução linguística:

> Toda língua viva tem seus mecanismos de ampliação de léxico, que resultam de dois processos: o processo de criação dentro da própria língua; o processo de adoção e adaptação de um termo de língua estrangeira [...] O primeiro processo, a criação lexical, divide-se em dois grandes grupos: inovação na forma ou neologismo formal, inovação no significado ou neologismo conceitual. Na inovação ou criação formal podem ser usados os processos de composição ou derivação, processos herdados do latim, mas também esta criação poderá advir de uma sigla-ORTN, de uma gíria- manerar, de uma onomatopeia-clique, de uma redução-moto.

Tais mecanismos estão presentes em qualquer língua, alguns povos tentam, no entanto, frear esse uso, como Portugal e França que determinam através de leis, o que pode ou não ser acrescido à língua. Neologismos baseados em empréstimos da língua inglesa soam ameaçadoras. Houve algumas tentativas no Brasil também, mas os debates, acalorados num primeiro momento, acabaram caindo no esquecimento, pois não há justificativa para barrar novos estrangeirismos, se é impossível coibir os tradicionais, provenientes do árabe, italiano, japonês, alemão, francês, etc.

Para aprofundar o entendimento do conceito de empréstimo linguístico, lançaremos mão da definição de Luis Carlos de Assis Rocha (1998, p. 71-2):

> [...] considera-se uma forma linguística como sendo um empréstimo sob o ponto de vista sincrônico ou simplesmente, empréstimo, se essa forma apresentar um fonema ou uma sequência de fonemas estranhos ao sistema fonológico do português. São exemplos de empréstimos out-door, best-seller, marketing, shopping center, eggcheeseburguer, laser, compact-disc, show-room, public-relations, dumping, leasing, flamboyant, entourage, pizza, etc.

Tais palavras, no entanto, acabam por incorporar-se ao uso local e encontramos, por exemplo, nas placas de lanchonetes espalhadas pelo Brasil o “cheeseburguer” grafado “X-burguer”. O restaurante self-service recebeu em Rondônia, como, com certeza, em todo o resto do país, várias adaptações, tais como “serve service” ou “selve selve”. A capacidade de adaptar e renovar os neologismos é infinita e enriquece a língua.

O assunto rende muitas controvérsias, portanto, a fim de evitar confusões, a pesquisa segue a posição de Rocha (1998, p. 72):

> O critério que estamos adotando neste trabalho para a fixação do conceito de empréstimo é eminentemente técnico e sincrônico: estamos nos baseando na existência ou não, de fonemas ou combinações de fonemas estranhos à língua receptora. É evidente que existem critérios que levam em conta outros aspectos como cultural, o social, o histórico, o político, etc.

Assim, neste trabalho, também foi feita a opção pela abordagem técnica e sincrônica, muito embora os outros critérios, o político, o social, etc. possam ser utilizados quando necessário, a título de ilustração.

Romaine (1989, p. 54-5) prefere lidar com o termo influência linguística cruzada. Ela categoriza os empréstimos a partir de sua ocorrência nos planos fonológico, morfológico e sintático. A autora ainda distingue as palavras parcialmente assimiladas das totalmente assimiladas. As parcialmente assimiladas são aquelas usadas por monolíngues que podem não conhecer a sua origem estrangeira, ou seja, elas podem, para a maioria dos falantes, nem serem percebidas como estrangeiras.

Empréstimos linguísticos e misturas emprestadas são particularmente comuns em casos de bilinguismo porque, ao se mudar para um novo ambiente, os falantes encontrarão uma variedade de itens culturais e práticas cotidianas específicas do novo ambiente ou cultura e

usarão as palavras locais para denominá-las. Romaine menciona ainda uma mudança emprestada ou extensão semântica, citando o exemplo da palavra em português *grosseria* que, nos Estados Unidos, acabou utilizada por falantes bilíngues para mencionar uma “grocery store” (mercearia), ao invés de emprestar o termo em inglês.

A explicação para este fato é apresentada em Romaine (1989, p.57), ela afirma que a motivação para fazer uma analogia entre as duas palavras é meramente fonética. É acidental que a palavra em português *grosseria* e a inglesa grocery sejam foneticamente similares. No nível semântico, elas não têm nada em comum.

Temos o exemplo semelhante de falantes bilíngues que se utilizam com frequência, ao se expressar em português, da palavra *realizar*, dando a ela o significado de “perceber”, pois é este o seu significado em inglês. Na letra da música Tempos Modernos, Lulu Santos diz:

> Eu quero crer
> No amor numa boa
> Que isso valha
> Pra qualquer pessoa
> Que *realizar* a força
> Que tem uma paixão...

Voltando à classificação dos empréstimos, temos então os empréstimos fonológicos, aqueles que propiciam a adoção de um novo som ou a mudança de um som já presente na língua sob a influência de outra língua quando estas estão em contato. No caso estudado, verifica-se que os falantes haitianos tendem a utilizar-se de uma vogal frontal arredondada francesa ao falar português, o ü, como em legume [legym] ou masculino [maskylinu].

Outra forma de empréstimo linguístico é o morfológico. Neste caso, há a adoção de morfemas de uma língua por outra. Rocha (1998, p. 71) diz que “às vezes o estrangeirismo é apenas gráfico, uma vez que a

palavra já é pronunciada de acordo com o sistema fonológico do português: show, vôlei.” Mas há o caso da palavra pizza que se escreve com duplo zz, para garantir uma pronúncia diferenciada, que não é comum em português [ts].

Por fim, há o empréstimo sintático, que requer profundo e prolongado contato entre línguas. O empréstimo sintático consiste, por exemplo, na importação de uma determinada ordem de palavras por outra língua. Muitos autores veem esse tipo de empréstimo como consequência da influência lexical e pragmática. De qualquer forma, o empréstimo sintático ressalta o dinamismo existente entre as línguas.

Os casos de empréstimo utilizados pelos haitianos serão discutidos na seção 3.

2.4. Alternância de Códigos (code-switching)

A alternância de códigos, mais conhecida como code-switching, é definida por Grosjean (1982, p. 152) como o uso alternado de duas ou mais línguas durante uma conversação. Segundo o autor, essa característica pode acontecer por muitos motivos, dentre eles, preencher necessidades linguísticas, marcar identidade de um grupo, excluir alguém de uma conversação, e entre outras Mackey (1972) também observa que a o grau de bilinguismo será responsável pela alternância (ou não) de códigos linguísticos. Para ele, a alternância depende de funções internas (situações não linguísticas em que o bilíngue está inserido) e externas (áreas de contato), e os fatores que desencadeiam a alternação são três: o assunto, as pessoas envolvidas e a tensão que envolve a situação linguística.

Não se pode delimitar os motivos pelos quais há essa alternância, mas acredita-se que a principal razão seja a necessidade de uma comunicação mais precisa, o que, dependendo dos interlocutores, é difícil de realizar. Siguan (2001, p. 175) observa que:

> A primeira característica do bilíngue é sua capacidade de manter separados os dois códigos linguísticos que possui [...] Mas o próprio bilíngue, no momento em que uma nova circunstância faz necessário ou preferível utilizar o outro código, muda rapidamente e sem esforço.

O intercâmbio linguístico também pode ser realizado de uma forma involuntária, já que algumas vezes o bilíngue não tem mais consciência das diferenças entre os códigos linguísticos que usa. Tornou-se tão natural usar os dois que ele se surpreende quando se solicita que esclareça o que quis dizer.

Há casos em que a alternância de códigos acaba se firmando e marcando algumas variedades linguísticas. Um dos exemplos mais notórios é o do robô, personagem interpretada por Arnold Schwarzenegger no filme O Exterminador do Futuro que, para evitar parecer estrangeiro (no caso do filme isso é uma questão temporal e não espacial, uma vez que o robô vem do futuro), adota o estilo "bad boy". A fim de parecer um humano estadunidense do final do século XX, ele precisa utilizar uma variedade linguística caracterizada pela mescla de elementos do inglês e do espanhol. A frase mais emblemática do filme é "Hasta la vista, baby". Inicialmente, esta variedade conhecida como spanglish era utiizada apenas pelos "chicanos", termo cunhado para referir-se aos falantes nativos de espanhol, pouco importando sua origem; todos eram genericamente considerados mexicanos. Hoje em dia, o spanglish é usado indistintamente por falantes nativos de várias áreas dos Estados Unidos.

Figura 5 - Spanglish
fonte: http://www.lem.seed.pr.gov.br/modules/galeria/detalhe.php?foto=158&evento=34

A figura ilustra bem a existência do fenômeno. Há uma mistura de termos essencialmente neutros em inglês: *roof* e *market*, mas que são usados por falantes bilíngues e acabam adquirindo o gênero feminino, como em espanhol, *rufa* e *marketa.* A figura mostra ainda misturas como parquear, mopear e faxear, que unem o radical inglês com a terminaçao verbal em espanhol. O nome declarado do órgao que fornece a lista é "*Instituto of Spanglish Institute".* A charge satiriza o processo de mistura, ao passo que o diálogo esclarece que "*Todo mundo começou a usar spanglish*" e a resposta é: "*Spanglish é sempre percebido como um termo pejorativo. Significa uma palavra ou sentença que é parte em espanhol e parte em inglês*".

No caso em estudo, essa mescla faz parte da prática linguística dos haitianos em Porto Velho. Em algumas conversas, quando o clima já estava suficientemente tranquilo e os falantes bem à vontade, foram registradas expressões do tipo: "Nós gostamos de legume, **bongô**, (quiabo)", "Eu tem uma maleta **bien** (bem) arrumadita". Durante as entrevistas, no entanto, quando prestavam mais atenção ao que diziam,

situação que Krashen explica, ao falar dos filtro afetivos, houve tentativas de correção como em " Nos tem não tem peril, *peligro*, *perig* pra nós".

As expressões e palavras em negrito revelam a presença de elementos do francês alternado com o português e no segundo caso, houve ainda uma ocorrência do diminutivo espanhol: arrumad**ita**. Este último exemplo demonstra a alternância entre três línguas num único enunciado.

É difícil afirmar até que ponto esse fenômeno linguístico se dá de uma forma consciente, os falantes fazem uso da L1 intercalada à LA por diversos motivos, para solucionar problemas de comunicação imediatos, quando não dispõem do termo na LA, para excluir um falante monolíngue da conversa, ou quando trata-se de uma expressão já interiorizada pelos falantes: um processo de perda da consciência de algumas diferenças entre os códigos. Este trabalho, no entanto, limita-se a verificar e registrar as ocorrências sem se lançar ao árduo trabalho de análise de cada ocorrência a fim de tentar analisar os motivos, uma vez que isso justificaria um novo trabalho de pesquisa.

3. AQUISIÇÃO DE PORTUGUÊS COMO LÍNGUA ADICIONAL

Para começar a discutir a aquisição da língua é necessário esclarecer a diferença entre Língua Adicional (LA) e Língua Estrangeira (LE). Língua Materna (L1) é a língua em uso no país de origem do falante, adquirida durante o período de aprendizagem da linguagem. Sua aquisição é espontânea, realizada no ambiente familiar, usada pela comunidade linguística nativa do falante. A língua adicional (LA) é aquela que o indivíduo aprende em seguida, por ser a língua oficial de seu país ou por aprendê-la estando no país em que ela é língua nacional e/ou oficial (Teyssier, 1999). Língua estrangeira é aquela que o indivíduo aprende sem estar necessariamente no local em que ela é falada, sem estar exposto a ela no dia a dia.

Os haitianos que chegaram ao Brasil, em sua maioria falavam apenas o francês e o crioulo, dos entrevistados para esta pesquisa, dois dominavam também o espanhol. Entender como a aprendizagem intuitiva de língua portuguesa acontece pode ajudar a entender e aperfeiçoar as condições do ensino-aprendizagem de português como língua adicional. Será possível, por exemplo, determinar quais são os aspectos mais relevantes para evitar que o processo de fossilização se instale e prejudique a comunicação dos novos falantes.

Fossilização é o nome que a linguística aplicada dá ao fenômeno de perpetuação de um erro na LA. Quando um falante produz um enunciado inadequado no uso da língua adicional, ele pode ou não dar-se conta disso e corrigir a inadequação. Caso não corrija, a utilização dessa forma se torna permanente e estável. Weinreich (1953) já tratava essa questão e chamava a isso de “transferência gramatical permanente”.

Reconhecer traços como a troca do r por l em "Jilau" e "Blasil", devido à transferência pode ajudar a entender o que se precisa fazer para planejar estratégias que evitem a fossilização.

3.1 Aquisição de Língua materna

O gerativismo, teoria desenvolvida por Noam Chomsky a partir de 1957, com a publicação de Syntatic Structures, aborda essencialmente a aprendizagem de língua materna.

A preocupação dos gerativistas com a aquisição da língua materna não é descrever os detalhes de uma determinada língua, mas investigar os princípios que condicionam a aprendizagem das gramáticas naturais, aquelas que não são conhecidas conscientemente pelos falantes, mas que se alojam em seu cérebro graças a um mecanismo que Chomsky denominou DAL – o Dispositivo de Aquisição da Linguagem.

É nesse livro que Chomsky (1975, p. 84) apresenta a famosa dicotomia competência/performance. Competência é definida como "o conhecimento que o falante-ouvinte possui de sua língua" e performance como "o uso efetivo da língua em situações concretas". Ele associa essa dicotomia a *langue* e *parole* de Sausurre, mas rejeita o conceito de *langue* "como sendo meramente um inventário de itens" e adota a "concepção humboltiana de competência subjacente como um sistema de processos gerativos. Ele liga o conceito de aceitabilidade à performance e a gramaticalidade à competência.

O objetivo da Gramática Gerativa, segundo a perspectiva de Chomsky (1981), não é descrever os detalhes de uma língua específica, mas formular os princípios que determinam as gramáticas das línguas naturais.

A linguística gerativa procura caracterizar o conhecimento de uma língua e precisa determinar quais propriedades são universais e específicas de uma dada língua, e como essas propriedades se relacionam na Gramática Universal (GU). A aquisição de uma língua é,

em parte, baseada nos **princípios** e **parâmetros,** disponíveis na **GU**, e em parte no **input** ou **insumo**. Os princípios são leis gerais válidas para todas as línguas naturais reunidas na GU, englobando o estágio inicial de um falante que está adquirindo a língua; e os parâmetros são as propriedades que uma língua pode ou não exibir, sendo responsáveis pela diferença entre os idiomas.

O insumo é a informação linguística a que a criança está exposta quando pai, mãe, irmãos e outros falam entre si, perto da criança ou com ela, fazendo uso do vernáculo. Esses dados naturais são truncados, caóticos e desorganizados quanto ao grau de complexidade das estruturas. A criança não recebe correção sistemática, e a despeito de tudo isso, adquire uma língua em curto período de tempo (em torno de seis anos de vida), sem instrução ou grandes dificuldades (excluindo-se, claro, os casos patológicos). Esse fenômeno é conhecido como pobreza de estímulo.

A gramática gerativa tem a preocupação de caracterizar a capacidade linguística do ser humano; seu processo de aquisição é considerado a “formatação” da Faculdade da Linguagem através da fixação dos valores dos parâmetros previstos na GU. Quando um falante nativo sabe uma língua particular (L1), ele adquiriu um conhecimento inconsciente e automático, a gramática internalizada dessa língua. Esta aquisição é universal e não há uma língua que seja mais fácil ou mais difícil do que outra neste processo. Embora haja algumas distinções entre as questões estruturais, todas as línguas satisfarão as necessidades de seus usuários.

Ellis (2000, p. 3) acrescenta à noção da competência linguística um fator importantíssimo para que o desempenho seja maximizado, o princípio da interação, que define como a "finalidade primária da capacidade linguística de nossa espécie." Ainda segundo Ellis, são necessários muitos anos de interação diária com usuários linguísticos

maduros para que as crianças retenham habilidades semelhantes às deles, o que é um período de aprendizagem com mais coisas a serem aprendidas do que é requerido de qualquer outra espécie no planeta. Krashen (1987, p. 61) denominará esta fase de período do silêncio, que é aquela fase em que uma criança apenas ouve e absorve os estímulos externos, enquanto se prepara para poder finalmente produzir suas próprias tentativas no campo linguístico.

É a necessidade de interação instintiva desde os primeiros meses da vida dos bebês que os motiva a tentar conquistar a atenção das pessoas ao seu redor. Através da interação social os padrões gramaticais emergem e a proficiência linguística é adquirida.

Vilson Leffa (2003, p. 2) lembra que "ninguém aprende sozinho, da mesma forma, ninguém cresce, vive, sofre ou morre sozinho; estamos sempre agindo e reagindo com o contexto a nossa volta". A partir dos estímulos externos, a aprendizagem é tão mais rápida e eficaz quanto forem rápidos e eficazes os contatos linguísticos durante a formação do falante.

Em resumo, observa-se que a perspectiva da interação social dos estudiosos da linguagem enfatiza o papel desempenhado pelo insumo linguístico no processo de aquisição da linguagem infantil, o qual, por sua vez, precisa ser analisado à luz das características individuais e dos aspectos sociais relacionados à criança e ao adulto, tornando necessária uma análise interacional e bidirecional desta relação. A importância de se levar em conta tais características encontra-se no fato de que existe variabilidade de uma criança para outra, de uma mãe para outra, na forma e na medida em que ministram e fazem uso de aspectos particulares da linguagem. Ademais, segundo Pine (1994), o nível de desenvolvimento da criança, em termos de idade ou de estágio linguístico, influencia a forma como ela fará uso do insumo recebido; um determinado estilo de insumo materno poderá ter efeitos facilitadores da

linguagem em um nível de desenvolvimento da criança, e não apresentar esse mesmo efeito em um outro nível.

É importante mencionar ainda que existem variações no contexto sociocultural em que os indivíduos vivem. A variação entre contextos é marcada pelos diferentes modelos de uso da linguagem que o meio social oferece. Estes modelos são apresentados segundo os modos de vida e os tipos de interações típicas do meio social dos indivíduos, ou seja, correspondem a seus hábitos e necessidades adaptativas.

Todos esses aspectos são enfatizados pela teoria da interação social, que busca romper o dualismo natureza versus ambiente que prevaleceu por tanto tempo nas explicações sobre a aquisição da linguagem. Os pressupostos dessa teoria contribuem para uma análise do conhecimento acerca do contexto sociocultural em que o indivíduo está inserido, permitindo uma articulação deste com as características individuais do adulto e da criança, orientado por um modelo bidirecional, através do qual evidenciam-se a reciprocidade e a adaptação mútua entre o adulto e a criança.

Da mesma forma, aprendizes de língua adicional, caso disponham apenas de um ambiente linguístico pobre, com pouco insumo e falta de interação, poderão enfrentar dificuldades para adquirir a nova língua, com uma evolução lenta e muitas vezes marcada pela interferência e fossilização.

3.2 Aquisição de Língua Adicional

Antes de discutir as diferenças entre aprendizagem de primeira e língua adicional, é preciso que se determine a distinção entre o sentido dos termos aquisição e aprendizagem. Enquanto o processo de aquisição de L1 é natural e espontâneo, a aquisição de LA envolve uma série de

elementos complicadores, tais como a interferência das características fonético-morfossintáticos da L1, a idade do aprendiz, sua motivação para aprendizagem, as condições de exposição à LA, etc.

Rod Ellis (1985, p. 38) distingue os termos aquisição e aprendizagem. Para ele, aquisição é o processo de "captar" uma língua adicional através da exposição, enquanto o termo aprendizagem se refere ao estudo consciente de uma língua adicional. O autor se utiliza das duas formas indistintamente, no entanto, sem levar em conta os processos conscientes ou inconscientes na maior parte de seus escritos. Para ele, os dois apenas se distinguem realmente quando se chega à questão de se uma língua qualquer que não seja a materna é aprendida num contexto natural ou em ambiente monitorado.

Segundo Ellis (1985, p.20), o Período do Silêncio já tratado anteriormente, seria um estágio de pré-produção que ocorre no processo de aprendizagem de um segundo idioma e que também estaria relacionado com a quantidade de conhecimento que uma pessoa possui acerca da sua primeira língua.

O processo de aprendizagem de LA é, segundo vários pesquisadores, muito mais fácil do que a primeira, embora alguns insistam em que é preciso que siga o mesmo processo. Krashen (1988, p. 59) afirma que é preciso que haja um período de silêncio, como aquele que a criança que aprende a primeira língua experimenta nos seus dois primeiros anos de vida. Um período em que há muito mais input (entrada de dados, insumo) do que output (emissão). Assim, aprender uma língua adicional dependeria de exposição à língua alvo por um período de observação. A qualidade desse insumo também é, para Krashen, determinante da qualidade das emissões linguísticas. É imprescindível que o falante esteja exposto à língua autêntica, sem que haja adaptação para seu nível de proficiência. É necessário que o aprendiz esteja motivado a adquirir esta língua, que respeite e admire a LA, que não a

veja como adversária da L1. Sua autoimagem influenciará de forma decisiva a aquisição da LA, uma vez que afeta o que Krashen denomina filtros afetivos.

Para Ellis (1985), a Aquisição de Língua adicional é o produto de muitos fatores relacionados ao aprendiz por um lado e a situação de aprendizagem por outro. A complexidade e diversidade resultam da interação destes dois conjuntos de fatores. Todavia, o estudo da Aquisição da LA somente assume interesse se for possível identificar aspectos que sejam relativamente estáveis e, portanto, generalizáveis, se não para todos os falantes, ao menos a grandes grupos de aprendizes.

Assim, o ensino monitorado pode parecer artificial aos que convivem com a língua em ambiente natural, uma vez que não representa a língua utilizada nas ruas.

Por esse motivo, neste trabalho optamos por tentar generalizar, a partir de 6 informantes apenas, características que marcam a produção de aprendizes de português na prática, sem a interferência do ensino formal, pois esperava-se que o acompanhamento do processo de aquisição revelasse os traços linguísticos mais marcados pela interferênica da L1, desvendando as possíveis causas de fossilização que comprometeriam a expressão em língua portuguesa.

Sabe-se que a LA sofrerá grande influência da L1, pois os processos cognitivos de aquisição de língua desenvolvidos na primeira infância, intuitivos e inconscientes, são acionados em detrimento da aprendizagem, que é considerada um estudo consciente da gramática e das funções da linguagem. Ambos os processos são complementares e há estudos que afirmam que o processo de aquisição de uma língua adicional não sofre nenhuma influência da Língua Materna e nem segue o mesmo processo.

Schütz, em seu esclarecedor trabalho disponível na internet (2012), a aquisição da língua estrangeira é um fenômeno de assimilação natural, intuitivo e inconsciente, que resulta de situações reais no convívio com o ambiente sobre as quais o aprendiz atua diretamente. Desenvolve-se nessa relação, uma aproximação real com a língua, suas características sonoras, seu léxico, estrutura, semântica, ou seja, sua utilização autêntica, em situações corriqueiras que incentivam a criatividade e aproximação com os demais falantes. A aquisição ocorre, por exemplo, quando adolescentes e jovens adultos se dispõem a passar um determinado período em outro país, através de programas de intercâmbio cultural, atingindo um grau de fluência na língua estrangeira próximo ao da língua materna. Em geral, eles convivem com famílias nativas ou com estudantes de vários outros países e acabam por introjetar a língua, sem, na maioria dos casos, elaborarem regras gramaticais ou questionarem os mecanismos que lhes permite utilizarem de forma bastante eficiente o grande conhecimento que adquiriram do idioma.

Esses intercambistas, muitas vezes não fazem ideia das regras gramaticais, pois são expostos à língua no dia a dia, acabam adquirindo a habilidade de comunicar-se eficientemente sem que precisem estudar tempos verbais, colocação pronominal, etc. Cultura e língua são absorvidos igualmente, mesmo que haja choques e conflitos inicias.

O resultado da aquisição, concorda Krashen, é inconsciente, aprende-se como usar a língua, mas não as regras da língua, assim, o falante adquire uma "sensação" de correção, os erros lhe parecem estranhos, mesmo que não saiba que regras foram violadas.

O processo de aprendizagem, por outro lado, associa-se à ideia de ensino. Há uma consciência de conhecer a língua adicional, dominar suas regras, estar consciente delas e saber falar sobre elas. É preciso que alguém ensine para que a aprendizagem se estabeleça. Pode ser um

professor físico, um método em livro ou online. A imagem da escola sempre nos vem à cabeça quando pensamos nesse tipo de contato com novas línguas, quer ele requeira carteiras, lousa e giz nas escolas públicas, quadro branco e equipamento de áudio e vídeo com tecnologia de última geração em salas com isolamento acústico, ou apenas um computador e fones de ouvido.

Há um planejamento, um roteiro a ser seguido, a língua escrita é, em geral, o foco principal. A correção é valorizada acima da comunicabilidade. Prioriza-se a acurácia, a precisão da forma ao invés da fluência verbal. A análise do erro vem antes da valorização do acerto. Essa aprendizagem artificial prejudica sobremaneira o desenvolvimento da competência linguística dos aprendizes, pois exclui do centro do processo o contato real, direto com a linguagem, enquanto apresenta exemplos descontextualizados, elaborados especialmente para a situação de sala de aula.

Ensinando sobre a língua, a escola supervaloriza o conhecimento metalinguístico e, devido a diversos fatores, atrasa a aprendizagem, quando não a impossibilita completamente. Esses fatores têm sido amplamente debatidos, especialmente em trabalhos de Linguística Aplicada que abordam o processo de ensino-aprendizagem em escolas públicas e particulares, e abrangem desde o excesso de alunos por turma, poucas aulas semanais, falta de condições e ambiente propícios, medo causado pela falta de segurança do professor, etc.,

Krashen (1987, p. 94) demonstra, através de uma figura, que os alunos podem carregar uma bagagem pesada em suas mentes sem, no entanto, conseguir utilizá-la. O círculo externo, maior, demonstra a possibilidade das regras de uma determinada língua que, para Chomsky, são infinitas. O círculos interno, bem menor, compreende as regras que podem ser aprendidas e o menor de todos ilustra a quantidade das regras que ele realmente utilizará em sua performance linguística.

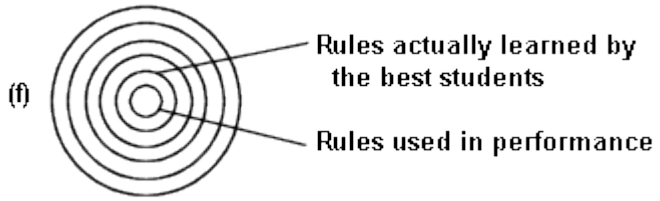

Figura 6 - regras aprendidas pelos melhores alunos e as regras usadas na performance
fonte: http://www.sdkrashen.com/Principles_and_Practice/index.html

Essa dificuldade na aprendizagem de LA é muito comum, como lembra Schütz em seu site na internet, ao citar "os inúmeros graduados em letras, com conhecimento sobre a língua e sua literatura, já credenciados, porém ainda com claras limitações em se comunicarem na língua que teoricamente poderiam ensinar".

Krashen (1988, p. 10) afirma que, embora alguns teóricos da LA assumam que as crianças adquirem, enquanto os alunos apenas aprendem, ele acha que os adultos também adquirem, que a habilidade de aprender línguas não desaparece com a puberdade. Os adultos também podem acessar seu mecanismo de aquisição da linguagem, desde que as condições ideias se apresentem.

No caso em estudo, temos falantes de crioulo e francês que têm contato frequente com a língua e que, ainda marcados do choque inicial, debatem-se entre a necessidade de aprender português e o apego à terra que deixaram para trás, na grande maioria das vezes, involuntariamente. Tratar a aprendizagem de português de forma padrão os tornará, como os demais aprendizes nativos, descrentes, pois a escola apresenta a eles um padrão fictício que não se vivencia no cotidiano brasileiro.

Krashen (1988, p. 40) nota que todos os sistemas de ensino usados para adultos usam atividades em que as regras linguísticas são apresentadas isoladamente, uma forma verbal por vez, por exemplo, distinguindo-se das situações cotidianas em que o falante é apresentado, em ambiente informal, a todas as regras misturadas, continuamente, de

uma só vez. O autor informa ainda que "os adultos não só aumentarão sua proficiência em ambientes informais, mas podem também sair-se tão bem ou melhor do que os alunos que tenham gasto uma quantidade comparável de tempo em situações formais."

Aproximar o ensino formal da experiência vivida pelo aprendiz pode fortalecer todo o processo de adaptação do estrangeiro. Os ambientes informais fornecem o input necessário para a aquisição, enquanto os recursos da sala de aula favorecem uma competência aprendida. Antes de mais nada, os ambientes informais devem ser intensivos e envolver o aprendiz diretamente para que sejam eficientes. Deve-se então, distinguir os ambientes informais em que o estrangeiro sofra mera exposição daqueles em que ele realmente está envolvido nas atividades linguísticas.

Uma sala de aula em que o aluno seja exposto a esse tipo de insumo seria também proveitosa, se o trabalho em sala de aula fosse dirigido ao aumento do conhecimento da consciência linguística da língua alvo, de forma realista. Assim, a sala de aula também pode servir como fornecedora de insumo natural que contribui para que a aquisição ocorra, desde que os cuidados básicos para garantir insumo em abundância e interação sejam mantidos.

O que se verifica, no entanto, na prática, é que o insumo ao qual o aprendente é exposto em sala de aula é geralmente modificado de acordo com o nível em que o professor acredita que o falante de LA se encontre. Pesquisas demonstram que as conversas monitoradas em ambiente escolar geralmente se caracterizam pelo estreitamento do tópico, simplificação do vocabulário, troca súbita de tópico, maior número de perguntas para iniciar as discussões, mais repetição do que seria normal numa conversa autêntica. (ELLIS, 1994, p. 244).

A fim de possibilitar uma futura reflexão sobre ambos os conceitos, aquisição e aprendizagem, as entrevistas e observações relatadas neste trabalho procuram demonstrar a sequência natural da

aquisição em ambiente natural, num determinado momento da aquisição dos entrevistados, aprendizes intuitivos, mapeando as características de sua interlíngua, suas maiores dificuldades, que serão apresentadas na seção 4.

3.3 Português como Língua Adicional

Retomando a distinção entre L1 e LA, a língua1 é também chamada língua mãe, ou seja, é aquela que a criança aprende ainda no colo materno. A língua adicional é qualquer língua adquirida depois desta, usada para um propósito específico. Há autores que preferem tratar a LA como Língua Adicional ou Língua Estrangeira. Não discutiremos estas distinções, pois o mérito neste caso é tratar com as línguas que são adquiridas em ambiente de imersão no país em que elas são nativas.

Durante todo o período colonial, que no caso de Portugal durou do século XV ao XX, o país levou sua língua da Península Ibérica para os 5 continentes do planeta. O português foi falado inicialmente como língua franca e mais tarde, como língua adicional, língua oficial e finalmente materna.

No Brasil, a língua portuguesa ainda hoje disputa a hegemonia. Segundo o censo de 2010 do IBGE, há 817.963 falantes de 274 línguas indígenas no país. Comprovando a diversidade linguística, a essas línguas, juntam-se as diversas variedades linguísticas e as línguas dos imigrantes. Embora venha tentando modernizar-se, a escola tem se mostrado ineficiente para suprir a necessidade de alfabetização de toda essa população.

As dificuldades encontradas no ensino de português àqueles que a declaram sua primeira língua são grandes e no caso do Ensino de Português como Língua adicional (PLA), esses empecilhos são ainda mais consistentes.

Os aprendentes sobre os quais esta pesquisa se interessa especialmente, os imigrantes, dispõem de uma facilidade que é a aprendizagem em imersão. Ao chegarem ao Brasil, seja para trabalhar ou estudar, os estrangeiros se deparam com uma cultura diferente e uma nova língua. Para que a comunicação entre falantes nativos e aprendizes da língua portuguesa exista, em um primeiro momento, os gestos e a mímica são estratégias muito utilizadas, até que o falante adquira um vocabulário significativo. Essa fase se estende por períodos diferenciados, de acordo com vários fatores, como motivação, autoestima, timidez, etc.

Quando não há uma língua em comum entre aprendizes e professores, o primeiro contato pode ser feito através de ferramentas de ensino como o computador. É assim que se comunica com sua patroa a informante 2. É um processo difícil uma vez que a cada vez que uma das duas precisa dizer algo, é necessário que haja uma computador à mão e o tradutor funciona como intermediário. O intercâmbio linguístico nesse caso é lento e desgastante.

Uma vez que essa primeira fase de comunicação esteja superada, começam a surgir as diferenças, mesmo entre as línguas consideradas semelhantes como o espanhol e o francês. Como qualquer outra língua, o português apresenta algumas peculiaridades sonoras que devem ser notadas pelos aprendizes. A percepção desses sons da língua portuguesa demanda bastante cuidado e atenção.

A semelhança constantemente alardeada entre as línguas de origem latina seria, em tese, uma das grandes facilitadoras da aprendizagem. Candidatos a vagas no vestibular ou em concursos costumam preferir fazer as provas em espanhol, pois, imaginam eles, a proximidade facilitará a aprovação. Nem sempre essa proximidade ajuda. Ela pode dificultar a compreensão, enganar o leitor/ouvinte, já que muitas vezes os cognatos, palavras formalmente muito semelhantes, têm

sentidos completamente diferentes. É o caso do espanhol "embaraçada", que significa grávida e não confusa, como se imagina pela forma semelhante. Em francês, o mesmo fenômeno se apresenta em "amasser", que significa juntar (dinheiro) e não, como se imaginaria pela palavra semelhante em português, amassar. Ou ainda, "attendre", que se taduz por esperar e não, como um falante de português imagina ao visualizar ou ouvir a palavra, atender.

O quadro abaixo, elaborado por GRANNIER (2002, p. 58), demonstra a distância ou proximidade da língua portuguesa em relação à do estrangeiro que deseja estudar PLA.

Distância entre línguas			Facilidade	Recursos metodológicos
PORTUGUÊS	1. espanhol	-1	AC geral: diferenças +	
	2. italiano	Ideal	Redações	
	3. francês	-1	AC tópicos -	
	4. Inglês, alemão	-2	entrevistas	
	5. japonês, chinês, árabe	-3	AC: tópicos ---	

Figura 7-Tabela comparativa da proximidade entre português e outras línguas

Destaca-se dos dados analisados no quadro, a relação de proximidade entre as línguas e o português. Segundo o quadro, o italiano seria a língua mais fácil para um brasileiro nato, apresentando pouca necessidade de trabalho para adquirir vocabulário, ao passo que as línguas orientais apresentam dificuldades maiores, a começar pelo alfabeto.

O quadro foi elaborado num contexto em que a autora discutia e identificava as possibilidades maiores ou menores de se adotar a estratégia de análise contrastiva no ensino de PLA. Tal análise aponta e aproveita as semelhanças entre as línguas a fim de proporcionar a compreensão da língua alvo.

Inicialmente, as dificuldades que mais se evidenciam são as físicas, de acordo com Revuz (1998, p.221), elas surgem da percepção da necessidade de adaptação do aparelho fonador às necessidades articulatórias para produção dos sons da nova língua:

> Começar o estudo de uma língua estrangeira é se colocar em uma situação de não saber absoluto, é retornar ao estágio do infans, do neném que não fala ainda, (re)fazer a experiência da impotência de se fazer entender. O sentimento de regressão associado a essa situação é reforçado quando a aprendizagem privilegia, no início, como acontece frequentemente, um trabalho exclusivamente oral focalizando os sons. [...] É tão difícil para eles (aprendizes de uma LE) sair dos automatismos fonatórios de sua língua materna que não conseguem, repetir mesmo as sequências mais simples

Os sons nasais são os mais difíceis para a maioria dos falantes de outras línguas, mesmo as latinas. Coração, por exemplo, é uma palavra que confunde os falantes estrangeiros. Mesmo os falantes de espanhol, língua tida como muito próxima, pronunciarão *coraçon* e fossilizarão essa forma caso ela não seja trabalhada sistematicamente. O som de nh /ɲ/ é outra grande dificuldade. A diferenciação entre letras que assumem diferentes sons, como é o caso das vogais “e” e “o” (ê, é, ô e ó) ou (/e/, /ɛ/; /o/, /ɔ/) e a escrita dos sons representados pela letra “x” (/s/, /ks/, /z/, /ʃ /, /ϕ/) como em e*x*portar, exame, tá*x*i, cai*x*a e e*x*cesso.

Explicar a um estrangeiro a diferença entre *s* e *ç*, *j* e *g*, entre outras tantas é tarefa tão ou mais difícil do que explicá-las a alunos nativos. Felizmente, para o professor, esse é um tipo de dúvida que só surgirá numa fase posterior, quando a leitura já for tão significtiva que essas distinções sejam necessárias.

Como relata Revuz (1998, p. 223), outras dificuldades vão surgindo, conforme a realidade de cada aprendiz, que lida com um segundo importante e flagrante entrave a visibilidade da arbitrariedade do signo linguístico:

> [...] a operação de nominação em língua estrangeira, mais do que uma regressão, vai provocar um deslocamento das marcas anteriores. A língua estrangeira vai confrontar o aprendiz com um recorte do real mas sobretudo com um recorte em unidades de significação desprovidas de sua carga afetiva [...] o que se estilhaça ao contato com a língua estrangeira é a ilusão de que existe um ponto de vista único sobre as coisas, é a ilusão de que uma possível tradução termo a termo, de uma adequação da palavra à coisa [...] o arbitrário do signo linguístico torna-se uma realidade tangível, vivida pelos aprendizes na exultação ... ou no desânimo.

O aprendiz vai absorvendo o significado das palavras e expressões utilizadas, mas inicialmente, não percebe sua abrangência processo que vai mobilizar ou não os filtros afetivos (KRASHEN, 1982), conforme seja sua experiência pessoal diante desse "estranhamento do dito na outra língua". Para Revuz (1998, p. 224-5), os processos anteriormente apresentados mobilizam as mais variadas reações nos aprendizes, que vão desenvolver diferentes estratégias para lidar com a 'nova' situação. Os recursos mais comuns são a paráfrase, a alternância de código, a mescla, o empréstimo, a mímica, enfim, os falantes acabam se comunicando, bem ou razoavelmente, de acordo com seu nível de proficiência, bem como de sua atitude linguística.

3.3.1 O ensino de Língua Portuguesa como Língua Adicional

A Língua adicional pode ser aprendida em locais muito distantes daqueles em que é falada. Muitas vezes os professores são falantes não nativos. Aprendes-se uma nova língua para ler textos literários ou científicos, para visitar outros países, ou o caso em estudo, para viver e trabalhar em outros países. Essa aprendizagem geralmente tem um modelo, fornecido pela variedade de prestigio dessa língua. No caso do português, isso pode significar que alguns aprenderão português de

Portugal, outros o português do Rio de Janeiro, ou de Angola, por exemplo.

Os que chegam ao Brasil terão alguma dificuldade para encontrar cursos da língua nacional para estrangeiros, pois eles ainda estão disponíveis em pequeno número.

Uma das preocupações principais de um curso de PLAé evitar que o falante fossilize a interlíngua, seja qual for a variedade a que está exposto. Princípios básicos compreendem os direitos linguísticos dos aprendizes. No caso dos que estão no país em que sua língua adicional é a língua oficial, é preciso que ele esteja exposto à língua nacional, tenha acesso a distinções entre fala e escrita, deve poder opinar sobre o material que será usado em aula.

Há um exame que fornece o Certificado de Proficiência em Língua Portuguesa para Estrangeiros (CELPE-Bras). O exame avalia e certifica o nível de proficiência do falante na língua portuguesa.

Com um enfoque comunicativo, o exame tem como principais características a ênfase na comunicação/interação, avaliando a competência do candidato por meio de tarefas e conteúdos autênticos/contextualizados, o que pode facilitar a aprovação aos que utilizam no dia a dia.

O ensino de PLA tem recebido forte influência do ensino e pesquisa de outras línguas estrangeiras, particularmente o inglês, que tem larga experiência no ensino de sua língua aos outros falantes do mundo todo. O ensino de inglês como língua estrangeira uma longa história acumulada de pesquisas em salas de aula. A área poderia igualmente se beneficiar de discussões sobre língua adicional e língua estrangeira, travadas no âmbito do ensino de língua inglesa. A escolha do termo para designar a área não é uma questão menor, tendo em vista que a adoção de um ou outro termo (língua adicional, língua estrangeira) pode incluir ou excluir contextos de educação bilíngue, especialmente em

comunidades indígenas, que mais recentemente se tornaram foco de pesquisas na área de Linguística Aplicada.

Para ensinar português a um estrangeiro: É preciso perceber como ele entende um conceito em sua língua materna antes de explicá-lo em português. Seguir o princípio de estabelecer pontes entre uma língua e outra, entre uma cultura e outra, a fim de que haja ‘caminho livre em mão dupla’. Usar elementos culturais do aluno a fim de ensinar a LA.

4 O PORTUGUÊS DOS HAITIANOS EM PORTO VELHO

Ao decidir iniciar uma pesquisa sobre a aquisição de língua portuguesa, levou-se em conta o perfil dos pesquisados, imigrantes haitianos falantes de francês, que foram selecionados a partir da rede de amizades previamente estabelecida independente das questões que motivaram o trabalho. Os informantes foram se apresentando nas situações de interação com a primeira informante, escolhida a partir de um critério bastante prático, sua acessibilidade. Após o período de observação, dos 15 participantes da rede, foram entrevistados apenas 6 que tinham em comum o fato de estarem no Brasil pelo período de cerca de um ano. Uniformizando o período de permanência no Brasil tornou-se possível comparar sua performance linguística.

4.1 Empréstimo Linguístico

Muitas vezes ao reproduzir palavras novas, um falante adapta o que ouviu e produz sons muitas vezes distorcidos. Isto pode causar grande ruído na comunicação entre imigrantes e falantes nativos. Tudo depende, obviamente de uma série de fatores sociais, como o interesse do interlocutor, sua disposição para compreender a mensagem, etc.

Bloomfield trata a questão da mudança sonora (1933, p. 353-354) como:

> [...] a mudança sonora é meramente a mudança na forma como os falantes produzem fonemas e, portanto, afeta um fonema em cada ocorrência, independente da natureza de qualquer forma linguística em que o fonema possa ocorrer. A premissa completa pode ser colocada em duas palavras: mudança fonêmica.

O que o falante faz é o que Weinreich (1953, p. 16), chama de adaptação fonológica da língua primária. Para ele, essa adaptação condiciona interferências que marcam a interlíngua, esse estágio intermediário em que o aprendiz se encontra. Nos casos apresentados

abaixo, veremos exemplos de mutações fônicas causadas pela transferência, por parte do bilíngue, das estruturas fônicas do francês. Assim, na interlíngua dos entrevistados, verificam-se uma série de alterações:

4.1.1 supressão de fonemas

Por motivos vários, o falante estrangeiro encurta palavras, fenômeno comum também na variação interna de uma língua. Nas falas dos informantes, ocorreram várias instâncias de supressão de fonemas e, algumas vezes, de sílabas inteiras como é o caso da síncope da sílaba medial em *minha,* que a Informante 2 realiza quando diz:

"Ma patroa só falar, eu entender". (i2)

Os casos de apócope são também bastante comuns, pois em francês a última vogal ou consoante não são pronunciadas; assim, a característica é transferida para a língua secundária, no caso, o português. Palavras como telefone, recepcionista, ciclone e escola são encurtadas, perdem o som final.

telefone [tele'fɔn]	(i1), (i4)
Recepcionista [hesepsio'nis]	(i3)
Ciclone [si'klɔn]	(i1), (i4), (i6)
escola [es'kɔl]	(i2)

4.1.2 Alterações na pronúncia de fonemas

Os fonemas vocálicos das duas línguas em contato, francês e português, têm coincidências e algumas diferenças.

Weinreich (1953, p. 3) diz que a interferência se apresenta quando um falante identifica um som do sistema primário a outro do sistema

secundário. Nos casos em pauta, verifica-se a substituição sonora realizada pelos falantes que percebem e reproduzem os sons de sua língua primeira ao utilizar a língua adicional. O falante bilíngue identifica um som do sistema português a outro do francês e, ao reproduzi-lo, sujeita-o às regras fonéticas de sua língua primária.

Já na página 14, Weinrich se expressa em termos que hoje seriam considerados politicamente incorretos e trata essa interferência como “má pronúncia” que tem suas causas inerentes nos sistemas linguísticos primários do falante.

Para ele, há 4 tipos de interferência fônica, dos quais trataremos apenas dois, mais evidentes:

a) subdiferenciação dos fonemas: ocorre quando dois fonemas do sistema secundário cujas contrapartes não são distintas no primeiro sistema são confundidos.

1. A vogal alta posterior do português [u] torna-se a vogal alta anterior arredondada [y] como nos exemplos abaixo. Esse som é bastante conhecido como u francês, aquele produzido com um biquinho. Os falantes bilíngues as confundem e utilizam a segunda, comum em francês, no lugar da primeira, que seria a opção dos nativos falantes de português.

legum [lɛ’gym]	(i1)
português [porty’gɛ]	(i2)
masculino [masky’linu]	(i3)

2. A vogal média alta posterior [o] é pronunciada como a média baixa posterior [ɔ], como demonstrado a seguir:

Longe [‘lɔnʒ]	(i2)
telefon [tele’fɔn]	(i1), (i4)

Ciclon [si’klɔn] (i1), (i4)
Problem [prɔblɛm] (i3), (i4)

3. Outro som que se torna semelhante ao francês é o l que se torna velarizado [ɫ]. Este não seria um fenômeno notável se os falantes tivessem contato com regiões do Brasil em que a velarização ocorre, como no Rio Grande do Sul, mas em toda a região norte do país, a pronúncia do l em coda é [w];

sol[‘sɔɫ] (i1)
hotel [hotɛɫ] (i6)

4. Alguns fonemas são alterados em função também da língua espanhola, pois os sons são transferidos para o português, quando acontece uma consonantização da semivogal [j]que se torna [ʒ]. Por influência do mucho em espanhol, acaba também produzindo muitcho [mujtʃu].

Porque na *majolia* é pouco haitiano que fala português(i3)
quando eu tava lá tem *muitcho* amigo soldado (i3)

b) Superdiferenciação dos fonemas: Impõe a distinção entre dois fonemas do sistema primário os fonemas nos sons do sistema secundário.

1. É o que acontece com o r que a informante número 1 faz. Ela percebe que o [r] é diferente do francês, reformula e acaba cometendo uma hipercorreção, pronunciando o r como retroflexo [ɻ] em verde [‘ve ɻdʒi].

verde (i1)

Calvet (2002, p. 78) explica que o fenômeno da hipercorreção pode ter uma motivação afetiva, pois o falante crê que haja uma forma prestigiosa de falar, diferente da própria, e que, ao tentar reproduzir essa forma mais valorizada, “esse movimento com tendência à norma pode gerar uma restituição exagerada das formas prestigiosas”. Essa hipercorreção é testemunha de insegurança linguística. Por considerar o próprio modo de falar como pouco prestigioso, a pessoa tenta imitar, de modo exagerado as formas prestigiosa.

Weinreich (1953, p. 34) frisa que o falante pode considerar estes processos relevantes, embora eles nem sempre o sejam. Para ele, alguns casos de interferência fonêmica são complicados demais para serem identificados com apenas um dos tipos acima. Existe a possibilidade de hipercorreção, que pode operar tanto ao ouvir quanto ao falar a língua e que não está sujeita a experimentação.

2. Por outro lado, fonemas distintos nas duas línguas são confundidos como na pronúncia da informante 1 em amarelo [ama’lelu], da informante 2 em carne [kaɫni] ou do informante 3 em Jirau [ʒilau], Brasil [bla’ziw] e Brasileia[blazilɛya].

Amalelo	(i1)
Calne	(i2)
Jilau	(i3)
Espela	(i3)
Blasiu (Brasil)	(i3)
Blasileia	(i3)
clesce	(i3)
veldade	(i3)
tlabalhar	(i5)
Odeblech	(i6)

3. As palavras em francês são em geral, oxítonas, então, há uma tendência entre os entrevistados de promover uma diástole, processo em que a tonicidade se desloca para a frente. Assim, temos palavras como os exemplos caso em que a paroxítona torna-se oxítona e quando o mesmo acontece com a proparoxítona. O acento anda duas sílabas para tornar-se oxítona.

Dificíl [difi'siɫ]	(i2)
Onibús [oni'bus]	(i3)
Porto Ricô	(i5)
Santo Domingô	(i5)

Ao discutir comportamento e atitudes com relação à língua, Calvet (2002, p. 80) menciona Bordieu para ratificar sua afirmação de que a hipercorreção tem uma função social, não apenas linguística:

> As circunstâncias da aquisição desta ou daquela forma linguística só aparentemente são linguísticas. A competência que se encontra por trás desse domínio é uma experiência social, assim como são sociais os benefícios que se pode extrair dela. Vemos claramente as influências dessa análise: a impossibilidade de distinguir, no plano teórico, o jogo linguístico do jogo social, e de modo mais geral a dificuldade de separar o social do linguístico, tanto na teoria como na descrição.

Todas as características acima são marcas que atestam a persistência do bilíngue num processo de aquisição que lhe rende uma série de confusões. Sua gramática interna se adequa, formula hipóteses testadas e retestadas por diferentes períodos, dependendo de uma série de atores que condicionam seu apego à L1 e o apreço dedicado à LA. Essa interlíngua, ou seja, esse estágio intermediário entre não falar uma

língua e tornar-se competente na comunicação nessa língua poderá evoluir ou fossilizar-se.

Romaine (1989,p. 52) afirma que “O que é tratado como sotaque estrangeiro é um reflexo óbvio da influência linguística cruzada no nível da pronúncia. Muitos têm expressado a ideia de que a interferência fonológica é a mais penetrante.” Ao menos, é a primeira característica que atrai a atenção do ouvinte monolíngue.

Odete Burgeile (p. 23), em sua pesquisa sobre o crioulo antilhano em Porto Velho, compara a situação dos falantes que aqui chegaram à dos haitianos que, até aquela época, 2009, emigravam para os Estados Unidos:

> Esse sentimento de inferioridade linguística é forte quando um grupo minoritário fala uma língua não estandardizada e/ou modernizada. Exemplo disto é o crioulo haitiano que tem um "status" baixo em Nova York, onde há uma grande comunidade de imigrantes haitianos e refugiados.

O estrangeiro é geralmente avaliado por seus costumes e por sua habilidade linguística. Os próprios haitianos fazem piada dos brasileiros que se encontram no Haiti, alguns dizem que eles são mal encarados e agressivos, outros dizem que, pelo contrário, os brasileiros são amigáveis e tentam inclusive falar com eles em francês. Todos os entrevistados percebem a interferência do português na fala dos soldados estrangeiros.

O informante 3 chega a fazer piada com o sotaque dos brasileiros no Haiti. Segundo ele, os soldados brasileiros o cumprimentavam dizendo: bon jour como vai tu? [bonʤu’komva’ʧyu].

4.1.3 O Léxico

No entanto, encontraremos, no nível do léxico palavras que o falante toma emprestadas de sua língua primeira para substituir a lacuna em seu inventário linguístico português. Ele, em geral, faz isso com os termos mais familiares como alimentos, cores, religião.

1. Do francês, temos vários exemplos como 25 em que, numa conversa, as informantes 1 e 2 comentavam o fato de que brasileiros gostam muito de carne e que eles preferem comer mais legumes, tais como gombô (quiabo) e beterraba, mencionado várias vezes por eles.

O informante 3, quando resolveu falar sobre a plantação de arroz que praticava com a mãe antes de sair de casa, menciona em 26 uma *semensa*, que, por interferência do francês semence, substitui semente. São vários os casos em que estes informantes realizam a mescla das carcaterísticas da L1 com as da LA.

Nós gostamos de legume, *gombô*...	(i1), (i4)
Cada vez morre algum *persona*	*(i1)*
Quando faz *semensa* espela um mês e meia.	(i3)
La patroa se *iscrivi*	(i3)
La majolia	(i5)
En construccion	(i6)

2. O mesmo informante usa várias vezes o espanhol em suas manifestações, isto porque morava próximo à fronteira com a República Dominicana e trabalhou algum tempo por lá. Durante a conversa, falou em *iglesia*, *peligro*, *escuela*, termos modificados em função das palavras provenientes respectivamente do espanhol igreja, perigo e escola. Usa ainda, uma mistura de bien, francês e o sufixo diminutivo espanhol ita: *arrumadita.* O mesmo acontece com a informante 3 que, dirigindo-se à primeira respondente, disse gostar de *pollo*, frango em espanhol.

Voce *saca* arroz, ... vai *sacar* a casca (i2)

eu sou batista, *iglesia* de batista (i3)

Nos tem não tem *peligro*, *perig* pra nós (i2)

Pollo (i1), (i2)

Algunas ve**z**es, quando saiu de *escuela* (i3)

Eu tem uma maleta *bien arrumadita* (i3)

O último exemplo demonstra a interferência da construção mais pouco ao invés de menor.

3. Houve ainda um caso de mistura dos dois, quando a informante 2 usa francês e espanhol, para chegar à forma correta em português:

Nós não tem *pelig*, *perig* pra nos. Mas se tem *perigo, peril...* (i2)

Na página 48, ao tratar os mecanismos de interferência lexical Weinreich afirma que "a palavra transferida é ocasionalmente feita de forma a parecer fonemicamente com a palavra real ou potencial na língua alvo."

4.1.4 Empréstimo Morfossintático

A morfologia estuda a palavra e suas formas. Tradicionalmente é centrada no estudo das classes de palavras, da formação e classificação das mesmas, demonstrando a flexibilidade da língua, que permite ao falante transferir palavras de uma categoria à outra. Uma análise morfológica estuda cada uma das diversas palavras em uma frase independentemente, visando sua classe gramatical.

A categoria morfológica tempo é típica dos verbos. Em português, temos basicamente três tempos: futuro, passado e presente. O verbo pode ser flexionado em três modos diferentes: o imperativo, que é usado

para incitar à ação, o indicativo, que é usado para indicar ações de consumação certa e o subjuntivo, usado para expressar ações hipotéticas ou desejo de que determinada ação venha a se consumar. Há ainda a divisão em três aspectos: de afirmação, presente nas flexões verbais do modo imperativo, afirmativa ou negativa; de consumação, ocorre nas flexões verbais do futuro do modo indicativo, quanto à certeza ou impossibilidade da ação acontecer; e de duração, indicando o aspecto pontual ações consumadas em um momento específico, conclusa, perfeita ou aspecto durativo, inconcluso, imperfeito, que indica ações continuadas no passado.

Mesmo os falantes nativos têm problemas com as formas verbais e muitas delas, tais como as do pretérito mais do que perfeito, parecem destinadas a perder-se com o tempo e falta de uso.

1. O processo de variação linguística também acontece no francês. Como em português, os pronomes pessoais estão se reduzindo em número e o pronome pessoal *nous* (nós) cede espaço para a forma *on* (a gente).

On faz tudo de novo. (i3)

2. O pronome possessivo *ta* aparece ao invés de seu:

Aí você colhe *t'* arroz. (i1)
quando colhe *ta* arroz se chuve pode leva tudo (i1)

3. O advérbio de intensidade utilizado pelo informante 3 no exemplo que segue a formação do espanhol, *mais pouco* ao invés de menos.

Aqui em Porto Velho no hotel paga *mais pouco* (i3)

4. A função do artigo é introduzir um nome, indicando-lhe gênero e número. Como, em francês, o gênero é muitas vezes diferente do português, os falantes acabam utilizando a mesma forma na LA.

A *rio* leva todo. (i2)
essa é *uma* ciclone (i3)

5. O mesmo fenômeno ocorre com os pronomes.

É grande *essa* rio que tem lá (I1)
Cada vez morre *algum* persona (i1)
esse rio *ela* vai levar pro mar (I1)
minha mundo (I3)
são *muitos* maleta (I3)
tem *muita ciclona* *(i3)*

6. Essas alterações são compreensíveis, a questão do gênero já é bastante discutida, pois o sistema nominal francês determina o gênero de forma diferente; é marcado, em geral, pelo determinante -"le" para masculino e "la" para feminino- e não pela terminação do substantivo ou adjetivo. Então, temos "la mer", feminino, ao passo que em português é "o mar", masculino.

francês	**português**
La mer	**o** mar
le bonheur	**a** felicidade
la peur	**o** medo
le espoir	**a** esperança
le t-shirt	**a** camiseta
la fermeture	**o** fechamento
le pommier	**A** macieira
le poirier	**A** pereira

Foram registradas várias instâncias de troca de gênero em português nas entrevistas devido à confusão:

na laptop (i2)
eu *perta* de la Republica dominicana (i3)

7. Os elementos nominais não concordam em número:

as *pessoa* que mora (i1)
trabalhei três mes (i5)
traz *muitos coisa* *(i3)*
são *muitos* maleta (i3)

Nestes dois últimos casos, temos falta de concordância de gênero de número.

8. Com relação aos tempos verbais, há grande confusão. Não é apenas a falta de flexão, às vezes na mesma sentença, há uma desinência temporal e outra sem ela. O informante 3 usa o primeiro o verbo *estar* no pretérito imperfeito e o verbo seguinte sem flexão de número, pessoa, nem tempo.

quando eu *tava* lá *tem* muitcho amigo soldado (i3)
quando eu *taba* tlabalhar en Haiti (i3)

Os entrevistados utilizam de forma irregular os tempos verbais.

quando *colhe* ta arroz se *chuve pode leva* tudo (i1)

Na sequência acima, todos os verbos foram flexionados da mesma forma, quando os tempos e modos desejados seriam quando *colher*, se *chover, pode levar* (futuro do subjuntivo).

cada costeira *leva* pra esse rio ela *vai levar* pro mar (i1)

Neste caso, temos o presente e futuro na forma composta, usando o infinitivo, que vai aparecer com frequência, como no exemplo abaixo, para substituir as formas de presente fala e entende.

Ma patroa só *falar*, eu *entender*. (i2)
As vezes eu *conversar* (i2)
Quando eu aqui entre não sabe falar nada, só sabe falar bom dia.
Agola, Graças a Deus, eu sabe conversar mais um poco. (i3)

A primeira informante usa o passado e na sequência, o verbo no presente.

Aí me *olhou faz* você é Julia, (i1)

9. E há ainda os casos em que o verbo é simplesmente omitido:

eu homem casado (i3)

A sintaxe estuda os processos gerativos ou combinatórios das frases das línguas naturais, tendo em vista especificar a sua estrutura interna e funcionamento. Os discursos são sequências lineares de morfemas e palavras. Obviamente, as palavras não se alinham no discurso ao acaso. Existem regras para ordená-las de modo que o discurso faça sentido. A sintaxe se ocupa com o estudo das palavras

agrupadas em segmentos que cumprem funções específicas no discurso e as relações entre os segmentos.

As dificuldades no ensino/aprendizado de uma língua adicional, inclusive PLA, surgem também na estruturação da sentença, na formulação de orações por interferência de problemas morfológicos que acabam refletindo no sintático, como as concordâncias verbais e nominais, o emprego dos tempos verbais perfeito e imperfeito e orações subordinadas, que são estruturas mais complexas. O sujeito indeterminado é uma estrutura sintática inexistente em alguns idiomas, como o inglês e o francês, e essa é uma dificuldade no ensino/aprendizado de PLA, não apenas no entendimento, mas também na utilização.

Um estrangeiro enfrenta várias dificuldades nesse sentido, especialmente com relação aos verbos, pois os tempos verbais geralmente causam confusão com o francês que, apesar de ser também descendente do latim, apresenta regras de concordância e regência diversas.

A falta de concordância é um dos exemplos de aplicação errônea ou negligencia das regras gramaticais. Ela ocorre porque as relações gramaticais são menos percebidas pelo falante bilíngue na fase inicial da aquisição. Isto se deve ao fato de que o entendimento é possível, ao contrário da pressão contra a interferência relacional que resulta em sentidos não desejados, que é consideravelmente maior.

10. Os enunciados abaixo exemplificam as ocorrências de ausência de concordância de gênero/ desvio de marcador de gênero:

Mas ela conversa com *o* patroa dela. (i1)

Se tá bem *seca* (o arroz) (i1)

Mas se ficar bem *seca*, arroz sai *inteira* (i1)

11. Ausência de concordância verbal:

Eu não *entend**e*** muito. (i1)

Eu *entend**e*.** (i2)

Eu não *faz* muito duro igual todos faz. (i1)

Você *tem que tem* dinheiro (i1)

4.1.5 Empréstimo Léxico-Semântico

O léxico de uma língua engloba o conjunto de signos linguísticos, ou unidades significativas, por meio dos quais o homem não só se expressa e se comunica, mas também denomina a novidade. É visto como parte viva da língua e está em constante movimento, incorporando palavras e expressões novas e registrando novos significados.

Tudo o que faz parte das vidas dos seres humanos tem um nome, que é parte integrante do léxico. Ele abrange o saber linguístico partilhado pelos falantes de uma língua, é o conjunto de palavras e expressões de um idioma.

Segundo Evanildo Bechara(2003, p. 54): “o lexema é a unidade linguística dotada de significado léxico, isto é, aquele significado que aponta para o que se apreende do mundo extralinguístico mediante a linguagem”.

Dos elementos formadores da língua, o léxico é o que tem maior relação com significação, com semântica, na qual fatores culturais e o conhecimento de mundo do falante, em sua língua nativa e na língua estrangeira, podem interferir na compreensão e na utilização dessas estruturas. A dificuldade com o significado das palavras, principalmente em expressões idiomáticas e falsos cognatos - palavras com a mesma forma ou som, mas com significados diferentes- é um dos desafios no ensino/aprendizagem de língua estrangeira, não apenas da LPE. Como

na palavra “*aceite*” que em espanhol é o óleo comestível (azeite, em português), mas que tem a forma idêntica ao imperativo do verbo “*aceitar*” em português; ou ainda, o adjetivo “*exquisito*”, que em espanhol atribui qualidades positivas como delicioso, excelente, mas que em português, “*esquisito*” traz qualidades nem sempre positivas, como fora do comum e estranho. Esses falsos cognatos interferem na comunicação e geram dificuldades no processo de aprendizagem. Da mesma maneira, expressões idiomáticas - as famosas frases feitas- tais como “quebrar um galho” e “bater um papo” são características da língua portuguesa e muitas vezes não têm uma explicação lógica ou a explicação de sua origem é tão distante que nem mesmo os falantes nativos a conhecem. É o que, em semântica, chamamos de sentido formulaico, aquele no qual a combinação das partes não dá conta do sentido: os provérbios, as frases feitas, que exigem um conhecimento prévio enciclopédico ou de mundo; é a combinação das partes que dá o sentido ao todo. Geralmente é compreendido pelo falante nativo sem que ele seja capaz de conscientemente explicitá-lo. Explicar a um aprendente da nova língua o sentido de “Que vantagem Maria leva?” ou “tudo acaba em pizza” pode levar um bom tempo e um trabalho considerável, uma vez que geralmente não há um equivalente na sua primeira língua

Nesses casos, podem existir equivalências ou adaptações em relação a estruturas semelhantes na língua nativa, mas o léxico está intimamente ligado a fatores históricos, sócio-culturais e a sutilezas de cada idioma, que levam mais tempo até serem, de fato, adquiridos. E que, na maioria das vezes, não são esclarecidos apenas pelas informações constantes no dicionário, mas que requerem explicação de um nativo ou da vivência no idioma.

Na rua, no uso diário, num diálogo em que uma dessas expressões fosse usada, a dúvida seria rapidamente esclarecida, devido ao contexto e aos recursos não verbais disponíveis. Em sala de aula, no

entanto, é evidente a importância do cuidado com a escolha do material que será oferecido como insumo para o ensino/aprendizado de LPE, exatamente para o enriquecimento do vocabulário ativo e de diferentes significações em expressões idiomáticas. Não apenas para o entendimento, mas também para uma comunicação mais natural e próxima de um nativo, e essa parece ser a verdadeira importância de que o material reproduza um diálogo informal e cotidiano entre dois falantes de português, a utilização do conhecimento adquirido para efetivamente realizar a comunicação, o que é a intenção final do ensino/aprendizado de uma língua estrangeira.

A pesquisadora certa vez recebeu um email de aluno norte-americano que encerrava a mensagem com o envio de um "abraço bem apartadinho". Após uma breve hesitação e alguns minutos saboreando a confusão simples entre duas vogais, "a" e "e", foi necessário lançar mão de uma série de recursos para que ele entendesse, mais tarde, onde é que é que estava o equívoco.

A possibilidade de transferência dos morfemas é considerada um correlato de sua função gramatical na língua fonte e gera resistência da língua recipiente. A transferência de morfemas flexionais: as formas livres às vezes são transferidas aos pares, com e sem afixo. A presença daquele par na língua recipiente permite até ao falante unilíngue analisar compostos de dois morfemas como base e afixo, e estender o afixo a outras bases estrangeiras. Por exemplo, o diminutivo inglês ette de kitchenette vem do afixo francês, construído a partir de statue-statuette, cigar-cigaret tematicamente e sintagmaticamente estruturado. Modernamente, esse sufixo é usado em disquete, empreguete e periguete.

Pode ser possível arranjar as classes gramaticais de uma língua num continuum da terminação flexional mais estruturalmente e sintagmaticamente integradas através das palavras gramaticais, tais

como preposições, artigos ou verbos auxiliares, a palavras completamente flexionáveis como os substantivos, os verbos e os adjetivos até os advérbios e as interjeições, que são completamente não integrados. Quanto mais integrado for o morfema, maior será a possibilidade de transferência.

Os empréstimos mais comuns são os substantivos, por motivos léxico-semânticos, mais que por motivos estruturais. No contato entre línguas, quando culturas se aproximam, os nomes das novidades geralmente são adotados, mas podem ser adaptados por analogia ou podem ser recriados.

Haitianos são nacionalidades muito inteligente (i3)
Eu perta de la Republica Dominicana (i4)

Pode-se retomar aqui os exemplos já mencionados.

Nós gostamos de legume, *gombô*... (i1), (i4)
Quando faz *semensa* espela um mês e meia. (i3)

Uma particularidade com relação aos verbos é que o verbo "fazer é utilizado sempre que a palavra mais adequada não é encontrada. O exemplo anterior demonstra que fazer é usado quando o falante poderia dizer "dá sementes".

Ai me olhou, faz você é Julia (disse) (i1)
ela vai *fazer* desastre (causar) (i2)
crescer mais pra *fazer* arroz (produzir) (i3)
quando tem ciclona *faz* desastre(causa) (i3)

A catalogação dos dados foi realizada de forma a demonstrar as características básicas das emissões linguísticas dos entrevistados. A

interferência sonora, os empréstimos linguísticos, as alternâncias de código devem retratar o processo de aprendizagem de qualquer falante haitiano no Brasil; as semelhanças e as distinções entre os entrevistados foram marcadas, pois acredita-se que reflitam os passos da evolução dos falantes haitianos na cidade de Porto Velho como um todo. Possivelmente esse será o padrão dos haitianos no Amazonas, Acre, São Paulo, enfim, por todo o país, mas isto só poderá ser verificado numa fase posterior, caso haja novos trabalhos a esse respeito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por todo o período de realização desta pesquisa, o convívio com pessoas tão diferentes e ao mesmo tempo tão parecidas propiciou uma série de reflexões sobre o choque de culturas, a adaptação a um novo ambiente, a situação de distanciamento entre os países latino americanos, que conhecem tão pouco uns sobre os outros, mesmo tendo tanta coisa em comum.

Conhecer um pouco mais da realidade do Haiti, este país que faz parte da América Central, é vizinho de Cuba e divide espaço físico numa ilha com a República Dominicana foi uma surpresa. O desenvolvimento das leituras propiciaram uma imersão profunda na situação de um país que, como o Brasil, sofreu um longo e doloroso processo de colonização e saiu dele profundamente marcado. Libertou-se do domínio colonial antes que qualquer outro país da América, mas luta ainda hoje para erguer-se da situação de penúria que as condições político-sociais, aliadas às condições climáticas impõem aos seus habitantes.

Deixar seu país foi para os pesquisados uma decisão dura e involuntária, mas são pessoas que entendem as vicissitudes como passos a enfrentar com determinação rumo a um futuro promissor. Alguns deles demonstram ter encontrado condições satisfatórias, outros ainda procuram seu ideal. Uma das observadas já deixou Porto Velho em direção a São Paulo, onde ela acredita que encontrará melhores condições de trabalho e remuneração. Espera-se que obtenha sucesso, onde quer que esteja.

Aos que aqui ficam, faltam ainda, além de várias outras condições básicas, programas de atenção à aprendizagem de português. A iniciativa do Departamento de Línguas Vernáculas, é ainda insuficiente para atender a todos os que dela necessitam.

As pesquisas em Aquisição de Português encontram-se ainda numa fase inicial no Brasil como um todo. Pesquisadores estabelecem

bons exemplos em grandes centros da região sudeste do país. Na região norte, no entanto, há esparsos estudos sobre ensino de português para indígenas ou alguns sobre o ensino para surdos. Os estrangeiros ainda carecem de suporte que, espera-se, obtenha atenção dos programas de extensão e pesquisa da Universidade Federal de Rondônia.

Como prova da necessidade de atenção à evolução desse campo de estudo, apresentou-se neste trabalho a multiplicidade de denominações que vem recebendo: Língua Estrangeira, como Segunda Língua, Língua Adicional, Língua Adicional em Contexto Multilingue, entre outros. Optar por privilegiar Língua Adicional foi uma decisão difícil e prolongadamente adiada e alterada. Os mais recentes estudos acabaram por definir a preferência pelo termo, pois os informantes falantes de francês aqui tratados eram, antes de tudo, falantes nativos de língua crioula. Alguns já utilizavam o espanhol; assim, a língua portuguesa era para eles, às vezes terceira, às vezes quarta língua pela ordem de aprendizagem.

Ao estabelecer os objetivos perseguidos desde o início deste trabalho, metas ambiciosas foram propostas como conhecer os haitianos de Porto Velho, Rondônia, em 2012, nos seus aspectos linguísticos, históricos e culturais, fornecendo subsídios ao estudo do processo de aquisição, aprendizagem e ensino de LP como LE/LA. A partir dessa aproximação, esperava-se descrever as interferências da língua materna ou da oficial (francês e crioulo francês do Haiti) na expressão oral do português, registrando os aspectos históricos e culturais dos haitianos.

A fim de alcançar esses objetivos, foi realizada uma pesquisa de cunho etnográfico utilizando as técnicas de entrevistas, rodas de conversa e observação participante, envolvendo encontros para observação e diálogos com haitianos, residentes em Porto Velho pelo período de um ano, mas que não frequentaram aulas de língua portuguesa. Eles foram perseguidos e acreditamos que tenham sido

alcançados, se bem que não se esgotaram. Há ainda muito a descobrir e esperamos no futuro poder ampliar os estudos e aprofundar o estudo de certos aspectos que se se mostraram essenciais para a compreensão do fenômeno linguístico resultante do encontro das culturas, fenômeno que, neste caso é proporcionado pela observação dos imigrantes haitianos para o Brasil e mais especificamente para Rondônia.

Inicialmente, o grupo de falantes de crioulo e francês observado para este estudo era bastante numeroso, mas devido ao fato de que não havia uma constância, cada um dos indivíduos aparecia a algumas reuniões e não a outras, foi necessário escolher alguns participantes . O primeiro critério seria a frequência, mas ele provou ser insuficiente. Após algumas tentativas de registros de entrevistas, foi necessário selecioná-los pelo nível de proficiência, o que complicaria muito trabalho, pois exigiria avaliações que não constavam do plano da pesquisa. Assim, optou-se por estabelecer como critério de seleção o tempo de moradia no Brasil. Aqueles que estavam no Brasil por um período equivalente poderiam, em tese, apresentar o mesmo nível de domínio da língua portuguesa, mas isso não foi constatado, pois, como a linguística aplicada prevê, vários fatores interferem na aquisição de uma nova língua, tais como a afetividade, os níveis de identificação do falante com a língua-alvo, a sua admiração pela cultura do outro, o interesse pelos falantes nativos, sua música, religião, alimentação

A partir das entrevistas e conversas estabelecidas durante a pesquisa com esses falantes, foram observados e registrados os fenômenos de interferência das características da sua Língua Nacional na Língua Adicional que estão aprendendo de forma intuitiva, natural, sem interferência do ensino formal. Portanto, a educação escolar e a instrução formal foram evitadas a fim de verificar os estágios de aquisição natural de língua portuguesa.

Houve a constatação de uma grande identificação dos imigrantes com a cultura brasileira, mas o processo de aquisição da língua é em geral longo e penoso, afetado por diferenças individuais, mas perfeitamente possível.

Além do tema focado neste estudo, a convivência com os pesquisados revelou uma série de elementos dignos de estudo. Nem todos inesperados, tais como as relações de gênero, o comportamento sexual, as apreensões, o choque cultural etc., tais questões acabaram iluminando e provocando novos olhares para os elementos esperados. Eles não foram, no entanto, analisados neste trabalho devido a sua extensão e ao seu caráter confidencial. Essas lacunas provocam curiosidade e podem levar a novos trabalhos nessa área.

São questões bastante estudadas em outros contextos, como as redes de amizade estabelecidas num país estrangeiro, por exemplo, que neste caso levaram a diversos questionamentos pessoais. Questões aparentemente simples como o entendimento de diferenças simples entre os termos “tornado”, “tufão”, “ciclone” e “furacão” tomaram grande parte das discussões, pois os entrevistados em geral se referiam aos “ciclones”, termo pouco utilizado em português, pois conhecemos no Brasil apenas o conceito de furacão, fenômeno para nós completamente desconhecido, quase abstrato. Aqueles que convivem com tais eventos, por outro lado, têm uma grande preocupação com a forma de denominá-los, já que constituem fator meteorológico importante no cotidiano no Mar do Caribe.

Outro tópico bastante discutido foi a questão das relações familiares, que levaram a longas conversas, algumas bastante penosas, pois muitos dos participantes deixaram filhos no Haiti, outros perderam familiares após estarem longe e sentem profundamente a impossibilidade de despedir-se de seus entes queridos.

A compreensão dos medos, dores e principalmente da força e positividade dos participantes da pesquisa nos fizeram rever muitos dos conceitos, que pareciam tão bem estabelecidos. Embora a pesquisa exija distanciamento e objetividade, a convivência com pessoas tão fortes e determinadas ampliou imensamente nossa admiração e respeito.

A questão educacional, embora não fosse alvo deste estudo, despertou nossa atenção durante as conversas. Como serão inseridos esses novos habitantes no sistema educacional brasileiro? Parece que para a grande maioria deles, essa é uma questão muito distante. Estudar é um desejo, quando manifesto, visto como quase impossível. Trabalhar é prioridade e toma praticamente todo o tempo dos pesquisados. O pouco que lhes sobra é utilizado em atividades de confraternização que lhes garante algum conforto.

A abordagem utilizada para a análise dos dados baseou-se na Linguística Aplicada, e os conceitos da sociolinguística permeiam todo o estudo realizado a fim de compreender os fenômenos linguísticos detectados na pesquisa.

Os dados levantados neste estudo respondem algumas questões relativas à aquisição de língua portuguesa. As principais informações nos mostram que os haitianos em Porto Velho apresentam características diversas dos falantes de outras línguas. As consoantes nasais, que em geral denunciam os falantes de outras nacionalidades não são determinantes para estes falantes. O que mais chama a atenção é sua utilização do r que, pode ser realizado como "l" em *amalelo,* como retroflexo, aquele r caipira, ou simplesmente não ser pronunciado. Os empréstimos linguísticos, o uso de palavras do francês ou espanhol em meio às palavras em português, e as alternâncias de código, ocasiões em que os entrevistados mudavam de português para francês eram bastante comuns e são consideradas proveitosas num determinado momento da aquisição, mas precisam ser monitoradas a fim de que não se tornem

fossilizadas, ou seja, não se perpetuem no uso de português por estes falantes.

O papel da escola ou do ensino formal precisa ainda ser investigado, o que pode ser feito numa fase subsequente, mas a correspondência entre os dados dos que adquirem a língua por sua própria conta, no uso diário e aqueles que são guiados no processo de aprendizagem da língua portuguesa deve ser cuidadosamente avaliada. Para que se avance no estudo do contato linguístico e suas consequências, a situação peculiar destes aprendentes proporciona evidências significativas à medida que demonstra suas maiores forças e e fraquezas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALKMIN, Tânia Maria. Sociolinguística parte I. In: MUSSALIM, Fernanda & BENTES, Anna Cristina. *Introdução à Linguística*: *domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2005.

BAGNO, Marcos. *Preconceito Linguístico: o que é, como se faz*. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

BASÍLIO, Margarida. *Teoria Lexical.* São Paulo, Ática, 1989

BEARZOTI FILHO, P. *Mini Aurélio: o dicionário da língua portuguesa. Manual do professor*. Curitiba: Positivo, 2004, Disponível em <http://www.educacional.com.br/aurelio/manual/professor/introducao.htm> acesso em 25/03/2013

BHAHA, Homi K. *The Location of Culture*. New York, Routledge, 1994.

BLOOMFIELD, L., *Language*. New York: Henry Holt, 1933.

BURGEILE, Odete. Aspectos Linguísticos e Sociolinguísticos de uma Comunidade Falante de Língua Inglesa, Em Porto Velho-Ro. Dissertação de mestrado UFPR, 1989.

---------- *Um estudo Sociolinguístico dos Afro-amazônidas no Brasil. A Imigração e a Mudança de língua.* Lewinston, New York: The Edwin Mellen Press, ISBN 13: 9780773448735, ISBN10: 0-7734-4873-X, 2009, 472 p.

CALVET, Louis-Jean. *Sociolinguística*: uma introdução crítica. São Paulo: Parábola, 2002.

CARNEIRO, Neri. Paula. *Educação em Rolim de Moura: das iniciativas privadas às ações públicas* (1975-1983). Dissertação (Mestrado em Educação) UFMS, Campo Grande, 2008, p. 85-110.

CARVALHO, Nelly. *Empréstimos Linguísticos*. São Paulo: Cortez,2009

Cooperação Tripartite Brasil-Cuba-Haiti Documento disponível em http://www.cooptripartite.icict.fiocruz.br/dialogos-com-o-haiti/o-haiti/crioulo-haitiano

CHOMSKY, Noam, *Estruturas Sintáticas* Lisboa, Edições 70, 1975.

COTINGUIBA, Geraldo C.; PIMENTEL, Marília L. *Apontamentos sobre o processo de inserção social dos haitianos em Porto Velho.* Travessia (São Paulo), v. 70, p. 99-106, 2012.

CRYSTAL, David. *Dicionário de Linguística e Fonética*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

Dicionário Crioulo haitiano Português Comércio Exterior disponível em: <http://dicionarioexport.reingex.com/pt_diccio_ht.asp> acesso em 20/11/2012 às 20:35h.

ELLIS, Rod. *Understanding Second Language Acquisition. Oxford University Press,* 1985. disponível em <http://www.ne.jp/asahi/kurazumi/peon/ellis.html> acesso em 26/05/2013

ELLIS, R. TANAKA Y. e YAMAZAKI, A. *Classroom intercation, comprehension and the acquisition of L2 Word Meanings.* Language Learning. Routledge, 1994

Encyclopaedia Britannica. *Haiti in the 21st. Century*. Disponível em <http://www.britannica.com/EBchecked/topic/251961/Haiti/281202/Haiti-in-the-21st-century> acesso em 26/11/2012 Às 16:17h

FARACO. Carlos Alberto. *Linguística Histórica*: uma introdução ao estudo da história das línguas. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

GARCEZ, Pedro. Transcrição como teoria: a identificação dos falantes como atividade analítica plena. In: LOPES, Luiz Paulo da Moita; BASTOS, Liliana Cabral (orgs.) *Identidades: recortes multi e interdisciplinares.* Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002.GARMADI, Juliette. *Introdução à Sociolinguística*. Lisboa: Dom Quixote, 1983.

GERALDI, João Wanderlei (ORG), *O Texto na Sala de Aula*. 3ª. ed. Ática, São Paulo, 2003.

GOULART, Sueli. *Contextuazliação Histórica do Haiti*. Disponível em: <http://portalsaude.saude.gov.br/portalsaude/arquivos/contextualizacao_historica_haiti.pdf> acesso em 18/11/2012

GROSJEAN, F. *Life with Two Languages: An Introduction to Bilingualism*. Cambrigde, MA: Harvard University Press, 1982.

HALL, Stuart. *A identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Trad de Tomaz T. da Silva e Guacira L. Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

----------. *Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2009

HOLMES, Janet. *An introduction to Sociolinguistics*. London: Longman, 1992.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Estudos Especiais: O Brasil indígena, língua falada. disponível em <http://indigenas.ibge.gov.br/estudos-especiais-3/o-brasil-indigena/lingua-falada> acesso em 15/05/2013

KRASHEN, Stephen D. *Principles and Practice in Second Language Acquisition*. Prentice-Hall International, 1987. disponível em <http://www.sdkrashen.com/Principles_and_Practice/index.html> acesso em 28/05/2013

KRASHEN, Stephen D. *Second Language Acquisition and Second Language Learning.* Prentice-Hall International, 1988. <http://www.sdkrashen.com/Principles_and_Practice/index.html> acesso em 28/05/2013

LABOV, William. *Padrões sociolingüísticos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

---------- *Social stratification of English in New York City.* Washington, DC: Center for Applied Linguistics. 1966

---------- *The notion of 'system' in Creole languages*. In D. Hymes (Ed.), *Pidginization and creolization of languages* (pp. 447□472). Cambridge: Cambridge University Press. 1971

LEFFA, V. *Interação simulada: um estudo da transposição da sala de aula no processamento de leitura-escrita dos aprendizes*. In: LEFFA, V. (Org.) *A interação na aprendizagem das línguas*. Pelotas: Educat, 2003.

LEFFA, V. *Aspectos políticos da formação do professor de línguas estrangeiras*. IN: LEFFA, V.(Org.). *O Professor de Língua Estrangeira: construindo a profissão*. 2.ed. Pelotas: Educat, 2006. p.353-37

LIMA, Maria Roseane C. P. *Ingleses Pretos, Barbadianos Negros, Brasileiros Morenos? Identidades e Memórias (Belém, séculos XX e XXI).* Disponível em:

<http://www.ppgcs.ufpa.br/arquivos/dissertacoes/dissertacaoTurma2004-MariaRoseaneCPLima.pdf > Acesso em 02/10/2012

MATIJASCIC, V. B. “Haiti: uma história de instabilidade política”. Cenário Internacional, São Paulo, 14/07/2009. ISSN 1981-9102. Disponível em: <http://www.anpuhsp.org.br/sp/downloads/CD%20XX%20Encontro/PDF/Autores%20e%20Artigos/Vanessa%20Braga%20Matijascic.pdf> acesso em 12/11/2012 às 13:50h.

Matos MATTOS, C. L. G. de; A abordagem etnográfica na investigação científica. *Espaço* Informativo Técnico do Inês. Rio de Janeiro, v. sem. n. 16, p. 53-58, 2001.

MILESI, Rosita**.** *Brasil e os desafios da lei de migrações. Entrevista especial com Rosita Milesi.* disponível em : < **http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/505828-entrevista-especial-com-rosita-milesi-**> acesso em 12/03/2013

MILROY, Lesley; GORDON, Matthew. *Sociolinguistics: method and interpretation*. Oxford: Blackwell, 2003

MINUSTAH, Missão das Nações Unidas para a Estabilização no Haiti. Disponível em <**http://minustah.org/**> acesso em 10/11/2012 às 18:12h.

MOREIRA, Daniel Augusto. O método fenomenológico na pesquisa. São Paulo: Pioneira Thomson, 2002.

NARO, Anthony Julius. “O dinamismo das Línguas”. In: MOLLICA, M. Cecília. e BRAGA, M. Luiza (orgs.). **Introdução à Sociolinguística:** o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2003, pp.43-50.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes Oliveira e. Modelo Monitor, Hipótese do *Input* ou da Compreensão disponível em <**http://www.veramenezes.com/monitor.pdf**> acesso em 20/11/12 às 08:45h.

PERINI, Mário A. *A Língua do Brasil Amanhã e outros Mistérios*. São Paulo: Parábola, 2004

RAJAGOPALAN, Kanavilil, *Por uma Linguístca Crítica: linguagem, identidade e a questão ética*. São Paulo, Parábola Editorial, 2003.

REVUZ, C. "A língua estrangeira entre o desejo de um outro lugar e o risco do exílio". In *Linguagem e Identidade: Elementos para uma discussão no campo aplicado.* (Signorini [org.]) 1997. (p.213-230).

ROCHA, Luiz Carlos de Assis. *Estruturas Morfológicas do Português.* Belo Horizonte: Edtora daUFMG, 1998

RODRIGUES, Aryon. Língus Brasileiras. para um conhecimento das línguas indígenas. São Paulo: Loyola, 1986

RODRIGUES, Luiz Carlos Balga*. Francês, crioulo e vodu: a relação entre língua e religião no Haiti***.** Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2008

ROMAINE*, Suzanne.* Bilingualism. *Oxford: Basil Blackwell,* 1989

SARAMAGO, José. *Quantos Haitis? em Outros Cadernos de Saramago, publicado em* 18.02.2010*.* disponível em <http://caderno.josesaramago.org/104528.html> acesso em 13/01/2013

SEBBA, Mark.*Creole and Black English*. (2002) Disponível em <http://www.ling.lancs.ac.uk/staff/mark/resource/creole.htm> acesso em 15/01/2013

SCHÜTZ, Ricardo. *Assimilação Natural - Estudo Formal* . disponível em <http://www.sk.com.br/sk-laxll.html> acesso em 18/03/2013

SIGUAN, Miquel S. *Bilingüismo y lenguas en contacto*. Madrid: Alianza Editorial, 2001.

SILVA, Marina. *Ajuda também em Casa*. Folha de São Paulo, 13.01.2012, disponível em <**http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/19719-ajuda-tambem-em-casa.shtml**> acesso em 18/02/2013

SOUZA, Márcio. *Mad Maria*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1985

TEIXEIRA, Marco Antônio Domingues & FONSECA, Dante Ribeiro. *História Regional (Rondônia)*, Porto Velho. Rondoniana. 1998.

TEYSSIER, P. *História da língua portuguesa*. São Paulo, Martins Fontes. 1997.

THEOBALDO, Carlos Eduardo. *A contribuição Jesuítica na implantação do português do Brasil.* In Revista Espaço Acadêmico n. 87, agosto de 2008. Disponível em <**http://www.espacoacademico.com.br/087/87theobaldo.htm**> acesso em 23/06/2012.

VÉDRINE, Emmanuel W. *When you have a need for Kreyòl*. Outubro de 2010. Disponível em <http://www.potomitan.info/vedrine/sicrad.pdf> acesso em 10/11/2012 às 18:28h

WEINREICH, Uriel. *Languages in Contact*. Mouton & Co, 1968

NOTÍCIAS DE JORNAL:

The Guardian. WikiLeaks points to US meddling in Haiti <http://www.guardian.co.uk/commentisfree/cifamerica/2011/jan/21/haiti-wikileaks?INTCMP=SRCH> acesso em 12/11/2012 às 14:50h.

O Estado de São Paulo. *Autoridades do Haiti estimam mortos entre 30 mil e 100 mil* <http://www.estadao.com.br/noticias/internacional,autoridades-do-haiti-estimam-mortos-entre-30-mil-e-100-mil,495061,0.htm> acesso em 12/11/2012 às 14:45h.

ZANELLA Cristine Koehler e BERALDO, Maria Carolina Silveira. *ONU introduz epidemia de cólera no Haiti*. In Le Monde Diplomatique Brasil, 06/02/2012. Disponível em <http://www.diplomatique.org.br/artigo.php?id=1102> acesso em 26/11/2012 Às 16:29h

Para amenizar dificuldades, projeto ensina português a haitianos, em RO

http://g1.globo.com/ro/rondonia/noticia/2013/05/para-amenizar-dificuldades-projeto-ensina-portugues-haitianos-em-ro.html

19/10/2012 07h00 - Atualizado em 19/10/2012 07h01

Grávida, haitiana sonha que filho seja jogador de futebol no Brasil
http://g1.globo.com/ro/rondonia/noticia/2012/10/gravida-haitiana-sonha-que-filho-seja-jogador-de-futebol-no-brasil.html

ANEXOS

Outros Cadernos de Saramago

Quarta-feira, 12 de Janeiro de 2011

Quantos Haitis?

No Dia de Todos os Santos de 1755 Lisboa foi Haiti. A terra tremeu quando faltavam poucos minutos para as dez da manhã. As igrejas estavam repletas de fiéis, os sermões e as missas no auge... Depois do primeiro abalo, cuja magnitude os geólogos calculam hoje ter atingido o grau 9 na escala de Richter, as réplicas, também elas de grande potência destrutiva, prolongaram-se pela eternidade de duas horas e meia, deixando 85% das construções da cidade reduzidas a escombros. Segundo testemunhos da época, a altura da vaga do tsunami resultante do sismo foi de vinte metros, causando 600 vítimas mortais entre a multidão que havia sido atraída pelo insólito espectáculo do fundo do rio juncado de destroços dos navios ali afundados ao longo do tempo. Os incêndios durariam cinco dias. Os grandes edifícios, palácios, conventos, recheados de riquezas artísticas, bibliotecas, galerias de pinturas, o teatro da ópera recentemente inaugurado, que, melhor ou pior, haviam aguentado os primeiros embates do terramoto, foram devorados pelo fogo. Dos 275 mil habitantes que Lisboa tinha então, crê-se que morreram 90 mil. Conta-se que à pergunta inevitável "E agora, que fazer?", o secretário de Estrangeiros Sebastião José de Carvalho e Melo, que mais tarde viria a ser nomeado primeiro-ministro, teria respondido "Enterrar os mortos e cuidar dos vivos". Estas palavras, que logo entraram na História, foram efectivamente pronunciadas, mas não por ele. Disse-as um oficial superior do exército, desta maneira espoliado do seu haver, como tantas vezes acontece, em favor de alguém mais poderoso.

A enterrar os seus cento e vinte mil ou mais mortos anda agora o Haiti, enquanto a comunidade internacional se esforça por acudir aos vivos, no meio do caos e da desorganização múltipla de um país que mesmo antes do sismo, desde gerações, já se encontrava em estado de catástrofe lenta, de calamidade permanente. Lisboa foi reconstruída, o Haiti também o será. A questão, no que toca ao Haiti, reside em como se há-de reconstruir eficazmente a comunidade do seu povo, reduzido não só à mais extrema das pobrezas como historicamente alheio a um sentimento de consciência nacional que lhe permitisse alcançar por si mesmo, com tempo e com trabalho, um grau razoável de homogeneidade social. De todo o mundo, de distintas proveniências, milhões e milhões de euros e de dólares estão sendo encaminhados para o Haiti. Os abastecimentos começaram a chegar a uma ilha onde tudo faltava, fosse porque se perdeu no terramoto, fosse porque nunca lá existiu. Como por acção de uma divindade particular, os bairros ricos, em comparação com o resto da cidade de Porto Príncipe, foram pouco afectados pelo sismo. Diz-se, e à vista do que aconteceu no Haiti parece certo, que os desígnios de Deus são inescrutáveis. Em Lisboa as orações dos fiéis não puderam impedir que o tecto e e os muros das igrejas lhes caíssem em cima e os esmagassem. No Haiti, nem mesmo a simples gratidão por haverem salvo vidas e bens sem nada terem feito para isso, moveu os corações dos ricos a acudir à desgraça de milhões de homens e mulheres que não podem sequer presumir do nome unificador de compatriotas porque pertencem ao mais ínfimo da escala social, aos não-ser, aos vivos que sempre estiveram mortos porque a vida plena lhes foi negada, escravos que foram de senhores, escravos que são da necessidade. Não há notícia de que um único haitiano rico tenha aberto os cordões ou aliviado as suas contas bancárias para socorrer os sinistrados. O coração do rico é a chave do seu cofre-forte.

Haverá outros terramotos, outras inundações, outras catástrofes dessas a que chamamos

naturais. Temos aí o aquecimento global com as suas secas e as suas inundações, as emissões de CO_2 que só forçados pela opinião pública os governos se resignarão a reduzir, e talvez tenhamos já no horizonte algo em que parece ninguém querer pensar, a possibilidade de uma coincidência dos fenómenos causados pelo aquecimento com a aproximação de uma nova era glacial que cobriria de gelo metade da Europa e agora estaria dando os primeiros e ainda benignos sinais. Não será para amanhã, podemos viver e morrer tranquilos. Mas, di-lo quem sabe, as sete eras glaciais por que o planeta passou até hoje não foram as únicas, outras haverá. Entretanto, olhemos para este Haiti e para os outros mil Haitis que existem no mundo, não só para aqueles que praticamente estão sentados em cima de instáveis falhas tectónicas para as quais não se vê solução possível, mas também para os que vivem no fio da navalha da fome, da falta de assistência sanitária, da ausência de uma instrução pública satisfatória, onde os factores propícios ao desenvolvimento são praticamente nulos e os conflitos armados, as guerras entre etnias separadas por diferenças religiosas ou por rancores históricos cuja origem acabou por se perder da memória em muitos casos, mas que os interesses de agora se obstinam em alimentar. O antigo colonialismo não desapareceu, multiplicou-se numa diversidade de versões locais, e não são poucos os casos em que os seus herdeiros imediatos foram as próprias elites locais, antigos guerrilheiros transformados em novos exploradores do seu povo, a mesma cobiça, a crueldade de sempre. Esses são os Haitis que há que salvar. Há quem diga que a crise económica veio corrigir o rumo suicida da humanidade. Não estou muito certo disso, mas ao menos que a lição do Haiti possa aproveitar-nos a todos. Os mortos de Porto Príncipe foram fazer companhia aos mortos de Lisboa. Já não podemos fazer nada por eles. Agora, como sempre, a nossa obrigação é cuidar dos vivos.

(Texto publicado a 08 de Fevereiro de 2010)
publicado por Fundação Saramago às 00:01
http://caderno.josesaramago.org/104528.html

Primeira entrevista gravada: Informante 1 e Informante 2, 20/10/2012

As duas informantes, que aqui são apresentadas com nomes fictícios, I1-Julia e **I2**-Lorene, estavam arrumando os cabelos uma da outra:

Risos

Pesquisadora: Tá, o que eu quero é só gravar o seu português. Saber como você fala português. Você me entende?

Informante 1: Português? Eu não enten**de** muito.

Pesquisadora: Nada? Quanto português você fala?

Informante 2: hummm,(francês) não vou falar, vou falar

Pesquisadora: Nada? Quanto tempo no Brasil?

I2: É, Um mês

Pesquisadora: Só um mês? Um ano? Á Tá bom, um ano tá bom. Mas você só fala com haitiano? (apontando para o colega de quintal que só fala português) Com ele como você fala?

I1: Mas ela conversa **<u>com o</u>** patroa dela. Não sei como, a patroa dela ligou no telefone. Ela entende o que fala.

Como você fala com a patroa?

I1: **Ma** patroa só falar, **eu entender**

Pesquisadora: Hum hum, eu também entendi você agora. (risos) Quando você tenta, você consegue, né?

I2: É.

Pesquisadora: Um ano no Brasil? Onde você morava lá, no Haiti? Ela (Julia) morava no sítio.

I1: **Essa é** mesmo sítio que eu.

Pesquisadora: Onde é o sítio, como chama a cidade?

I2: Lian (francês) Lian cu (procurar no mapa)

Pesquisadora: Você sabe que esse nome em português esse nome é feio, né?

I1 e I2: É rsrsrsrs (francês Haiti, Haiti, sabe que ela é do Haiti, mas ....Lian Court)

I1: Sabe que ele é Haiti, mas ...(confusão)..... Lian Cou

Entrevistadora: Mas no Brasil cu é palavrão. (Risos) Sabia?

I1: Mas não escreve igual, non. É, R nós tem tem **c o u r** e **t**. Mas não fala curt, não, é Lian Cur, só.

Entrevistadora: Ah, que é de court, alguma coisa assim. por causa do francês. Nossa, sai facinho... (A **I1** estava penteando o cabelo e fazendo trancinhas)

I2: Ahn, **coment** se **sama** ham?

Entrevistadora: Eu, Graça, meu nome é Graça.

I2: Ah, Graça, Graça, eu Lorene.

Entrevistadora: Lorene, que nome bonito. Mas é Naomi mesmo? Porque ela inventou nome.

I2: É Lorene,

I1: É Lorene mesmo ela.

Confusão

Entrevisadora: Lorene mesmo é bonito. Julia também é bonito.

I1: Eu meu nome chama Juliene, aí o sr. Que cuida de nós mesmo. Ai me olhou faz você é Julia, que Juliene, Juliene dá dor de cabeça, vai, vai, vai. E aí todo mundo me chamam de Júlia.

Entrevistadora: Você tem muita dor de cabeça?

I2: Não

Entrevistadora: Porque ela vive com dor de cabeça. (Risos) Ela diz que é o cabelo que dá dor de cabeça. O teu não dói, não?

I2: Não.

Entrevistadora: Não?

I1: Eu não faz muito duro igual todos faz**.** (aqui ela se refere às tranças, que não faz muito apertadas, evitando assim que a pressão nos cabelos fira o couro cabeludo)

Entrevistadora: Se não dói muito, né? Tá, vou parar aqui, senão fica muito comprido. E começar de novo.Segunda entrevista, 28/10/2012

Entrevistadora: De novo, vou começar de novo, já comecei. Mas eu não posso fazer nada com ela se você não me deixar usar. Você tem que me deixar usar, senão... Você fica brava se eu usar a gravação?

I2: Não (Falando francês)

Entrevistadora: Você sabe ler?

I2: Não

Entrevistadora: Nem em francês?

I2: en **portugais**...

Entrevistadora: não tem problema, é isso que eu quero saber..

I1: porque a moça falou pra mim que vou trabalhar das onze até fechar a loja

Acho que vou trabalhar domingo também.

Entrevistadora :Você foi pra escola aqui no Brasil:

I2: sim

Entrevistadora: Onde?

I2: longe, na escola

I1: é perto da Casa do Boi. É longe pra lá;

Entrevistadora:mas como chamava a sua professora?

I2: Ai, meu Deus. Muito professor

Entrevistadora: Marília?

I2: si, muito, muito professor

I1: ela foi ontem, mas não tinha professor...

I2: É, português é muito difícil (difícil)

Entrevistadora:O quê?

I2. Isséqui as vzes eu conversar, tá com fome frances.

Entrevistadora: as pessoas não tem paciência ou é você que não tem?

I2: esse qui não tem paciência

É muito diferente o português?

I2: a fala, si, tá

Entrevistadora: com a sua patroa, como você fala?

I2: la patroa se escrivi, ahn, laptop, ah, BRAsil ah francês

(Nesta entrevista fica evidente a dificuldade com a língua portuguesa da recém-chegada. A informante 2 ainda entende pouco português e sua patroa não fala nada em francês. Então, ambas se comunicam através do lap top. Quando a patroa precisa dizer algo, ela digita no computador e usa o tradutor para que a mensagem seja lida em francês. Esta informante chegou a ir à escola, mas ainda não conseguiu estabelecer uma frequência, pois acha que a escola é muito longe.)

Entrevista gravada no dia 20/10/2012

Mi nome é Jean Claude

Idade. Eu nasci de 7 de junio oitenta e uno. Sexo mascülino, masculino (31 anos)

Profession: profecssion armador. Trabalhar em Jilau. ..nome da família

00:31- Lá eu trabalhar como, eu em Haiti trabalhar como recepcionis do hotel. Aqui em Porto Velho no hotel paga mais pouco, não posso trabalhar. Se trabalhar em hotel não dá pra mim pra ajudar minha mundo e a minha família. Eu trabalhar como armador e, Jilau a ajudar minha família.

Minha família ficou lá minha mulher, eu homem casado, tenho um filho. Meu filho se chama Andelson Gustavo.

01:28-REligion, eu sou batista iglesia de batista.

01:42-Eu sou como si planta. Não posso como falo as coisas. Ok. Pra planta arroz e a planta de arroz on faz como nasce semenzza quando clece montila pa plantar quando que tem mais água la terra que tem mais água pra plantar

Quando faz semenzza espela um mês e meia, dois meses pra levar pra planta donde que tem bastante agua pra crescer mais pra fazer arroz. *fazer por produzir*

02:42 - Algunas veses quando saiu de escuela as vezes ajuda minha mae ela (el)tem plantação de arroz.

02:55-No, eu perta de la república dominicana.

As veses quando tem ciclona faz desastre quando não tem ciclona tá nomal.

03:30 Eu veio pro Blasil de avião e de ônibus (oni'bus). Eu pass la Republica dominicana de equador, de equador pa Pelu pa Porto Maldondado pa Inhampali. Quando eu chego pa Inhampali corre e paga ducento dólar americana pa cusar la frontela. Entla em Basileia, Acle.

04:08 - Hum? Não tem poblema so pagar ducento dólar.

04:20 - ... tlaz muitos coisa. Homem só una maleta. Mulhe tem dos ou 3 maleta. Porque quando você viaja assi não tem espaço pa corre todo. Porque carro pequeno, carro que entra nos mã muito pequeno. Eu tem uma maleta bien arrumadita, entra Eu não példi nada. Muitas mulheres perde suas coisa. Por que são muitos maleta .

Los Homi casi não perdi nada.

05:13 - Quando achi entre no Blasil não sabe falar nada. Só sabe falar bom dia. Agola Glaças a Deus eu sabe conversar mais um pouco.

05:21 - Eu tá aqui como nove mês.

Fim da primeira parte

Manda dinhelo pa comiendo aí não faz nada, fica no hotel só comendo não faz nada só comendo não faz nada, fica qui tlablhando é aqui que conta.

Porque na majolia É pouco haitiano que fala português. Porque algunas, Haitianos são nacionalidades muito inteligente, porque entendem o blasilelo. E não tem, não tem,l a majolia não fala. Um pouco que fala. Só 15 por ciento que fala.

Quando tabaiei em Acle, faz um curso às beses eu me vem um dia num vem. As beses quando tem fome não vai porque la comida ta muito difícil. A comida não chega la hola. Chega la nove hola com a comida as bese chega a la doze hola. As vese que jega que só num da pa todo. As bese eu não acho comida. Eu nove e u la na sete já tem fomi nom podi.

Eu gosto muito de Blasil. De Blasil eu gosto também não tem problema.

Si, algunas, porque quando eu taba la te muitcho amigo soldado, não tinha problema com eles porque conversando eles falam é assim que fala bondju, como vai tchu. Assim porque la lengua nossa um poco mais dificil, mas eles falam.

La di veldade. Quando eu taba trabalhar en Haiti. Qualquer pessoa quando ela mora em su pais é melhor pla ele, Porque como em Haiti tem muitcho terremoto, tem muita dificuldade muito ciclona, aqui é melho pa nos vive.

Eu ta estudando eu quele estudar, pa iscleve como basilelo pa fala como blasilelo. E no hotel salalio menor.

Camargo e Correia Jilau.

Muito obligado

Segunda entrevista, 28/10/2012

Entrevistadora: De novo, vou começar de novo, já comecei. Mas eu não posso fazer nada com ela se você não me deixar usar. Você tem que me deixar usar, senão... Você fica brava se eu usar a gravação?

I2: Não (Falando francês)

Entrevistadora: Você sabe ler?

I2: Não

Entrevistadora: Nem em francês?

I2: en **portugais**...

Entrevistadora: não tem problema, é isso que eu quero saber..

I1: porque a moça falou pra mim que vou trabalhar das onze até fechar a loja

Acho que vou trabalhar domingo também.

Entrevistadora :Você foi pra escola aqui no Brasil:

I2: sim

Entrevistadora: Onde?

I2: longe, na escola

I1: é perto da Casa do Boi. É longe pra lá;

Entrevistadora:mas como chamava a sua professora?

I2: Ai, meu Deus. Muito professor

Entrevistadora: Marília?

I2: si, muito, muito professor

I1: ela foi ontem, mas não tinha professor...

I2: É, português é muito difícil (difícil)

Entrevistadora:O quê?

I2. Isséqui as vzes eu conversar, tá com fome frances.

Entrevistadora: as pessoas não tem paciência ou é você que não tem?

I2: esse qui não tem paciência

É muito diferente o português?

I2: a fala, si, tá

Entrevistadora: com a sua patroa, como você fala?

I2: la patroa se escrivi, ahn, laptop, ah, BRAsil ah francês

(Nesta entrevista fica evidente a dificuldade com a língua portuguesa da recém-chegada. A informante 2 ainda entende pouco português e sua patroa não fala nada em francês. Então, ambas se comunicam através do lap top. Quando a patroa precisa dizer algo, ela digita no computador e usa o tradutor para que a mensagem seja lida em francês. Esta informante chegou a ir à escola, mas ainda não conseguiu estabelecer uma frequência, pois acha que a escola é muito longe.)